

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**

**MULHER, MEIO AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: UM
ESTUDO COM ARTESÃS DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI-RS**

Bernardete Bregolin Cerutti

UNIVATES

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**MULHER, MEIO AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: UM
ESTUDO COM ARTESÃS DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI-RS**

Bernardete Bregolin Cerutti

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

Lajeado, abril de 2010

BERNARDETE BREGOLIN CERUTTI

MULHER, MEIO AMBIENTE E MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO COM ARTESÃS DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI-RS

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES.

Prof. Dr. Valdir Jose Morigi (Orientador)

Centro Universitário UNIVATES

Profª. Drª. Marlise Heemann Grassi (Co-orientadora)

Centro Universitário UNIVATES

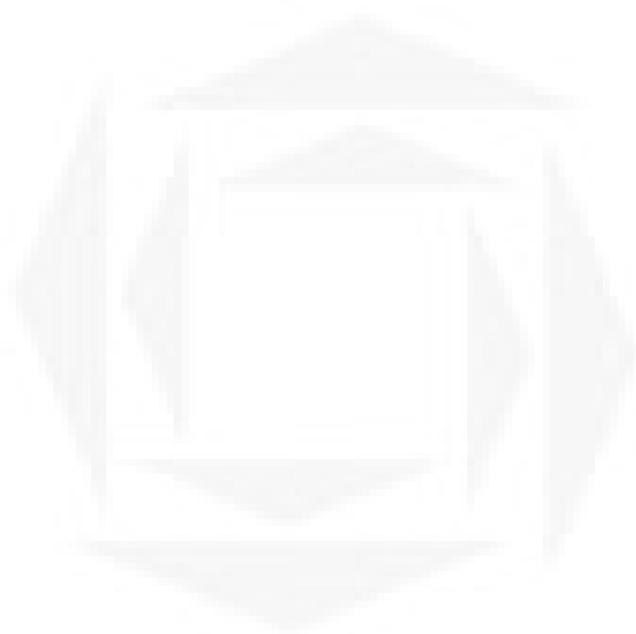
Prof. Dr. Odorico Konrad

Centro Universitário UNIVATES

Profª. Drª Ilza Maria Tourinho Girardi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lajeado, abril de 2010



UNIVATES

Dedico este trabalho as minhas avós, Regina e
Tarcila (*in memoriam*), e a minha mãe, Leide,
mulheres, desbravadoras, guerreiras.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de uma longa e desafiadora caminhada. Ao optar em fazer este percurso, sabia que não estava sozinha, por isso agradeço de maneira especial:

- aos meus pais, Leide e Ely, pelos ensinamentos, pelo cuidado e carinho constante. Amo vocês!;

- aos meus irmãos, Karina e Jeremias, pela presença e incentivo aos meus propósitos;

- a meu marido, Marco Daniel, pelo apoio incondicional às minhas escolhas. Caminhar contigo me faz uma pessoa melhor. Com todo o meu amor, muito obrigada;

- ao professor orientador, Dr. Valdir Jose Morigi, por acreditar, estimular e me acompanhar com dedicação na construção desta pesquisa; por me provocar a andar observando pequenos sinais, apropriando significativos conhecimentos. A disciplina “Cultura, Cidadania e Meio Ambiente” que ministraste neste Programa de Pós-Graduação será sempre lembrada, não apenas por trazer novas reflexões para a análise e compreensão dos temas, mas também pela atitude de acolhimento, respeito e solidariedade. És exemplo de pessoa amável e competente. Sou muito grata pela sua orientação;

- à professora Dr^a Marlise Heemann Grassi, de quem tive o privilégio de ter sido sua aluna na disciplina de “Metodologia do Ensino Superior”, em 2000, no Centro Universitário UNIVATES. Passados dez anos, tenho a felicidade de tê-la como co-orientadora. Obrigada pela atenção e pelas pertinentes sugestões dadas a este trabalho;

- à professora Dr^a Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro, pela disponibilidade e pelas contribuições na banca de qualificação deste estudo;

- à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, aos professores e funcionários que integram a equipe, pela atenção em todos os momentos;

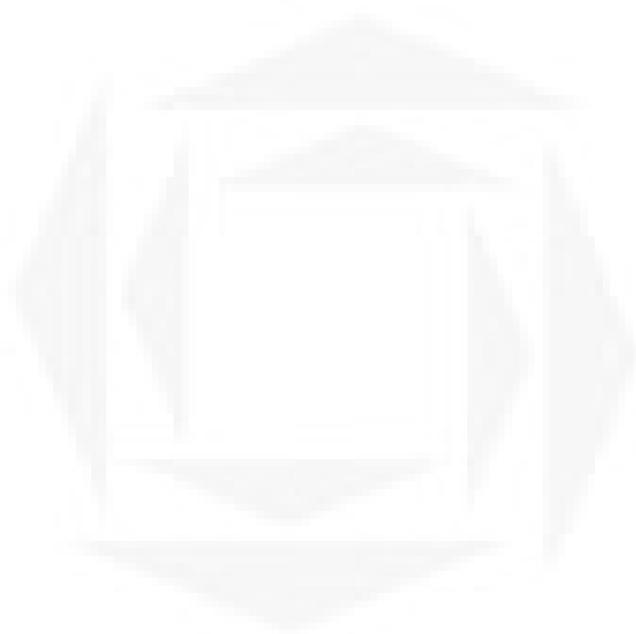
- aos amigos que partilham as alegrias e as dificuldades, saibam que estão sempre na minha lembrança e no meu coração. Com vocês me sinto mais feliz e forte. Com carinho à Andréa Cristina B. Lazzari, Cíntia Agostini, Elizete Júlia Frare, Elizete Vargas, Lisângela da Silva Antonini, Luís Carlos Dick, Maria Inês Cherini, Maria Helena Pretto, Sérgio Luis B. Flôr e Valmir Arlei Feil, por constituírem minha fonte de alegria, afeto, cumplicidade e inspiração;

- aos colegas de trabalho, Ardêmio, Caroline, Cláudia, Cristiani, Estela, Luiz, Marcos e Paulo, pela convivência e aprendizado. Vocês representam, para mim, o verdadeiro sentido da promoção do desenvolvimento regional sem esquecer o global;

- aos colegas do mestrado, oriundos de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, com distintas formações, tornando as discussões ainda mais ricas. Sou grata à Alessandra, à Edí, à Giovana, à Sandra e à Simone pela amizade que construímos;

- às mulheres artesãs da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, pela receptividade, envolvimento e confiança em mim para a realização deste estudo. A responsabilidade, o zelo, a criatividade, a harmonia e a paixão expressos na produção de cada peça artesanal evidenciam as profissionais especiais que são, de espírito e alma; e

- a Deus, pela glória de viver e conviver!



UNIVATES

O artesanato não quer durar milênios nem está possuído da pressa de morrer prontamente. Transcorre com os dias, flui conosco, se gasta pouco a pouco, não busca a morte ou tampouco a nega: apenas aceita este destino. Entre o tempo sem tempo de um museu e o tempo acelerado da tecnologia, o artesanato tem o ritmo do tempo humano. É um objeto útil que também é belo; um objeto que dura, mas que um dia porém se acaba e resigna-se a isto; um objeto que não é único como uma obra de arte e que pode ser substituído por outro objeto parecido, mas não idêntico. O artesanato nos ensina a morrer e, fazendo isto, nos ensina a viver.

Octavio Paz

RESUMO

A sociedade mundial, baseada no modelo industrial de desenvolvimento econômico, está vivendo um momento de crise ambiental na qual se evidenciam as interferências das relações entre o homem e a natureza, trazendo impactos que afetam todos os seres vivos do planeta. Esta dissertação partiu dos pressupostos de que os limites da natureza frente ao crescimento econômico são esgotáveis e de que ações práticas de reduzir o consumo, reutilizar e reciclar materiais podem contribuir para um modo de vida sustentável. No entanto, a construção de modo de vida sustentável só se torna possível com a participação dos diversos atores sociais, entre eles as mulheres. A pesquisa estudou um grupo organizado de nove mulheres participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, tendo por objetivo compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino auxiliam na preservação do meio ambiente e na construção de um modo de vida sustentável. A metodologia de estudo de caso auxiliou na coleta dos dados empíricos, bem como na articulação desses dados com a teoria para realizar as análises. As fontes de informações utilizadas neste estudo foram: entrevistas semiestruturadas e diário de campo, com imagens fotografadas e observações das práticas do trabalho artesanal feminino. As evidências resultantes desta investigação mostram que o uso de material reciclado, o reaproveitamento de matéria-prima e a restauração de peças, na prática do trabalho artesanal feminino, são iniciativas e atitudes que apontam novo comportamento, contribuindo para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Meio ambiente. Modo de vida sustentável. Prática do trabalho artesanal feminino.

ABSTRACT

World society based in the industrial model of economic development is facing moments of environmental crisis which reveal interferences on relations between man and nature concerning the impacts that affect all beings on planet. This dissertation emerged from the presupposing that the limits of nature facing the economic growth are extinguishable and practices to reduce the consumption, reuse and recycle goods can contribute for a sustainable way of life. However, the construction of a sustainable way of life may only be possible by the participation of several social actors; among them, women. The research studied an organized group of nine women belonging to the Association of Artisans from Taquari Valley, aiming to understand how female craftwork helps in the preservation of environment and the construction of a sustainable way of life. The case-study methodology helped to collect empirical facts and to articulate data and theory in order to carry out analyses. The information source for the present study was taken from semi-structured interviews and reports with photographed images and observations on the practices of female craftwork. The results show that using recycled goods, reusing raw material, and restoring pieces, in the practice of female craftwork, are initiatives and attitudes which lead to a new behavior contributing for the preservation of environment and the construction of a sustainable way of life.

KEY-WORDS: Environment. Sustainable way of life. Practices of female craftwork.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DAWN - Desenvolvimento com as Mulheres para Uma Nova Era

ELCI - Centro Internacional de Ligação Ambiental

FENNEART – Feira Nacional de Negócios do Artesanato

FGTAS - Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

IPPF - Federação Internacional do Planejamento Familiar

IUNC – União Internacional para a Conservação da Natureza

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

OECD - Grupo de Mulheres Peritas em Desenvolvimento da Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento

ONG – Organização Não-Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PAB – Programa do Artesanato Brasileiro

PGA – Programa Gaúcho do Artesanato

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SINE – Sistema Nacional de Emprego

SWAGSD - Conselho Superior de Mulheres sobre Desenvolvimento Sustentável

UNCED - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

UNEP - Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WEDO - Organização das Mulheres para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente

UNIVATES

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – Caracterização das mulheres-artesãs participantes da pesquisa Mulher, Meio Ambiente e Modo de Vida Sustentável: um estudo com artesãs da região do Vale do Taquari/RS.....	57
---	----

UNIVATES

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

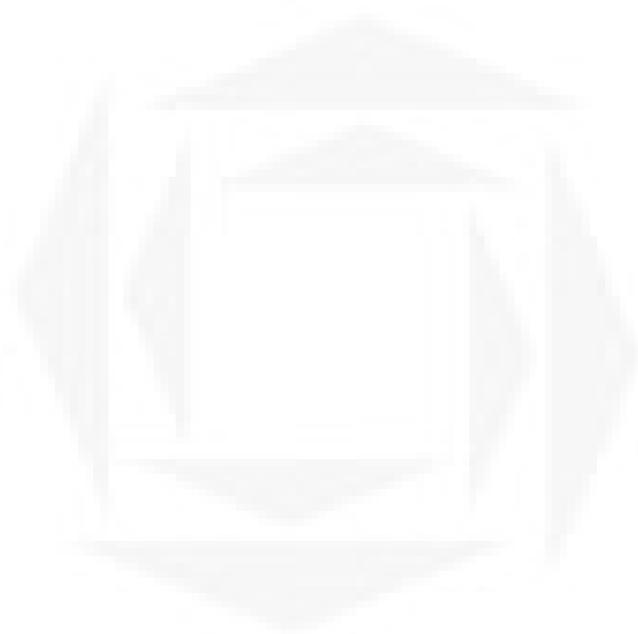
FIGURA 1 - Feira de Artesanato da Associação dos Artesãos do Alto Taquari.....	93
FIGURA 2 - Panos de prato, pintados à mão, pela artesã Beatriz.....	107
FIGURA 3 – Porta-guardanapos e palitos, de madeira e biscuit, criado pela artesã Cristina.....	108
FIGURA 4 - Enfeites, com retalhos de tecido, criados pela artesã Marinês.....	109
FIGURA 5 - Porta chá, de vidro reciclado, criado pela artesã Ângela.....	109
FIGURA 6 - Porta brinquedos, de lata reciclada, criado pela artesã Elisa.....	110

UNIVATES

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	21
2.1 Trajetórias de vida que se entrelaçam	21
2.2 Indagações da pesquisa.....	31
2.3 Objetivos	32
2.3.1 Objetivo geral	32
2.3.2 Objetivos específicos.....	32
2.4 As fontes e o cenário da pesquisa	33
2.5 Delineamento da pesquisa	40
2.6 A primeira impressão (é a que fica).....	42
2.7 As mulheres-artesãs-participantes	44
3 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO PAPEL DA MULHER, MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL E ARTESANATO.....	59
3.1 Gênero e cidadania: um caminho em construção	67
3.2 A participação da mulher no mercado de trabalho	71
3.3 Desenvolvimento sustentável e modo de vida sustentável: da visão economicista à visão integradora.....	74
3.4 Artesanato: reciclando práticas	81
3.4.1 Origem, definição e categorias do artesanato	81
3.4.2 Organização do trabalho artesanal	85
3.4.3 Perspectivas das organizações artesanais	88
4 PRÁTICAS DO ARTESANATO DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI NA CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL	91
4.1 Feiras artesanais: a organização, as relações e motivações	91
4.2 Saberes, experiências e entendimentos das mulheres-artesãs	96
4.3 Práticas do trabalho artesanal feminino para a construção do modo de vida sustentável	102

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS.....	128



UNIVATES

1 INTRODUÇÃO

A sociedade mundial, baseada no modelo industrial de desenvolvimento econômico, está vivendo um momento de “crise ambiental”. Nela se evidenciam impactos decorrentes das relações entre o homem e a natureza que afetam todos os seres vivos do planeta. Efeito estufa¹, diminuição da camada de ozônio², alteração nos padrões de chuva, industrialização, crescimento demográfico, urbanização, produtividade e consumo excessivo, coleta e destinação do lixo, violência, desemprego, pobreza e doenças epidêmicas³ marcam presença nesta sociedade considerada moderna.

Nesse modelo de desenvolvimento se tem evidenciado a dificuldade de perceber, prever e calcular novos riscos. Essa dificuldade está traduzida na teoria da Sociedade de Risco (*Risk Society*), apontada por Ulrich Beck, autor que se destacou entre os teóricos sociais, após a publicação da referida teoria na língua alemã em 1986 e edição em inglês em 1992. A ideia central da sua teoria é que, na modernidade, a produção social de riqueza é acompanhada pela produção social de riscos, ou seja, diante da modernidade industrial, caracterizada pela produção extrema, pelo uso indiscriminado dos recursos naturais e pela má distribuição de

¹ Resulta da queima de combustíveis fósseis que liberam dióxido de carbono e outros gases que, associados ao desflorestamento, produzem uma espécie de estufa, originando o aquecimento da atmosfera.

² Refere-se ao estrato atmosférico com altura de 30 a 50 quilômetros da superfície da Terra. Sua destruição faria desaparecer a proteção contra as radiações ultravioletas provocando enfermidades.

³ Entre as doenças epidêmicas estão: a dengue, a tuberculose, a febre amarela e a gripe Influenza A (A1N1).

bens, o desenvolvimento científico e tecnológico não consegue prever e controlar os riscos que foram criados pela própria ciência e tecnologia, gerando graves consequências para a saúde humana e para o meio ambiente.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento científico e tecnológico propicia melhores condições de viver e de produzir, gera quase que proporcionalmente uma série de riscos e ameaças, colocando a população e o meio ambiente numa situação de exposição a contaminações e degradações nunca antes observadas. A construção de grandes barragens, por exemplo, fornece água e energia, mas desloca pessoas das suas terras e dos seus modos de vida; a modificação genética de plantas proporciona novas condições de aproveitamento da natureza, mas pode causar o surgimento de superpragas resistentes a herbicidas que antes controlavam a propagação de pragas então existentes.

Nessa perspectiva, o homem, impulsionado pelo progresso industrial e pelos avanços tecnológicos e científicos, passa a viver e se relacionar com a imperceptividade (mutação genética), a imprevisibilidade (experiência passada não garante orientação presente), a incalculabilidade (novas tecnologias e seus efeitos), a irreversibilidade (deformidade decorrente de contaminação ambiental) e a incompensabilidade (incapacidade de calcular e valorar efeitos destrutivos produzidos). Trata-se de categorias de risco produzidas pela modernidade industrial e técnico-científica, sem que se saiba quem são os agentes agressores responsáveis, mas somam-se à atual crise socioambiental.

Esse cenário leva a crer que se está diante do fracasso do modelo industrial capitalista. Economia e Ecologia, apesar de descenderem da mesma raiz grega *oikos*, que significa casa, distanciaram-se ao longo do tempo, no entanto, parecem necessitar de reconciliação, na qual estejam presentes valores humanos e ambientais. Frente a essa necessidade, nos finais dos anos 60 e início dos anos 70, muitas discussões sobre a preservação da natureza e a adoção de modo de vida sustentável ocorrem.

Ecologistas, biólogos, cientistas, líderes políticos, ativistas de entidades não-governamentais, administradores, economistas, entre outros, começam a admitir a possibilidade de novo modo de vida, conciliando crescimento econômico e

desenvolvimento, enquanto o mercado começa a perceber o movimento ambiental como necessidade para a própria manutenção da sociedade.

O crescimento econômico é um fator muito importante para o desenvolvimento, porém não há desenvolvimento se os benefícios do crescimento não proporcionarem melhorias, compreendidas, em seu sentido mais amplo, por qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, ou ainda, por novo modo de vida em que sejam consideradas as pessoas e a natureza; integre trabalho e lazer, imaginação, sonho, utopia, emoção e produção; seja um caminho coletivo que leve a outro caminho, caminho de muitas caminhadas, caminho que não se caminha sozinho (BOFF, 1999, 2008).

Assim se constitui este estudo, partindo dos pressupostos de que os limites da natureza frente ao crescimento econômico são esgotáveis e de que o homem também é responsável pela crise ambiental atual. Como único ser capaz de intervir de forma a preservar o meio em que vive e que deste necessita, ações práticas de reduzir o consumo, reutilizar e reciclar materiais podem contribuir para um modo de vida sustentável. No entanto, a construção de modo de vida sustentável só se torna possível com a participação de uma rede social composta de diversos atores sociais, entre eles as mulheres.

As experiências com a reprodução biológica, com o cuidado familiar e com o respeito à terra evidenciam o conhecimento e a competência da mulher em ajudar a repensar o modo de vida, as formas de produção e reprodução dos padrões de consumo existentes.

Ao longo da trajetória de lutas por justiça, igualdade social e equidade de gênero, a mulher vem conquistando espaços. Um desses espaços é representado pela sua presença no mercado de trabalho em atividades artesanais, seja de forma autônoma, seja vinculada a uma associação, cooperativa ou pequena empresa. Além de se constituir em valor econômico, cultural e social, essa atividade possibilita um outro tipo de relação com o ambiente, ligada à preservação de costumes e à consciência ecológica, por meio da reciclagem de materiais.

Nesse contexto o processo de investigação desta dissertação se desenvolve, ou seja, a partir de um grupo organizado de mulheres participantes da Associação

dos Artesãos do Alto Taquari⁴, buscam-se elementos para compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. Não se pretende aqui avaliar, medir e/ou acompanhar a destinação dos rejeitos da produção das artesãs e do consumidor de artesanato, pois isso implicaria em outra pesquisa.

Saber o que as mulheres pensam sobre suas práticas artesanais, sobre meio ambiente e modo de vida sustentável são o foco e a motivação desta pesquisa. O Brasil é carente de estudos acadêmicos nessa área, o que também justifica sua importância, pois existe a necessidade de reorientar o comportamento da sociedade, numa perspectiva de equacionar economia e natureza, logo, desenvolvimento econômico e modo de vida sustentável.

O artesanato, presente ao longo da história da humanidade, tem representado um importante modo de produção. Mesmo com o modelo industrial de desenvolvimento econômico da sociedade contemporânea, as organizações do artesanato sobrevivem e, embora não tenham sido consideradas pela teoria das organizações, no Brasil, começam a ser percebidas como atividades capazes de gerar desenvolvimento econômico e social, compreendido por trabalho e renda, comércio justo e solidário, resgate e valorização da identidade cultural (local e regional), respeito e preservação ambiental.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) evidenciam isso, ou seja, 8,5 milhões de pessoas estão inseridas em atividades artesanais no país, das quais, 87% são mulheres (ANUÁRIO DO ARTESANATO, 2008), gerando inclusão e renda. Nesse processo, o uso de materiais reciclados destaca-se, com aumento de 17%, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE – Relatório Perfil dos Municípios Brasileiros: Cultura 2006).

⁴ A expressão “Alto Taquari” e a “Baixo Taquari” são autodenominações históricas empregadas para identificar as cidades da região a partir de seu relevo. Daí o nome da Associação dos Artesãos do Alto Taquari. Com a criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Lei nº 10.283, de 17 de outubro de 1994, e Decreto nº 35.764, de 28 de dezembro de 1994, a denominação da região foco deste estudo é Vale do Taquari, razão do título do presente trabalho de pesquisa.

A partir do estudo das práticas do trabalho artesanal com uso de materiais reciclados, acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir para a reflexão sobre as formas diferentes de pensar, de imaginar, de olhar, de sentir, de significar, de valorizar e de agir dos atores sociais. A qualidade de vida dos indivíduos e do conjunto de elementos naturais e artificiais que propiciam o modo de vida sustentável em todas as suas formas dependem, em maior proporção, da iniciativa do ser humano. Por isso, a capacidade de compreensão e respeito a tudo o que nos cerca permite (trans)formar e, aos poucos, modificar a própria existência. Em última análise, permite a construção de novo modo de vida.

Partindo dessas considerações, a dissertação está estruturada em cinco capítulos, incluindo a “Introdução”, que abordou os impactos decorrentes da sociedade contemporânea, tendo por base o modelo industrial de desenvolvimento econômico, e a necessidade de mudanças nas percepções e nas maneiras de pensar e agir. Partindo de um grupo organizado de mulheres artesãs, buscaram-se elementos para compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável.

No segundo capítulo, denominado “A construção do objeto da pesquisa”, trazem-se narrativas das construções/desconstruções pessoais, as quais rebelam diferentes formas de como se instituem os saberes. Constam, ainda, as indagações, os objetivos, as fontes de informações utilizadas e o cenário do estudo desta pesquisa, mostrando os caminhos metodológicos percorridos. Numa abordagem qualitativa, são estabelecidas considerações sobre as técnicas de coleta de informações, as impressões do primeiro contato com o universo pesquisado e o perfil das mulheres-artesãs participantes do estudo.

Por sua vez, no terceiro capítulo são descritos e interpretados aspectos importantes das “Perspectivas históricas do papel da mulher, modo de vida sustentável e artesanato”, evidenciando a trajetória de lutas por justiça, igualdade social e equidade de gênero. Aborda a participação feminina no debate sobre desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU), a partir dos anos 70, a qual contribui para importantes conquistas relativas à mulher, e conhecimento sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Destaca que o ingresso da mulher no

mercado de trabalho tornou-se um dos movimentos mais influentes da modernidade, incorporando profundas transformações sociais.

A relação que surge entre a participação feminina na ONU e seu crescimento no espaço público é que as mulheres sempre foram identificadas com a natureza. A natural sensibilidade e o cuidado que, enquanto ser humano, a diferenciam do homem, a fazem possuir maior percepção do mundo, levando-a a considerar os sistemas ao seu redor como componentes importantes do cotidiano da sua vida. A prática do trabalho artesanal feminino é um exemplo dessa percepção, abordada neste capítulo, revelando sua permanência ao longo da história da humanidade e sua importância na atualidade, na medida em que representa uma alternativa de desenvolvimento econômico e social, especialmente às mulheres.

O quarto capítulo, denominado “Práticas do artesanato da região do Vale do Taquari na construção do modo de vida sustentável”, dedica-se a compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. Para isso, procura-se conhecer a organização e o desenvolvimento das feiras artesanais promovidas pela Associação dos Artesãos do Alto Taquari e ouvir narrativas sobre o entendimento das artesãs em relação ao tema Mulher, Meio Ambiente e Modo de Vida Sustentável, com observações e imagens fotografadas das práticas dos seus trabalhos artesanais.

Finalizando, no quinto capítulo são realizadas as “Considerações finais”, a partir das narrativas das artesãs pesquisadas, apontando para o entendimento de que, com criatividade, habilidade e visão de futuro, é possível ser mais do que uma produtora artesanal, é possível ser uma construtora ativa de um modo de vida sustentável.

2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

A pesquisa tem início com lembranças pessoais, descritas em forma de narrativa, que fazem parte da minha trajetória de vida e da rede de relações com o trabalho feminino, meio ambiente e modo de vida sustentável. Assim, com o reviver através das lembranças do passado vivido, a partir do presente, foi possível refletir sobre as possibilidades de mudanças nos padrões de comportamento atuais na construção de um modo de vida sustentável.

2.1 Trajetórias de vida que se entrelaçam

Recuperar fragmentos das lembranças dos acontecimentos do passado é percorrer um caminho sinuoso, de difícil acesso, pois nem sempre as encontramos intactas como vivemos. Porém, conservam-se automaticamente e “[...] nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar [...]” (BERGSON, 2006, p.47-48), na tentativa de estabelecer parâmetros que possam ancorar os sentidos da nossa ação atual e futura.

A tessitura desta pesquisa parte das minhas lembranças, que remetem ao passado, por volta de 1974, quando eu, aos seis anos de idade, e minha prima Juliana, que morava em Estrela-RS, passávamos as férias de inverno na casa da avó (materna) Regina, em Putinga-RS, cidade onde nasci e cresci. Adorávamos

quando chovia, pois o dia seria dedicado a brincar dentro de casa, fazendo trabalhos manuais. Como em toda casa de avós de imigração italiana, a mesa tinha que ser farta, com muita variedade de comida. Então, ela iniciava os trabalhos preparando a massa do pão, com bastante quantidade de ingredientes. A levedação da massa era aguardada ansiosamente por mim, minha prima e meu tio Samuel, uma vez que a nossa efetiva participação iniciava a partir dela. Enquanto esperávamos, vovó estimulava nosso imaginário para a criação dos formatos que o pão iria tomar com a nossa intervenção, acionando que providenciássemos os confeites. Não havia limite para a criatividade: fazíamos pães em formato de pessoa, flor, borboleta, cobra, sapo, ônibus, e os confeites eram sementes, como feijão para os olhos e milho para os dentes, palha de milho para fazer a roupa e acessórios e raspa de limão⁵ para os acabamentos.

Assim, o pão, resultado do nosso trabalho coletivo, não era apenas um alimento que nos sustentava, possuía uma dimensão simbólica, pelo modo como era feito, que se misturava aos afetos e às ações da vida diária, aprendizado assimilado por nós (crianças) como um espaço lúdico. Nesses momentos, tínhamos a liberdade de criar e expressar ideias, ajudando-nos uns aos outros. O respeito e o cuidado com a terra e os animais eram sempre valorizados e reforçados através das orações, realizadas com os familiares antes de cada refeição.

Entre os momentos de recordação da minha infância, lembro do chá de erva-mate que a minha avó paterna, Tarcila, preparava. Com bule de alumínio e coador de pano, o pó de erva-mate recebia, delicadamente, e aos poucos, água quente, inalando um perfume indescritível e inesquecível. Enquanto o chá escorria no bule, arrumávamos a mesa para o lanche da tarde, com toalha xadrez, xícaras brancas e biscoitos de manteiga.

Nessas ocasiões agradáveis da vida familiar, durante o lanche, minha avó adorava contar histórias sobre sua experiência profissional, de quando era solteira, manifestando satisfação e alegria em ter lecionado em escola municipal, para séries iniciais, no final da década de 30 e início da década de 40. Estudar e ter uma profissão eram valores compreendidos por ela como um modo de vida, embora, na

⁵ Raspa de limão refere-se à casca de limão raspada ou ralada, utilizada em panificação e confeitaria.

prática, a vida era regida pelos padrões da sociedade patriarcal. Ou seja, com o casamento, deixou o ofício de professora, dedicando-se aos afazeres do lar e aos cuidados dos filhos.

A esse respeito, Favaro (2002, p. 237) afirma que defender “[...] um papel dinâmico na sociedade significa correr riscos, quebrar padrões comportamentais, enfrentar [...] grupos organizados de poder [...], cujas articulações são histórica e relativamente eficientes”, logo difíceis de mudar, pois aos homens foi permitido assumir diferentes papéis, enquanto às mulheres não⁶.

Enquanto isso, na minha casa, meu pai ocupava-se com a profissão de alfaiate, de onde provinha a renda da família, e minha mãe se encarregava das tarefas do lar (cozinhando, limpando, lavando e passando roupas), dos cuidados comigo e, ainda, auxiliava na alfaiataria, realizando atividades de acabamento manual de costura. Nos momentos de disponibilidade, faziam peças de decoração para a casa, sempre aproveitando retalhos dos tecidos que sobravam do corte das roupas. Cabia à mãe, por sua habilidade e criatividade, costurar tapetes, almofadas, fuxicos⁷ e roupas para minhas bonecas. Ao meu pai correspondia a costura maior, de lençóis, cortinas, colchas e toalhas de mesa, com o auxílio da máquina de pedal (manual).

Cresci em meio a tecidos, botões e linhas, vendo meus pais trabalharem e economizarem. Nos anos subsequentes, junto à alfaiataria, meu pai incrementou o negócio familiar, incluindo vestuário feminino, cama, mesa, banho e calçados. A partir daí, passamos a ter mais recursos financeiros, e a família ampliou. Chegava a minha irmã Karina. Lembro de ter participado dos preparativos, ajudando a fazer as lembranças⁸, entregues aos familiares e amigos quando iam nos visitar, ou melhor, visitar especialmente a mãe e a irmãzinha.

⁶ Para uma revisão acerca de relações de gênero, ver Bourdieu (1995), Favaro (2002) e Saffioti (2004), pois não se constitui foco de estudo nesta dissertação.

⁷ Fuxicos são acessórios para roupas, cabelos e aplicações, feitos a partir de retalhos de tecidos, dobrados e costurados em formato de flor, que, unidos por pontos delicados, formam diferentes peças artesanais.

⁸ As lembranças aqui referem-se a um pequeno presente entregue às pessoas, como forma de recordar o nascimento do bebê, assim como de agradecer a visita. As lembranças eram uma roupa de criança, de diferentes estilos e cores, no tamanho de 03 a 04 cm, feita artesanalmente, a partir de retalhos de tecido. Além de colorido e exclusivo, foi a maneira que a mãe encontrou para aproveitar “sobras” da alfaiataria.

Naquela época não havia coleta seletiva de lixo⁹ na cidade. O lixo seco¹⁰ produzido na nossa casa era em pequena quantidade, e, com frequência, levávamos para a escola, a pedido das professoras, para fazer brinquedos pedagógicos que auxiliavam na aprendizagem das crianças das séries iniciais. Os rolinhos de papel higiênico transformavam-se em móveis¹¹ e as embalagens de plástico, em chocalhos¹². O lixo orgânico¹³ (ou úmido) era (é) colocado num canto da horta, em um espaço demarcado pelo meu pai e, quando decomposto, era (é) usado em novas plantações, na horta e no jardim, espaço esse ainda hoje muito bem cuidado por ele.

Na minha escola não havia no currículo a disciplina de Educação Ambiental, nem falávamos sobre a importância e a necessidade de reduzir, reutilizar e reciclar materiais, mas a maior parte dos colegas da classe, assim como eu, atendíamos aos pedidos das professoras levando o lixo seco. Ou seja, o comportamento observado nos pais de cuidar e dar utilidade criativa às “sobras” era reproduzido no ambiente escolar. Conforme Tuan (1980), para compreender o comportamento ambiental de um sujeito, precisamos analisar sua herança biológica, a sua cultura, a educação e seus arredores físicos.

Os anos passaram. Trabalhar e continuar estudando eram objetivos de vida. Desejava ser mais do que esposa e dona de casa; desejava ter uma profissão, ser independente, feliz e realizada como minha avó Tarcila quando contava suas histórias. Afinal, não compreendia e não aceitava o porquê as mulheres da minha família permitiam que os homens da família tomassem as decisões, se elas trabalhavam ativamente em casa e nos negócios. Naturalmente, hoje compreendo que fizemos parte de uma cultura machista que reproduz modelos e padrões de comportamento baseados na dominação masculino e na subordinação feminina, em que a condição da mulher estava associada ao matrimônio e à maternidade, e a do

⁹ Lixo é tudo aquilo que descartamos por não quisermos mais, ou por não percebermos uma utilidade imediata. Quando reaproveitado, o lixo vira novamente recurso natural ou matéria-prima para outra função. Mais informações na cartilha produzida pelo Projeto de Extensão Comunicação para Educação Ambiental, vinculado ao Programa de Ações Comunitárias da Univates – PAC.

¹⁰ Lixo seco refere-se a papel, papelão, plásticos, vidros, madeira e metais.

¹¹ Móveis aqui referem-se a figuras coloridas de diferentes formatos geométricos, como bonecos, flores, animais, entre outros, pendurados no teto por fios, de maneira equilibrada e harmoniosa, que, impelidos pelo ar, giram mudando de posição.

¹² Chocalho é o nome genérico para vários instrumentos musicais. Mais informações em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/chocalho>.

¹³ Lixo orgânico ou lixo úmido, como também é chamado, são restos de comida e sobras de cozinha, como cascas, folhas e talos. Quando tratados na forma de composto, servem novamente como nutrientes para as plantas.

homem ao poder. Para Saffioti (2004), essa estrutura de poder prejudica a relação de homens e mulheres, e o maior prejuízo é das mulheres, pois lhes é restringido o direito de pensar, agir e decidir.

No desejo de assegurar minha autonomia e buscar profissionalização, aos 18 anos mudei de cidade, assim moraria mais próximo da faculdade. A cidade escolhida pelos meus pais foi Estrela-RS, por ter tios residindo nesse município e, assim, se sentisse necessidade de ajuda, estariam por perto. A distância geográfica entre Putinga e Estrela é pequena, de apenas 89 km, mas a diferença cultural foi significativa. Com sotaque italiano carregado, ficava inibida diante dos outros, procurava falar baixo, gesticular menos e dominar algumas expressões locais básicas do idioma alemão.

A minha adolescência foi passando e fui percebendo que meu modo de vida já não era mais o mesmo de quando morava com os pais. O apelo do comércio de bens e serviços, inúmeras vezes, provocou em mim o consumo sem necessidade, e os compromissos de trabalhar e estudar para o vestibular, associados ao morar num espaço físico pequeno, eram, muitas vezes, “desculpas” para a não separação dos rejeitos.

Prestei vestibular, em 1988, na Fundação Alto Taquari de Ensino Superior (FATES), hoje denominada Centro Universitário UNIVATES, em Lajeado-RS, e optei pelo curso de Administração, uma vez que as atividades comerciais e administrativas me eram familiares. Durante o processo de formação atuei em áreas afins ao comércio e à gestão de empresa. Conseqüentemente, fui me encontrando na profissão. Nesse período, embora já houvesse um grande volume de obras científicas e literárias sobre temas ambientais e um artigo¹⁴ constasse na Constituição Federal Brasileira, apenas algumas organizações, especialmente de médio e grande porte¹⁵, da região do Vale do Taquari, começavam a refletir sobre

¹⁴ A Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988, pela primeira vez inclui o meio ambiente como tema de discussão em um de seus artigos, precisamente no capítulo VI, artigo 225.

¹⁵ Embora não exista fundamentação legal sobre critérios de classificação do porte das empresas por quantidade de empregados, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) caracteriza as empresas de médio e grande porte por esse critério, ou seja, se for indústria, é considerada como média empresa aquela que possui de 100 a 499 empregados e, se for empresa comercial ou de serviços, de 50 a 99 empregados. Já a empresa industrial de grande porte é aquela que tiver mais de 500 empregados e, se for comercial ou de serviços, mais de 100 empregados. Mais informações em: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9dia_empresa e http://pt.wikipedia.org/wiki/Empresa_de_grande_porte.

suas práticas produtivas e a implantar ações de melhoria nos processos, visando à preservação ambiental.

Com a internacionalização cada vez maior do capital, a competição e a exigência dos mercados globais aumentam, inserindo o país em metas, em que o conhecimento dos processos de qualidade total e preservação ambiental estejam contemplados, pois os consumidores influenciam e são influenciados, provocando modificações no contexto social.

Para atender a essas determinações, as empresas precisam adotar práticas socioambientais. Isso requer novos aprendizados, devido à necessidade de (re)avaliar ações e concepções do negócio, como a seleção de fornecedores e matérias-primas, os processos de transformação, as embalagens, a emissão de poluentes e, até mesmo, a logística de distribuição do produto final. Ou seja, as empresas precisam incorporar esses aprendizados nos resultados. Assim, elas realizam a sua responsabilidade social contribuindo para o desenvolvimento e o modo de vida sustentável da sociedade, com inclusão social e preservação ambiental.

A vontade de apropriar novas aprendizagens e conhecimentos para direcionar ações eficazes na condução de equipes de trabalho levou-me, em 1999, a ingressar no curso de especialização em Gestão de Recursos Humanos, também no Centro Universitário UNIVATES. Os meus colegas, assim como eu, éramos originários de empresas de pequeno, médio e grande porte, do ramo industrial, comercial e de serviços. Era a primeira turma oferecida pela Instituição de Ensino, e rapidamente foram preenchidas as vagas, com 18 mulheres e 10 homens, evidenciando a participação e maior visibilidade da mulher no espaço público e no exercício da cidadania. Além do aprendizado adquirido, possibilitado a partir da proposta pedagógica, tivemos afinidade e integração entre colegas que nos permitiram fazer reflexões significativas quanto ao modo de vida que estávamos tendo e oferecendo às equipes de trabalho que liderávamos.

O modelo capitalista de desenvolvimento impulsionou o crescimento da sociedade e tem conduzido a lucratividade às últimas consequências. Como

administradores sabemos que o lucro para as organizações está na mesma relação do salário para o trabalhador, ou seja, é a lógica “natural”. O foco central desse sistema é gastar menos e produzir mais, aumentando a fonte de lucro e, conseqüentemente, o poder e domínio sobre o mercado e as pessoas. Para reduzir custos, a estratégia, normalmente, é investir menos em salários e benefícios, capacitações e condições propícias de trabalho. Diante disso, conciliar crescimento e desenvolvimento é também um desafio da área de recursos humanos das organizações.

A adoção de sistema de gestão ambiental visa a minimizar os impactos sobre o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida do trabalhador, do ponto de vista social, e prospectar novos consumidores, preocupados com questões ambientais, do ponto de vista econômico. Entretanto, para atingir esse padrão, são necessários investimentos em educação, pois a qualidade do que sabemos e recebemos impregna nossa mente, formando uma ecologia cognitiva, que constrói a nossa subjetividade, fazendo com que tenhamos diferentes comportamentos em relação à vida e ao ambiente (RIBEIRO, 2005).

Nessa perspectiva, a capacitação profissional reflexiva, quando propiciada pela empresa, é muito importante, pois motiva o funcionário, que se sente valorizado e capaz de desenvolver as tarefas que lhe são atribuídas. Ter uma política de desenvolvimento de recursos humanos facilita a organização a se adaptar à realidade e às demandas geradas a partir das transformações na sociedade. No período da especialização, essa política era percebida em menos da metade das empresas representadas pelos participantes da turma, o que gerava sentimento de satisfação a alguns e frustração a outros. Essa experiência contribuiu para que, como gestora, auxiliasse o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, instituição na qual trabalhei por vários anos, a construir programas de capacitação continuada às organizações, auxiliando no desenvolvimento de pessoas. A ideia principal fundamentava-se em trabalhar necessidades pontuais, considerando a realidade em que se encontravam, valorizando e fortalecendo valores, experiências, aprendizados e conhecimentos.

Por isso, a educação é um dos elementos fundamentais na construção de um modo de vida sustentável, pois está diretamente envolvida na socialização e

formação dos indivíduos, bem como na construção da identidade social e cultural dos grupos. Nesse sentido, ela (educação) pode assumir um papel emancipatório, comprometido com a renovação cultural, política e ética e com o pleno desenvolvimento das potencialidades individuais e coletivas.

Do término da especialização aos dias atuais, passaram-se oito anos. Percebo, nesse período, maior nível de conscientização das organizações quanto a sua responsabilidade social, seja na forma de tratar os recursos humanos como uma área estratégica, estimulando o desenvolvimento e a diversidade¹⁶, seja na dimensão ambiental, cumprindo determinações das leis ambientais e instituindo uma cultura ecológica que converge para a sustentabilidade ambiental em nível local. Conforme afirma Boff (2004), precisamos instituir uma relação com nós mesmos e com tudo o que está à nossa volta, de maneira organizada e sistematizada, para que sejam feitas correções e, também, transformações culturais, sociais, espirituais e religiosas.

Com essa visão e com a missão de gerar e difundir o conhecimento técnico-científico e humanístico, considerando a realidade e as necessidades regionais, inseridas no contexto global, o Centro Universitário UNIVATES vem promovendo ações que possibilitem qualificar as pessoas e as organizações para transformar o modo de pensar, agir e sentir, contribuindo para a melhor atuação da comunidade com o ambiente.

Como funcionária dessa Instituição de ensino, atuando com a equipe do Escritório de Relações com o Mercado, departamento que visa a promover a interação entre a UNIVATES e a Comunidade, intermediando negociações e transferindo o conhecimento produzido, na perspectiva do desenvolvimento regional sustentável, acredito ser uma agente na disseminação de conceitos e atitudes, razão pela qual busquei melhor compreender a complexidade e as interligações entre o ambiente, o desenvolvimento e a construção de um mundo sustentável.

¹⁶ Estimular o desenvolvimento e a diversidade diz respeito a integrar no quadro funcional pessoas pertencentes a classes tradicionalmente marginalizadas, como portadores de necessidades especiais, pessoas com idade superior a 50 anos e outras com baixo nível de escolaridade.

Com esse pensamento, no primeiro semestre de 2008, fui selecionada para a terceira turma do programa de pós-graduação *Strito Sensu* em Ambiente e Desenvolvimento. A proposta pedagógica do curso me chamou a atenção, por tratar-se de um mestrado multidisciplinar com o objetivo de promover visão integrada e crítica da questão ambiental, em suas perspectivas históricas, econômicas, sociais, culturais e ecológicas.

Durante o desenvolvimento das aulas, das leituras, dos trabalhos, da saída a campo e das trocas de experiências com os colegas e professores, percebi a importância da educação multidisciplinar. Pensar na educação que faça a internalização de teorias observadas nas realidades de cada área do conhecimento faz compreender os “porquês” do fazer. Tomo como exemplo um projeto de pesquisa em que fui voluntária, ou seja, o professor Dr. Odorico Konrad, membro do corpo docente do mestrado, convidou-me a participar de seu projeto sobre resíduos sólidos. O objetivo era a prática da separação, pesagem, registro e destinação correta do lixo seco e do lixo orgânico, visando a medir o quanto se deixa de ser destinado ao aterro sanitário. De imediato aceitei o convite. Instalamos, eu e meu marido, na nossa casa um recipiente para o lixo seco e uma composteira para o lixo orgânico, e iniciamos, a nova prática, seguindo a rigor as solicitações e orientações do professor.

Como trabalhamos e estudamos, fazemos apenas uma refeição em casa, mesmo assim, toda e qualquer quantidade de lixo produzido foi (e continua sendo) separada. O lixo seco é destinado à coleta seletiva e o lixo orgânico depositado na composteira.

Ao medirmos os resultados, depois de um ano de prática, surpreendemo-nos a ponto de refazer os cálculos, para não restar dúvidas. Constatamos que, em média, 92,25% do lixo produzido em nossa residência, constituída por duas pessoas, não é mais destinado ao aterro sanitário. Além disso, reduzimos, significativamente, o uso de sacolas plásticas e as despesas com compra de terra, pois o lixo orgânico decomposto tornou-se insumo de ótima qualidade para o ajardinamento e a horta. Concluímos, com isso, ser possível optar por práticas sustentáveis, tendo presente que cada indivíduo tem um tempo de compreensão.

Não aprendemos a amar a terra lendo livros, nem vendo os outros fazer, aprendemos a amar a terra experienciando (GADOTTI, 2000) e produzindo ações.

Na visão da ecologia profunda, proposta por Boff (2004, 2008), profundas mudanças no pensamento e nos modos de vida, a partir da responsabilidade individual, são necessárias para haver transformações ecológicas na sociedade. A partir de simples ações é possível gerar novas concepções, em que não haja diferenciação entre o homem e a natureza, pois “[...] tudo se relaciona com tudo em todos os pontos” (BOFF, 2008, p. 26).

Ter participado desse projeto e vivenciado o processo de separação, decomposição do lixo orgânico e reutilização em forma de insumo para o embelezamento de plantas e o plantio de temperos e verduras na horta de nossa casa pode parecer simples ou pouco significativo, entretanto nos trouxe aprendizados que acabou constituindo nova consciência e novas práticas. Acreditamos que, se não tivéssemos tido essa experiência, estaríamos destinando 100% do lixo produzido ao aterro sanitário, e em sacolas plásticas. Além disso, estaríamos comprando terra em lojas especializadas, uma vez que a praticidade e a oferta proporcionada pelo comércio é muito atraente. Contudo, aprendemos que satisfação pela prática correta de uma ação é um sentimento que não pode ser contabilizado, pois ultrapassa a dimensão econômica.

Boff (1999), em seu livro “Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra”, ressalta que o sentimento, a capacidade de emocionar-se e de envolver-se é algo presente nos seres humanos. Por isso, é o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas, que nos faz (re)produzir novas práticas em sintonia com o ambiente.

Nesse contexto, se cada família utilizasse o sistema de separação dos resíduos domiciliares, por menor quantidade que fosse, estaria contribuindo para a redução das 40 toneladas de resíduos urbanos coletadas diariamente na cidade de Lajeado-RS, das quais, somente duas toneladas são de rejeitos secos¹⁷. Estaria também contribuindo para a melhoria da própria qualidade de vida. É preciso “reformular” o pensamento, eliminando a “cegueira” produzida pela incapacidade de

¹⁷ Dados fornecidos pelo Centro de Educação Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de Lajeado, em matéria veiculada no jornal O Informativo do Vale, em 26 de outubro de 2009, p. 8.

perceber o contexto planetário (MORIN, 2008). É chegada a hora de cada um de nós refletir, sobre cada atitude adotada no cotidiano, o impacto que a mais simples ação pode estar provocando no meio ambiente, porque na sociedade atual as ações individuais locais também podem produzir consequências globais.

Ao longo dessa narrativa, ao qual reporto fragmentos das lembranças da minha trajetória de vida, foi possível evidenciar e compreender as redes de relações, as autoproduções e os aprendizados subjetivados pela experiência vivida, constituindo um modo de conhecer o mundo, as relações entre as pessoas e o meio, que não pode ser desconsiderado se quisermos entender integralmente a constituição dos processos cognitivos em sua profundidade.

Assim, as experiências vividas (lembranças) fornecem o material para ser analisado e refletido. Ou seja, os aprendizados e as práticas cotidianas que norteiam e interferem na nossa vida podem ser revistas e reconstituídas a partir de nova perspectiva, capaz de integrar melhor a vida social com o meio e o planeta.

As narrativas das mulheres-artesãs sobre sua prática profissional pode nos abrir possibilidades de compreender a rede de relações que envolve a integração entre trabalho, ambiente e modo de vida sustentável. Assim foram constituídas as indagações da pesquisa.

2.2 Indagações da pesquisa

Na perspectiva de promover a emersão de novas concepções sobre desenvolvimento e sustentabilidade, é no contexto da linha de pesquisa Espaço, Ambiente e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES que o tema da pesquisa encontra abrigo ao referir-se sobre a integração do trabalho da mulher, ambiente e modo de vida sustentável.

Para tanto, a pesquisa se propõe a investigar um grupo organizado de mulheres, participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari, visando a identificar quais elementos das práticas do trabalho artesanal feminino podem auxiliar na preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, na construção de um modo de vida sustentável, respeitando e valorando a vida.

Assim inicia-se um processo de ação e reflexão que faz emergir as seguintes indagações:

1 - Qual é o entendimento das mulheres sobre trabalho artesanal, consumo, ambiente e cidadania?

2 - Qual é o papel da participação das mulheres na construção de um mundo sustentável?

3 - Que práticas cidadãs são necessárias para implementar um modo de vida sustentável?

4 - Quais as perspectivas de futuro que as artesãs vislumbram para o meio ambiente e o planeta?

2.3 Objetivos

Os objetivos do estudo são:

2.3.1 Objetivo geral

Compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável.

2.3.2 Objetivos específicos

- a) Identificar o perfil das artesãs;
- b) Identificar com quem a artesã aprendeu o ofício (de artesã);
- c) Identificar os objetos produzidos pelas artesãs;

d) Caracterizar a rotina das práticas das artesãs;

e) Identificar que ações são desenvolvidas e implementadas na Associação para reduzir, reutilizar e reciclar materiais utilizados nas práticas do trabalho artesanal;

f) Identificar quais os temas tratados com as artesãs nas reuniões da Associação;

g) Verificar as formas de participação das artesãs nas atividades desenvolvidas pela Associação;

h) Identificar quais as motivações que levaram as mulheres a participar da Associação.

Com base na definição dos objetivos, apresentam-se, agora, as fontes e o cenário da pesquisa que fizeram com que o tema deste trabalho ganhasse relevância.

2.4 As fontes e o cenário da pesquisa

Levando em consideração a temática, as indagações e os objetivos desta pesquisa, as fontes de estudo que deram suporte às análises realizadas estão situadas nas áreas das Ciências Humanas¹⁸ e Ciências Sociais Aplicadas¹⁹. Foram investigadas, ainda, produções científicas existentes a partir de consultas a bancos de Teses, Dissertações e Artigos disponibilizados no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bibliotecas virtuais no

¹⁸ Conforme os critérios da CAPES, nas Ciências Humanas enquadram-se os autores com formação em: Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, Educação, Filosofia, Geografia, História, Psicologia, Sociologia e Teologia. www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm.

¹⁹ Conforme os critérios da CAPES, nas Ciências Sociais Aplicadas enquadram-se os autores com formação em: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Informação, Comunicação, Demografia, Desenho Industrial, Desenho de Produto, Programação Visual, Direito, Economia, Economia Doméstica, Museologia, Planejamento Urbano e Regional, Serviço Social e Turismo. www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm.

cenário nacional e regional, Google Acadêmico²⁰ e Google.

Durante o processo da escrita desta dissertação, foram encontradas pesquisas relacionando as mulheres com a noção do desenvolvimento sustentável, na tentativa de esclarecer os desafios políticos e teóricos (BRAIDOTTI *et al.* 1994), mas não foram localizadas relacionando mulher, meio ambiente e modo de vida sustentável. Tendo em vista este foco de estudo, adotaremos como elemento norteador as reflexões de Leonardo Boff (1999, 2000, 2004, 2008).

Em divergência à visão economicista da sustentabilidade, o referido autor propõe um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais caridosa para com a terra e inicie um novo pacto social entre os povos, no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive (BOFF, 1999). Trata-se de um novo sentido de viver e de atuar; trata-se de um modo de vida sustentável.

Esse entendimento nos remete a um outro projeto de sociedade, de uma outra cultura, com “[...] novos modos de produção e estilos de vida nas condições e potencialidades ecológicas de cada região, assim como na diversidade étnica e na autoconfiança das populações para a gestão participativa dos recursos” (LEFF, 2007, p. 17).

O sentido é de uma visão de mundo integrado, que concebe a interdependência de todos os fenômenos, ou seja, não separa indivíduos e meio ambiente. Logo, é um modelo a ser percebido e adotado, com vistas à construção de um modo de vida sustentável (BOFF, 2004). O estudo de caso, nesta dissertação, constitui o modelo que será compartilhado com descrição, explicação e compreensão de uma realidade: a prática do trabalho artesanal feminino e a integração com o ambiente e o modo de vida sustentável.

Para isso, o cenário da pesquisa são artesãs vinculadas à Associação dos Artesãos do Alto Taquari. A escolha por essa Associação ocorreu pela sua abrangência regional, permitindo acesso a associados de diferentes municípios

²⁰ O Google Acadêmico fornece uma maneira simples e abrangente para pesquisar literatura acadêmica. Você pode pesquisar várias disciplinas e fontes em um só lugar: artigos revisados por especialistas (*peer-reviewed*), teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas de pré-publicações, universidades e outras entidades acadêmicas. <http://scholar.google.com.br>.

pertencentes à região do Vale do Taquari²¹, caracterizado pela diversidade cultural, com descendentes de imigrantes alemães e italianos, predominantemente, seguidos de lusos e africanos.

A Associação dos Artesãos do Alto Taquari é uma sociedade civil, de caráter representativo, educativo e beneficente, com personalidade jurídica própria, sem finalidade lucrativa, política ou religiosa, sediada na cidade de Lajeado-RS, com abrangência regional (como já mencionado) e uma década de atividades ininterruptas.

Para compreendermos as práticas do trabalho artesanal da Associação, é necessário verificar o seu Estatuto, que tem entre suas finalidades:

- “difundir a cultura através de reuniões, círculos de estudos, assembléias, conferências, debates, cursos e atos recreativos-culturais sobre Artesanato, buscando resgatar a cultura étnica da região e difundir as técnicas artesanais em extinção;
- promover e contribuir para o desenvolvimento da pessoa humana, despertando os direitos e deveres do associado, motivando-os a participar dos trabalhos da Associação sem discriminação de raça, sexo, religião ou categoria social;
- congregar todos os Artesãos no sentido de motivá-los à prática da ‘arte’ e da união entre si, buscando o desenvolvimento em torno dos mesmos propósitos para alcançar objetivos;
- incentivar e apoiar a produção e comercialização direta de produto artesanal, garantindo ao consumidor qualidade e representação da cultura do Estado do Rio Grande do Sul”.

²¹ A região do Vale do Taquari, de acordo com o Decreto nº 45.436, de 9 de janeiro de 2008, é formada por 36 municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabai, Taquari, Teutônia, Traveseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália. Mais informações em: <http://www.al.rs.gov.br/legis>.

Ainda conforme seu Estatuto, a Associação estabelece uma diretoria composta dos cargos de Presidente, Vice-Presidente, Primeiro Secretário, Primeiro Tesoureiro e Segundo Tesoureiro, que administram a entidade, eleitos em assembléia-geral, bienalmente, no mês de novembro, com direito à reeleição, desde que não exceda a dois exercícios consecutivos. As funções dos membros da Associação não são remuneradas, pois o exercício é considerado de relevância à coletividade.

Visando a entendermos a dinâmica da Associação, passaremos agora à descrição de sua localização e funcionamento, bem como das principais práticas artesanais desenvolvidas pelas artesãs.

A Associação possui espaço físico locado denominado “Casa do Artesanato”, situado na rua Benjamin Constant, 495, no centro da cidade de Lajeado-RS, para exposição e comercialização dos produtos. Para essa locação, conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Lajeado, que subsidia parte do valor.

A Casa do Artesanato é aberta ao público de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e da tarde, e aos sábados, pela manhã, no período de março a dezembro. O atendimento é prestado pelos associados que utilizam a Casa do Artesanato para expor e vender peças artesanais. Os artesãos que não expõem na Casa do Artesanato não fazem parte da escala de trabalho. A escala se dá por turno, previamente organizada pela diretoria da Associação e consensuada pelos membros expositores.

O quadro de associados é composto de 65 artesãos, sendo 62 mulheres e três homens, oriundos dos municípios pertencentes à região do Vale do Taquari. São admitidos novos associados, homens e mulheres, que residam na área de abrangência da Associação, que tenham no mínimo 14 anos completos e que sejam artesãos. A alteração domiciliar do associado para outra região do Estado do Rio Grande do Sul não o impede de permanecer vinculado à Associação.

O artesão vinculado, ou que deseja vincular-se à Associação dos Artesãos do Alto Taquari, precisa ter, obrigatoriamente, a “Carteira de Artesão”, que é a carteira profissional. Esse documento é emitido pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação

Social (FGTAS)²², por meio do Programa Gaúcho do Artesanato (PGA). O programa é responsável pelo cadastramento de artesãos, conseqüentemente, pelos dados socioeconômicos (fornecidos pelos próprios artesãos), permitindo acompanhar, de forma atualizada, o número de profissionais inseridos no mercado formal de trabalho.

Para obter a Carteira de Artesão, o profissional precisa demonstrar sua habilidade manual realizando um teste, que é a elaboração de uma peça artesanal com a matéria-prima e a técnica para a qual está solicitando a habilitação, mais a apresentação de três peças prontas. É realizado junto a uma das 135 agências regionais do FGTAS, no departamento do Sistema Nacional de Emprego (SINE), presentes em 132 municípios gaúchos. A renovação do documento para idosos é de quatro em quatro anos e para os demais é bianual.

A legalidade profissional isenta o artesão de pagar Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) em suas vendas, conforme legislação estadual, além de direito de contribuir e gozar de todos os benefícios da Previdência Social, obter declaração de rendimentos para fins de imposto de renda, crédito pessoal, participar de feiras, exposições e eventos em nível estadual, nacional e internacional. Para a isenção do ICMS, o artesão deve emitir a nota fiscal avulsa e a levar a uma das agências da FGTAS/Sine que colocará o carimbo o isentando do pagamento.

Para a Associação dos Artesãos do Alto Taquari, a Carteira de Artesão representa valorização da profissão, além de oportunidade de qualificação e ampliação da comercialização formal dos produtos.

²² A Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS) caracteriza-se como entidade de personalidade jurídica de direito privado, vinculada à Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul. Instituída nos termos da lei, contempla a possibilidade de articular-se com entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras, visando à colaboração para a execução de seus programas. Por isso, o Programa Gaúcho do Artesanato (PGA) utiliza a estrutura da FGTAS que, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego, via Sistema Nacional de Emprego (SINE), oferece serviços de intermediação de mão-de-obra, seguro-desemprego, geração e análise de informações sobre mercado de trabalho, projetos de emprego e renda e qualificação profissional. A atuação da FGTAS/Sine é focada nos trabalhadores desempregados, jovens sem experiência profissional, pessoas portadoras de deficiências, artesãos, trabalhadores autônomos e pescadores artesanais. No Rio Grande do Sul, em 2009, 68 mil artesãos estão cadastrados no PGA, dos quase 100 mil existentes. Mais informações em: <http://www.fgtas.rs.gov.br/portal/index.php>.

Nesse contexto, a entidade promove feiras, nos meses de maio e novembro, alusivas às comemorações do dia das Mães e Natal, respectivamente. São normalmente organizadas em um ginásio de esportes de uma escola e num centro comunitário, ambos na área central da cidade de Lajeado, visando a receber, em dois dias (sábado e domingo), um bom número de visitantes.

Em 2009, estima-se que mais de mil pessoas tenham visitado cada uma das feiras, com a presença média de 23 artesãos da Associação e 27 convidados, em cada edição. O convite para profissionais não associados é permitido com o intuito de aproximar a classe profissional, diversificar a oferta de produtos, garantir a viabilidade econômica da feira (pois os estandes²³ são comercializados) e despertar o interesse desse profissional vir a tornar-se sócio.

A mensalidade da Associação tem valores diferenciados: os artesãos que utilizam a Casa do Artesanato para expor e vender peças artesanais pagam um valor maior dos demais membros que não utilizam o espaço. Essa receita financeira é utilizada para auxiliar no pagamento de despesas fixas, como: aluguel, luz, água e telefone.

As reuniões desenvolvidas mensalmente durante o período de funcionamento da Casa do Artesanato são destinadas a todos os associados e visam, basicamente, à prestação de contas do mês anterior e à organização de duas feiras de artesanato anuais.

Quanto às práticas artesanais, as mais desenvolvidas pelas artesãs da Associação dos Artesãos do Alto Taquari são:

- **costura:** a costura manual ou com máquina une, com pontos, tecidos. A máquina no artesanato é apenas uma ferramenta de trabalho, predominando a criatividade e a habilidade manual da artesã em todas as etapas da elaboração do produto;

- **crochê:** técnica realizada com uma agulha especial que possui um gancho e produz um trançado semelhante ao da malha ou da renda. Os trabalhos com a técnica do crochê podem ser realizados com qualquer tipo de fio ou material. Tudo

²³ Numa feira ou exposição de amostra, estandes são espaços reservados a cada participante.

depende da peça a ser executada: uma toalha delicada ou uma colcha, um casaco ou um tapete resistente;

- **modelagem com gesso:** a partir da técnica de modelagem em gesso é possível restaurar e criar peças. Restaurar constitui uma categoria importante para a habilidade artesanal, demonstrando a capacidade do artesão de produzir e consertar;

- **modelagem com massa biscuit:** a massa biscuit é uma massa de modelar manual que aceita tingimento e pintura com diversos tipos de tintas e corantes. O termo biscuit tem origem do idioma francês, que significa porcelana fria, por dispensar cozimento e secagem artificial. Caracteriza-se pela delicadeza e pelo refinamento das peças;

- **patchwork:** técnica que une pequenos tecidos com uma infinidade de formatos para fazer peças decorativas e utilitárias, como enfeites de mesa, cobertores, cortinas, entre outros. A tradução literal de *patchwork* é “trabalho com retalhos”;

- **pintura:** essa técnica é utilizada para criar diferentes peças artesanais, em uma variedade de matérias-primas, como metal, tecido, madeira, tela e papelão. Cada artesão tem sua preferência, identificando-se mais com uma ou outra matéria-prima, gerando peças decorativas e utilitárias;

- **tricô:** é uma técnica para entrelaçar o fio (de lã ou outra fibra têxtil) de forma organizada, criando-se assim um pano que, por suas características de textura e elasticidade, é chamado de malha de tricô ou simplesmente tricô. Feito manualmente, com duas agulhas, ou só com uma que, além de propiciar o entrelaçamento do fio, criando cada ponto, abrigam a malha de tricô já tecida.

Com a descrição das fontes da pesquisa e o seu cenário é possível avançar, delineando os caminhos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados analisados no decorrer do estudo.

2.5 Delineamento da pesquisa

Delinear o contexto metodológico significa demarcar o caminho percorrido pelo pesquisador na coleta de dados, na tentativa de responder as indagações formuladas que motivou a pesquisa. Assim, esta pesquisa se caracteriza como estudo de caso, com uma abordagem qualitativa.

O estudo de caso compreende a investigação empírica, rica em dados descritivos, num contexto de vida real (LUDKE, 1986), e a abordagem qualitativa abre espaço para entrevistas, nas quais os entrevistados podem expressar opiniões, oportunizando melhor compreensão do problema. Segundo Minayo (2004, p. 21-22), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

Por essa razão, complementa Goldenberg (2007, p. 57), numa pesquisa qualitativa não é possível formular regras precisas, “[...] porque cada entrevista ou observação é única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados”. Concordando com o pensamento do autor e também visando ao registro fidedigno das informações, utilizei os seguintes recursos metodológicos:

- roteiro pré-estruturado, ou seja, entrevistas com perguntas previamente elaboradas, de acordo com as indagações e os objetivos anteriormente apresentados. Os modelos dos roteiros encontram-se nos Anexos A e B desta dissertação;

- gravador de voz, para gravar as entrevistas, sem fixação de tempo, pois algumas artesãs falaram durante uma hora, outras por duas e até três horas. As entrevistas foram devidamente autorizadas (conforme modelo Anexo C) e, posteriormente, transcritas e analisadas;

- diário de campo com imagens fotografadas e observações das práticas do trabalho artesanal feminino²⁴.

As informações (entrevistas, observações e registros fotográficos) foram coletadas no período de março a dezembro de 2009, totalizando nove entrevistas, duas feiras e sete visitas de observação da dinâmica de suas práticas, realizadas nos diferentes ambientes de trabalho das mulheres-artesãs participantes desta pesquisa, quais sejam: a Casa do Artesanato, as feiras artesanais e os ateliês²⁵. O primeiro contato com a Presidente da Associação ocorreu, em dezembro de 2008, em sua residência.

Procurou-se, no registro fotográfico das peças artesanais, mostrar como são os resultados das práticas do trabalho artesanal. As peças foram fotografadas conforme encontravam-se expostas nos ambientes de trabalho, acima citados, respeitando o seu contexto e a forma de organização das próprias artesãs.

As peças artesanais, resultado das práticas do trabalho artesanal, constituem parte do material analisado na pesquisa, pois além da sua materialidade concreta, expressam a dimensão simbólica ou o conjunto de significações e formas de ver o mundo. O conjunto de relatos (histórias pessoais), aprendizados das artesãs sobre seu trabalho, bem como o conjunto de imagens das peças, resultado do registro fotográfico, foram analisados como uma narrativa²⁶.

Com o caminho metodológico traçado, procurei ouvir histórias pessoais, conhecer fatos e discursividades do passado, percorrer a atualidade e escutar

²⁴ Bogdan e Biklen (1994, p. 150) apontam diário de campo como “[...] relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Assim, optamos pelo uso do diário de campo, como um instrumento de coleta de informações auxiliar no processo da pesquisa, para descrever sensações, impressões e comportamentos das artesãs, manifestados em diálogos espontâneos e na prática do seu trabalho artesanal.

²⁵ Ateliê, ou estúdio, é o lugar de trabalho de pessoas com vontade de criar e onde se pode experimentar, manipular e produzir um ou mais tipos de arte. O termo francês para estúdio, atelier, além de designar um estúdio artístico, é utilizado para caracterizar o estúdio de um designer de moda ou de um artesão. Mais informações em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atelier>.

²⁶ Entendemos narrativa a partir de Langdon (1999, p. 249): “A narrativa como forma oral não tem uma forma fixa e ou memorizada; ela é empregada em contextos diferentes para comunicar diferentes pontos de vista. Fragmentos de narrativa maiores e versões diferentes de narrativas são invocadas no discurso cotidiano para esse fim. [...] a narrativa estrutura a realidade, no sentido em que permite várias interpretações ou argumentações, e também porque cria uma estrutura comum na interpretação dos eventos”. Assim, conforme afirmam Morigi, Rocha e Semensatto (2008, p. 164), as narrativas “[...] podem nos ajudar a compreender como os atores sociais elaboram as suas visões de mundo e ordenam as relações entre as coisas e o mundo”.

projeções sobre o futuro. Ingressei num intenso processo de diálogo com as artesãs, num universo “mágico”, “colorido”, “harmonioso”, “delicado”, “equilibrado” e “solidário”, que passa a ser apresentado na sequência desta dissertação.

2.6 A primeira impressão (é a que fica)

O primeiro contato com a Associação dos Artesãos do Alto Taquari, em 2008, deixou-me um pouco ansiosa em relação à aceitação ou não do meu interesse: desenvolver um estudo envolvendo a participação de mulheres artesãs vinculadas à entidade. Por telefone, conversei com a Presidente da Associação (será assim identificada, visando a preservar sua identidade e privacidade). Em poucos minutos, após me apresentar, senti receptividade, confirmada em seguida, quando, prontamente, ofereceu a sua casa para que pudéssemos nos conhecer e conversar mais sobre os objetivos da minha pesquisa.

No dia e hora marcada fui ao encontro, em sua residência, na cidade de Lajeado-RS. Era uma linda tarde de verão. Na casa havia parentes, muito alegres e educados que, com a minha presença, logo se despediram, procurando nos deixar a vontade para conversar.

Com chimarrão pronto, sentamos e conversamos por quase três horas, sem perceber que anoitecia. Houve tanta empatia que parecíamos “antigas amigas” e que há tempo não nos víamos - cheias de novidades para contar. Procurei explicar minha intenção, embora, naquele momento, ainda tinha dúvidas sobre os caminhos da investigação, afinal era preciso conhecer e conviver com as artesãs para obter mais informações sobre a realidade e as práticas do trabalho artesanal naquele meio.

Algumas dúvidas e incertezas foram, contudo, dissipadas durante o nosso diálogo, permitindo-me ouvir os relatos da sua prática artesanal. Nelas reconhecia-me nas histórias da minha família, portanto, as minhas próprias histórias, num entrelaçamento de relatos que se juntam, permitindo a construção de laços, fortalecidos por histórias comuns. Os modelos culturalmente distintos para homens e mulheres, nos quais eles foram concebidos para dominar, elas para servir,

provocavam conflitos e, também, atos de solidariedade no seio da família, pois o poder, afirma Foucault (1979), é relação, constituída por teias, por malhas, por redes capilares, por tramas que formam as entrelinhas das relações.

O toque da campanha anunciava a chegada de alguém. Era uma amiga da Presidente, também artesã, pertencente à Associação. O diálogo tornou-se mais intenso. Percebi ali que os aprendizados expressos nos saberes e nas práticas artesanais não significam somente criação, emprego e renda, representam ideais e projetos de vida, “[...] tantas vezes bloqueado por *slogans* e rótulos, mas que desperta, quando se desenvolve, a capacidade de inventar, de renovar, de sentir [...]” (BATTISTONI FILHO, 1989, p. 160).

Nesse ambiente, marcado pelo diálogo e pela relação de reciprocidade, houve consentimento para eu realizar o estudo, com a devida aprovação dos membros da diretoria da Associação, pois a Presidente havia comentado de mim e da pesquisa a eles, após meu contato telefônico. Fiquei muito feliz e, ao mesmo tempo, preocupada diante da grande responsabilidade, pois o acolhimento recebido e o envolvimento estavam visíveis, tanto da minha parte quanto da das duas artesãs, que representavam os demais integrantes naquele momento. Se a primeira impressão é a que fica, iniciamos bem!²⁷ (Extrato do diário de campo 1, 2008).

Com o passar dos meses, fui me inteirando mais com o ambiente e, seguidamente, era apresentada a outros integrantes da Associação, frequentando a Casa do Artesanato, as feiras de artesanato e os ateliês das artesãs, observando a dinâmica de suas práticas. Cada vez mais ficava surpresa e também encantada pela capacidade criativa materializada no resultado dos trabalhos artesanais com retalhos de tecido, fios, tinta, madeira, lata, gesso, entre outros materiais que se deixam trançar, lixar, pintar, revestir e moldar, num processo infinito da capacidade de criação de formas na construção do estético, do belo e do útil. As mãos transformam matérias-primas rejeitadas em verdadeiras peças de arte, expressando dimensões

²⁷ Um provérbio popular diz que “a primeira impressão é a que fica”, referindo-se ao sentimento positivo ou negativo do primeiro contato com alguém ou algo. Se a primeira impressão for positiva, significa, segundo o provérbio, que os próximos encontros ou contatos serão, igualmente, positivos. Se o sentimento da primeira impressão for negativo, é provável que os demais encontros ou contatos não serão bons.

simbólicas, ancoradas nos valores, nas crenças e nos projetos de vida que se traduzem por meio da participação e do exercício da cidadania.

A partir da convivência com as participantes da pesquisa, foi possível obter informações sobre suas práticas artesanais e, assim, descrever o perfil das mulheres-artesãs, apresentado a seguir.

2.7 As mulheres-artesãs-participantes

Ângela, Beatriz, Cristina, Denise, Elisa, Helena, Marinês, Renata e Valquíria constituem o grupo de nove mulheres-artesãs participantes da pesquisa, selecionadas de maneira aleatória simples²⁸. Essas mulheres, vinculadas à Associação dos Artesãos do Alto Taquari, guardam algumas semelhanças entre si. Fazem parte do cotidiano marcado pela presença dos filhos, do marido, dos afazeres domésticos e da paixão pelo trabalho artesanal.

As informações para a caracterização do perfil foram coletadas nas entrevistas semiestruturadas durante o ano de 2009, respeitando a disponibilidade e o ambiente de cada artesã. Os nomes utilizados são fictícios, visando a preservar suas identidades e privacidade. Dessa forma, o perfil do grupo pode ser caracterizado da seguinte maneira:

A artesã Ângela tem 47 anos, é descendente de imigrantes alemães, católica, solteira, não tem filhos e mora sozinha. Coursou alguns semestres do ensino superior, vindo a interromper a matrícula. Trabalhou em fumageira e foi desligada da empresa. Na ocasião, precisamente no ano de 1989, decidiu não ser mais empregada e começar a trabalhar com algo diferente e que lhe proporcionasse recursos financeiros e felicidade.

A arte do fazer manual já lhe era familiar, pois aprendera a bordar observando a mãe. Com auxílio financeiro da avó para comprar as primeiras matérias-primas e

²⁸ A finalidade da pesquisa qualitativa “[...] não é contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p. 68). Assim, a seleção das mulheres-artesãs ocorreu de maneira aleatória simples, em que foi atribuído para cada integrante da Associação dos Artesãos do Alto Taquari um número e depois a seleção aleatória do universo representativo (VERGARA, 2004).

com máquina de costura manual alugada da mãe, começou a fazer panos de prato com pintura à mão. A oferta de tecido industrializado, especialmente nas cidades pequenas, era menor. Por isso, comprava sacos de açúcar, de algodão grosso, tirava o cordão de linha da borda superior e lavava várias vezes, até sair o carimbo de tinta do tecido. Após esse processo, normalmente demorado em função da limpeza do pano, seguia com o corte, a costura e a pintura, tornando cada peça exclusiva. Com um saco de açúcar era possível fazer dois panos de prato.

Os panos de prato eram comercializados com pessoas conhecidas, como amigas, vizinhas e familiares. Quanto mais fazia, mais habilidade adquiria e, assim, aos 18 meses na atividade artesanal, conseguiu comprar uma importante “ferramenta de trabalho”: a máquina de costura manual. A máquina não era nova, mesmo assim significava uma conquista: deixar de pagar aluguel para pagar algo que lhe seria próprio. A curto prazo, representava, também, mais lucratividade.

Os dois primeiros anos na atividade foram de aprendizado e investimentos em tecidos, tintas e pincéis. Desde então até os dias atuais, a artesã se autossustenta com a venda dos produtos, as aulas particulares e os cursos que ministra em instituições e entidades de classe. Sua rotina diária é dinâmica, destinando maior carga horária do dia à prática artesanal, sem, no entanto, descuidar da organização do lar.

Em períodos de maior demanda por peças artesanais, como em datas comemorativas de Páscoa, dia das Mães e Natal, Ângela conta com o auxílio de duas pessoas, as quais as remunera sem contratação formal²⁹, para dar conta de entregar as encomendas, além de ter produtos para expor nas feiras anuais em que participa. Por tudo isso, não dá conta de criar peças para expor na Casa do Artesanato, entretanto, não abre mão de participar da entidade e usufruir dos benefícios que essa lhe propicia, como a rede de relações e as feiras.

A técnica de sua maior preferência é a pintura, seja ela em tecido, madeira, vidro ou papel. Em suas criações, utiliza materiais reciclados, como: retalhos de

²⁹ Significa que não possui carteira de trabalho assinada, ou seja, não possui nenhum vínculo empregatício, embora exerça atividade remunerada.

tecido para produção de panos de prato, bonecos e animais; madeira para produção de arranjos e enfeites diversos; e vidro para peças utilitárias de cozinha e banheiro.

A atualização profissional se dá por meio de revistas e sites especializados. A tecnologia é um instrumento presente no dia-a-dia dessa artesã, que possui site e blog próprios. Parte da matéria-prima que necessita para a prática artesanal, especialmente tintas e pincéis, são comprados via *internet*.

Beatriz tem 54 anos, é descendente de imigrantes alemães, católica, casada e tem dois filhos. Seu pai era marceneiro e sua mãe, além de cuidar do lar, fazia bordado e crochê. Desde pequena observava os pais trabalharem e tentava imitar a mãe, fazendo roupas de tricô para suas bonecas com o uso de varetas de brincar no lugar de agulhas.

A prática artesanal continuou na adolescência, com a produção de blusões e cachecóis para uso próprio, seguida de peças para o enxoval de casamento, como jogos de cama e cozinha. Constituir uma família era o desejo de Beatriz, que se concretizou. Nesse processo, várias peças de tricô e crochê foram feitas, inclusive para os seus filhos.

Os anos passaram e os filhos tornaram-se adultos, havendo mais tempo para dedicar-se ao que aprecia fazer: artesanato. Assim, desde 2003, produz e comercializa peças, tendo preferência pela técnica da pintura em tecido, em panos de prato. Seu diferencial está na perfeição dos acabamentos e no uso de poucas cores na pintura das peças, fazendo um efeito de diferentes tons da mesma cor, conhecido e chamado por algumas pessoas de “tom sobre tom”. Seus desenhos nunca são cópias; gosta de recriar a partir de uma imagem, tornando cada trabalho único.

Possui o ensino médio completo e busca, constantemente, atualização profissional por meio de revistas, cursos e aulas particulares com outras artesãs. Isso a habilita para desenvolver pintura em latas e em caixas de leite e, também, revestimento em objetos reutilizados com filtro de café usado.

O cuidado com a casa e a atenção ao marido e aos filhos são conciliados, diariamente, com a prática do trabalho artesanal. A renda da comercialização dos

produtos, principalmente em feiras, é utilizada para o reinvestimento em matéria-prima e para pagar despesas pessoais.

Considera a participação na Associação importante para a valorização da atividade artesanal e para a rede de relações sociais que se constitui. O fato de não expor peças na Casa do Artesanato se dá por falta de tempo para maior produção e pela falta de disponibilidade de trabalhar um turno por semana nesse espaço.

Cristina tem 32 anos, é espírita, casada e mãe de dois filhos. Descendente de imigrantes portugueses, cursou parte do ensino fundamental. Começou a fazer artesanato há oito anos, quando procurou na região objetos de decoração infantil e não encontrou. Sem trabalho formal na época, percebeu nessa carência uma oportunidade de negócio e, de imediato, procurou material didático para aprender a modelagem com massa biscuit.

O gosto pela técnica, somado à habilidade e à criatividade, são atualmente reconhecidos até fora do estado do Rio Grande do Sul. A artesã atende encomendas personalizadas para casamentos, festas de 15 anos, festas infantis, formaturas, entre outras. Além disso, supre demanda de colegas da região que utilizam o biscuit como acessório em peças artesanais de madeira e vidro, e participa das feiras anuais promovidas pela Associação dos Artesãos do Alto Taquari.

Os moldes dos mais de 500 modelos são feitos com o plástico da garrafa pet, e a massa de biscuit é preparada artesanalmente com amido de milho, cola e limão. Nesse preparo, conta com a ajuda do marido. O tempo para produção das peças é lento, levando, em média, 15 dias, considerando o preparo da massa, a modelagem, a secagem, o acabamento e a pintura. Relata que esse tempo é fundamental para a qualidade da peça. Por isso, cumpre e respeita, rigorosamente, as etapas do processo.

Dessa maneira, cria peças com precisão e riqueza de detalhes, empregadas em tampas de vidros, lembranças de bebês, imãs de geladeira, enfeites para colocar sobre a erva na cuia de chimarrão, enfeites de bolos. Os símbolos produzidos na sua prática artesanal remetem a pessoas, profissões, escudos de times de futebol, imagens religiosas, cultura gaúcha, natureza, animais, entre outros temas.

O vínculo com a Associação ampliou a rede de relacionamento, e a venda do artesanato hoje é uma das principais fontes de renda da família, razão de todos se envolverem e se ajudarem. O marido auxilia no preparo da massa e os filhos em algumas tarefas domésticas simples (de acordo com a idade). Dessa maneira, em um turno do dia, de segunda a sexta-feira, Cristina dedica-se à criação das peças artesanais de biscuit e no outro turno, à família. Por essa razão, não dispõe de tempo para trabalhar na Casa do Artesanato, logo não expõe as peças naquele espaço.

Denise tem 56 anos, é católica, descendente de imigrantes portugueses, possui o ensino médio completo, é casada e mãe de um filho. Aposentou-se depois de trabalhar muitos anos no setor público, em funções administrativas. Com tempo livre, pelo fato de não ter mais compromisso de trabalhar “fora”, desejava ocupar-se, pois sempre foi muito ativa. Então começou a auxiliar a irmã e a prima na produção artesanal de bonecas na capital gaúcha, cidade onde residiam na época. A produção de bonecas da semana era vendida no Parque Farroupilha, mais conhecido por Redenção³⁰, em Porto Alegre-RS, aos domingos.

Foram cinco anos fazendo lindas bonecas de pano. De auxiliar tornou-se profissional na arte manual, razão que a levou a aprender outras técnicas, para fazer diferentes peças artesanais. Foi quando surgiu a oportunidade de frequentar um curso de noções básicas de *patchwork*, do que gostou muito e começou a trabalhar com retalhos de tecido.

³⁰ Em abril de 1982, foi criada a Feira do Bom Fim, por um grupo de artesãos e artistas que desejavam mostrar sua arte e oferecer uma opção de lazer à comunidade porto-alegrense, nas manhãs de domingo. A primeira mostra de artesanato ocorreu no Parque Farroupilha, também conhecido por Redenção. Com o passar do tempo, o espaço foi ficando pequeno para o número crescente de artesãos e artistas interessados em expor seus trabalhos. Por essa razão, estabeleceu-se uma comissão com o intuito de organizar e defender os interesses dos expositores. Um ano após a criação da Feira, em 1983, ela foi oficializada, via decreto, como um mercado de artesanato de Porto Alegre, por caracterizar-se como um polo de atração turística e cultural. Localizado na avenida José Bonifácio, o Parque da Redenção atualmente possui 400 expositores, divididos em quatro segmentos distintos: artesanato, artes plásticas, antiquário e gastronomia. A Feira permanece ocorrendo aos domingos, porém nos turnos da manhã e da tarde, e é chamado de Brique da Redenção. O parque possui infraestrutura de trinta e sete hectares e, em 1997, foi tombado como patrimônio ambiental da cidade. Mais informações em <http://www.briquedaredencao.com.br>.

Na ocasião, seu marido, também funcionário público, recebeu a comunicação de transferência profissional da cidade de Porto Alegre para a de Lajeado, mudando a rotina da família. Era preciso adaptar-se, fazer novas relações e amizades.

Os primeiros meses em Lajeado foram destinados à organização do lar, das novas rotinas familiares (escola da filha, logística do marido) e do conhecimento da própria cidade e região (estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, opções de lazer). Nesse processo, soube da existência da Associação dos Artesãos do Alto Taquari e buscou mais informações.

Ao visitar a Associação, sentiu-se acolhida e logo providenciou o cadastro de ingresso, em 2004. Atualmente, ao completar seis anos de vínculo com a entidade, tem contribuído ativamente nas funções da diretoria, por sua competência técnico-administrativa. Assim, trabalha um turno por semana na Casa do Artesanato e expõe os produtos, e também participa das feiras promovidas pela entidade.

A criatividade expressa na técnica empregada, que une pequenos tecidos em uma infinidade de formatos, fazendo peças decorativas e utilitárias, como capas de garrafa térmica, trilhos e toalhas de mesa, tornou Denise conhecida na cidade. Recebe encomendas de quatro lojistas local que comercializam suas peças, além de clientes que frequentam a Casa do Artesanato.

Para dar conta das encomendas e das feiras, conta com a ajuda da irmã, que a auxilia nos afazeres domésticos. Os turnos do dia são bem planejados: de manhã dedica-se à casa e à família, à tarde e, algumas noites, à produção artesanal. Relata considerar a prática da atividade manual um lazer, mas admite que o trabalho extra, referindo-se ao turno da noite, ocorre porque tem dificuldade em dispensar encomendas.

A atividade artesanal não é a principal fonte de renda da família, pois o casal é aposentado, entretanto contribui, significativamente, para despesas extras da família, como, por exemplo, as relacionadas ao lazer. Afirma que o retorno do seu trabalho não é medido monetariamente, pois a prática do trabalho artesanal é uma satisfação pessoal, além da rede de amizades que se forma a partir dela.

Elisa tem 56 anos, é evangélica e de origem alemã. Possui o ensino médio completo, é viúva e mãe de cinco filhos. Lembra com carinho dos trabalhos artesanais que a avó paterna fazia. Eram coroas com flores naturais e com flores de papel e tecido, cobertores e colchões com enchimento de crina³¹. Relata ainda que, com a venda desses trabalhos manuais, a avó criou sozinha dois filhos.

Pela admiração e exemplo do trabalho da avó, aos oito anos, Elisa começou a fazer tricô, seguido de crochê. As peças eram para uso próprio e familiar. Com o passar do tempo, apropriou-se da habilidade e, mais do que isso, pela motivação e qualidade do trabalho surgiram pedidos externos para casacos e blusões de lã. De um *hobby*³², a arte do fazer manual tornou-se profissão.

Diante da procura pelo seu trabalho artesanal e incentivada por uma amiga, também artesã, desejou fundar uma associação. Contatou pessoas e, nesse processo, conheceu outras mulheres interessadas na proposta. Assim, uniram-se e fundaram a Associação dos Artesãos do Alto Taquari. De lá para cá, são 10 anos vinculada à Associação e 30 anos na atividade artesanal.

A paixão pelo trabalho artesanal se mantém intacta nesse período. Provavelmente essa seja uma das razões de ter sido escolhida para assumir a liderança da Associação, e por receber convites para atuar como professora em órgãos públicos visando a ensinar práticas artesanais.

Elisa não se considera uma pessoa com perfil clássico de liderança, mas tem ocupado, ao longo da sua atividade artesanal, vários cargos de coordenação. Jeito suave, acolhedor, educado, é do tipo que não se altera, procura resolver as questões com bom senso e bom humor. Concilia sua vida privada e pública com a ajuda e compreensão dos filhos e do companheiro.

A técnica que mais desenvolve é a pintura em latas recicladas e objetos de madeira, embora saiba fazer outras. Busca atualização profissional constante em revistas e, especialmente, com colegas artesãs. Acredita que o trabalho partilhado é

³¹ Crina é um tipo de pelagem de animal, como, por exemplo, do cavalo, utilizado para enchimento de colchões.

³² Refere-se à atividade de lazer.

transformador e, acontece quando dividimos com outras pessoas nosso saber. Assim, ensina e aprende com amigas-colegas de profissão.

Helena tem 42 anos, é de origem alemã e religião católica. Possui o ensino médio completo, é casada e mãe de três filhos. Entediada de só atuar no espaço privado, cuidando do lar e dos filhos, matriculou-se num curso de artesanato. O objetivo era aprender técnicas para decorar a casa, nada mais. A primeira peça por ela produzida foi um porta-chaves, de madeira e tecido, colorido, no formato de espantalho³³. Quando o trabalho estava concluído, ficou admirada de si mesma - não imaginava que seria capaz de fazer algo tão bonito.

Motivada com o resultado do seu trabalho, outros foram sendo criados e, cada vez mais, o gosto pela arte manual aflorava. Foi quando decidiu "arriscar" e começar a trabalhar com esse ofício. Apoiada pelo marido e pelos filhos, restaurava móveis em casa. A cada peça entregue, a qualidade do trabalho artesanal era reconhecida pelo cliente. Esse a indicava para amigos e, aos poucos, os pedidos foram aumentando.

O espaço da casa ficou pequeno. Era hora de providenciar lugar mais apropriado para desenvolver a técnica da pintura em madeira, que exige muita dedicação no processo de lixamento e pintura. Conseguiu um local próximo da sua residência, no andar térreo da casa de um parente. Da mudança de endereço para os dias atuais, são nove anos na profissão.

Os reparos e a pintura em móveis continuam sendo a técnica de maior preferência, seguida da pintura em latas, a partir das embalagens industriais descartadas pelo setor de alimentos (restaurantes, lancherias, bares, hotéis, entre outros estabelecimentos) e da produção de rosas que têm como matéria-prima a lata de cerveja.

³³ Espantalho é um boneco feito de diferentes matérias-primas, normalmente com detalhes em tecido colorido, aparentando roupas velhas, e chapéu, comum em objetos de decoração.

Para dar conta de atender encomendas, expor em feiras e ser professora em cursos de artesanato, trabalha, em média, 10 horas por dia. Nessa jornada, conta com a ajuda do marido, que lixa as peças e, quando há muita demanda, sua mãe desloca-se do litoral gaúcho também para ajudar, cuidando da alimentação e organização das roupas da família. A limpeza da casa é auxiliada pelo filhos, que compreendem a importância do trabalho artesanal para a qualidade de vida da família. Ainda, se necessário, tem apoio de duas ajudantes. A remuneração delas é previamente definida, sem contratação formal. Em função desse ritmo de trabalho, não participa da escala de trabalho da Associação.

Quanto às compras dos materiais que utiliza para desenvolver as técnicas artesanais, as faz pela *internet*, na maioria das vezes. Acha prático, rápido e seguro, além de os preços serem inferiores ao do mercado local. É pela rede mundial de computadores que também busca atualização profissional, navegando em *sites* especializados.

Relata que participou de um curso, promovido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que mudou sua forma de pensar e trabalhar artesanato, referindo-se à profissionalização da gestão do negócio. Aprendeu a apurar o preço de venda do produto, a observar as tendências do mercado para a revitalização das criações e a resgatar elementos culturais regionais em sua prática, tornando-se mais competitiva quanto à comercialização das peças.

A profissionalização, associada a muito trabalho, gera conquistas. A compra de um automóvel para a locomoção de Helena é relatada por ela com muita alegria, por facilitar seu deslocamento e, assim, poder assumir mais atividades profissionais, como os convites para ministrar cursos de artesanato em espaços culturais no município em que reside.

Marinês tem 42 anos, ensino médio completo, é casada e mãe de um filho. De origem brasileira e religião católica, sempre apreciou trabalhos manuais. Sua mãe, até hoje, sabe costurar. Fazia as roupas para vestir as três filhas quando eram crianças.

O talento de Marinês para trabalhos artesanais foi descoberto por uma amiga, quando a visitava, em sua residência. Uma caixa de sapato forrada de tecido chamou a atenção dessa amiga, que já era artesã. Ao pegar a caixa, percebeu que o trabalho era bem acabado, ou seja, havia qualidade, criatividade e inovação. Assim, a convidou para expor em uma feira, que haveria em meses subsequentes, por acreditar que as pessoas (clientes) iriam apreciar o produto, pela beleza e utilidade.

As caixas revestidas eram (e ainda são) utilizadas para guardar documentos, remédios, produtos de higiene, entre outros. Além de úteis, pois tudo fica organizado e identificado, são decorativas, lembram maletas, afirma a artesã.

Mesmo insegura quanto à aprovação do produto, Marinês aceitou o convite, expondo no estande da amiga, pois não tinha o registro de artesã para expor de forma autônoma na feira. As caixas de sapato forradas, de diferentes tamanhos e cores, fizeram muito sucesso. Motivada pelos elogios das pessoas que frequentaram a feira e, também, pelas vendas realizadas, procurou fazer o registro profissional, associar-se a mais de uma entidade afim e seguir na atividade. Na Associação dos Artesãos do Alto Taquari participa das feiras e, por questão de tempo e logística, não tem estado na escala de trabalho da Casa do Artesanato.

Além das caixas forradas, diversificou o *mix* de produtos. Das caixas sobram retalhos de tecido, então aprendeu a fazer pequenas bonecas, enfeites e fuxicos. Também aprendeu a técnica de *patchwork* e, com ela, a criação de outros produtos, como: capa para térmica, aventais e bolsas femininas de mão.

Ao completar nove anos na atividade artesanal, relata ter, desde o início, incentivo do marido e do filho. Nos períodos de intensa demanda, conta com a ajuda da mãe, que faz as costuras, para que possa se dedicar ao processo manual das peças, que exige a maior parte do tempo da produção.

Marinês atribui à participação em feiras sua vasta clientela. A presença nas associações de artesanato é uma “vitrine” para quem atua no segmento, garante. Além disso, é a oportunidade de conhecer colegas, novas técnicas artesanais e dicas de estabelecimentos para compra de matéria-prima.

Renata tem 52 anos, é de origem alemã, católica, solteira, sem filhos. O gosto pelo artesanato começou cedo. O pai era torneiro mecânico e a mãe costurava, fazia tricô e crochê. Aprendeu olhando e esclarecendo dúvidas com ela e, dessa maneira, aos 12 anos de idade, fez o primeiro vestido de tricô para sua boneca, na cor azul.

Com ensino superior completo, exerceu o magistério durante oito anos, lecionando para séries do ensino fundamental em escolas municipais e estaduais. Da alfabetização a disciplinas de estudos sociais e educação artística, levou o artesanal para a sala de aula, procurando desenvolver conteúdos teóricos com atividades práticas e lúdicas. Percebia que o aprendizado ocorria mais facilmente quando associava os conteúdos com elementos da vida cotidiana do aluno.

Quando saiu do magistério, desejava continuar com atividades manuais. A escolha pelo artesanato se deu naturalmente. As primeiras encomendas de tricô e crochê foram de amigas. Eram jogos de tapete para cozinha e banheiro, guardanapos e trilhos de mesa, que ainda hoje são a sua maior preferência. O dinheiro para iniciar a produção manual veio da mãe, devolvido logo após a comercialização das primeiras peças.

O ingresso na Associação dos Artesãos, em 2002, foi fundamental para a visibilidade do seu trabalho, conseqüentemente, para ter vendas mais regulares. Além disso, o fato de pertencer a um grupo organizado propicia novas relações e amizades, relata, tanto com colegas artesãos quanto com clientes, razão de trabalhar na escala semanal da Casa do Artesanato.

Com a prática artesanal Renata concilia o cuidado do lar, razão de não participar das feiras. Afirma que, para participar das feiras, é preciso ter variedade e quantidade de peças, o que requer mais tempo para produção. Então optou pela escala de trabalho e exposição dos produtos na Casa do Artesanato.

Valquíria tem 40 anos, ensino médio completo, é católica, casada e mãe de um filho. Estimulada por uma professora no ensino fundamental, começou a desenhar e a pintar nas aulas de Educação Artística. Alguns dos seus trabalhos ganharam destaque na escola, deixando-a ainda mais motivada para continuar desenvolvendo atividades ligadas às artes.

Ao concluir o ensino médio, ingressou no mercado de trabalho, na área administrativa de uma indústria de calçados da região do Vale do Taquari-RS. Com o passar do tempo na empresa, as cobranças por produtividade e por redução de despesas, somadas à crise econômica no ramo calçadista, tornaram o ambiente de trabalho insustentável. Cansada e com problemas de saúde, foi aconselhada por um médico a ocupar-se com algo do que gostasse muito.

Então procurou no centro da cidade onde reside até hoje um curso de pintura em gesso. Matriculou-se e passou a frequentar as aulas. Ao final do curso, havia pintado peças religiosas que foram muito elogiadas por familiares e amigos pela qualidade e bom gosto na escolha das cores.

Passados alguns meses, um desses amigos solicitou que ela restaurasse um presépio. Tratava-se de peças antigas e de grande valor sentimental. Respondeu que não, pois não se sentia capaz de fazer o trabalho. Mas o amigo insistiu até ela aceitar. Nas horas livres, durante um mês, Valquíria reconstituiu e pintou o presépio, peça a peça. Quanto entregou o presépio devidamente restaurado, pareciam peças novas, ou seja, o resultado foi excelente.

Enquanto isso, o trabalho na indústria de calçados continuava, embora, a cada dia, se sentia mais insatisfeita. Em função disso, avaliou a relação “remuneração e qualidade de vida” e tomou uma decisão: solicitou o desligamento da empresa.

Passaram-se alguns dias da saída da empresa até receber o convite de pintar peças em gesso. Seu amigo, dono do presépio, era proprietário de uma loja de bazar e a convidou para pintar peças e vender na sua loja. A parceria deu certo, pedidos especiais foram sendo feitos por clientes que desejavam peças exclusivas para decoração de ambientes residenciais e comerciais.

Em seguida, surgiu a oportunidade de ingresso na Associação, propiciando maior visibilidade à prática do seu trabalho artesanal. Expondo nas feiras e participando da Casa do Artesanato, aos poucos, tornou-se mais conhecida na cidade e foi procurada por uma microempresária para comprar um pequeno estoque de moldes e de peças prontas em gesso, pois desejava parar de atuar no ramo. Com a ajuda financeira e operacional de um familiar, Valquíria comprou o estoque,

instalou o ateliê na casa desse mesmo familiar e intensificou a prática do trabalho artesanal.

Ao contrário da atividade anterior (na indústria), a ampla jornada de trabalho com o artesanato não representava fadiga, e sim vitalidade, alegria e conquista. Durante seis anos trabalhou no espaço físico cedido, vindo a mudar em 2006, quando adquiriu espaço próprio - a sua residência.

Atualmente são nove anos na atividade artesanal, com vasta carteira de clientes. É referência em restauração de peças religiosas, atendendo solicitações de instituições católicas e evangélicas da região do Vale do Taquari. Além disso, é fornecedora de peças religiosas para livrarias especializadas dessa região.

Com maior volume de trabalho, somado à organização do lar e à atenção à família, Valquíria optou por continuar participando das feiras da Associação, mas não mais atuar na escala de atendimento semanal da Casa do Artesanato.

Relata que o artesanato faz parte da sua vida e, ao concluir o trabalho de restauração de uma peça religiosa, sente-se gratificada. Dependendo do tamanho da peça, são vários dias de intenso e minucioso trabalho, razão dos reparos constituírem uma categoria fundamental para a habilidade artesanal, pois trata-se da capacidade de produzir e, também, consertar.

A seguir, o Quadro 1 tem o objetivo de sintetizar o perfil das mulheres-artesãs, descrito acima, para melhor visualização. A caracterização, segundo nome, idade, escolaridade, tempo de atuação na atividade artesanal, principal matéria-prima e prática profissional utilizada³⁴, ficou configurada da seguinte forma:

³⁴ De cada matéria-prima utilizada derivam práticas profissionais que resultam em tipologias de produtos, com suas características técnicas, ferramentas e destinações. As matérias-primas podem ser de origem mineral, vegetal ou animal, podendo ser utilizadas em seu estado natural, processada ou decorrente de reciclagem. Para a caracterização da matéria-prima principal e da prática artesanal descritas no Quadro 1, foram adaptadas às orientações da classificação do artesanato do Programa Sebrae de Artesanato - Termo de Referência (SEBRAE, 2004).

QUADRO 1 – Caracterização das mulheres-artesãs participantes da pesquisa Mulher, meio ambiente e modo de vida sustentável: um estudo com artesãs da região do Vale do Taquari-RS

Nome	Idade	Escolaridade	Tempo na atividade	Matéria-prima	Prática artesanal
Ângela	47 anos	Superior incompleto	20 anos	Tecido, madeira e vidro	Costura, pintura e utensílios
Beatriz	54 anos	Ensino médio completo	6 anos	Tecido	Pintura
Cristina	32 anos	Ensino fundamental incompleto	8 anos	Massa	Modelagem (biscuit)
Denise	56 anos	Superior incompleto	10 anos	Tecido	Costura (<i>patchwork</i>)
Elisa	56 anos	Ensino médio completo	30 anos	Madeira e metal	Pintura e utensílios
Helena	42 anos	Ensino médio completo	9 anos	Madeira e metal	Pintura e utensílios
Marinês	42 anos	Ensino médio completo	9 anos	Tecido	Costura (enfeites, fuxicos, <i>patchwork</i>)
Renata	52 anos	Superior completo	7 anos	Fio e lã	Tecelagem e tapeçaria (crochê e tricô)
Valquíria	40 anos	Ensino médio completo	9 anos	Gesso	Modelagem e pintura (restauração e criação de novas peças)

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2009.

Como podemos verificar no Quadro 1, as mulheres-artesãs participantes desta pesquisa possuem idade variada. Uma artesã encontra-se na faixa dos 30 a 40 anos, quatro na faixa dos 40 a 50 anos e outras quatro na faixa dos 50 a 60 anos, evidenciando o nível de maturidade das mulheres. Isso também é demonstrado no tempo de atuação na atividade artesanal, em que o menor período é de seis anos e o maior de 30 anos. Ou seja, a prática artesanal feminina tem continuidade ao longo do tempo. A escolaridade destaca-se, predominando entre as artesãs o ensino

médio completo, confirmando estatísticas apontadas por pesquisas importantes e com respaldo de âmbito mundial quanto ao maior acesso das mulheres à educação.

Assim, o perfil das artesãs entrevistadas tecem experiências vividas, logo identificam sua trajetória profissional. Nelas destacam-se os papéis que essas mulheres passam a desenvolver: o papel tradicional, em seu espaço privado, como esposa, mãe e responsável pelo cuidado da casa, e o papel mais atual como trabalhadora, com presença na esfera pública. Nessa última, seu trabalho chama a atenção pelas características e atitudes a partir da sensibilidade, da afetividade e do respeito com o outro, particularidades inerentes à mulher que também estão presentes no seu ambiente de trabalho profissional.

3 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DO PAPEL DA MULHER, MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL E ARTESANATO

O referencial teórico que fundamenta este estudo parte de breve retrospectiva histórica sobre a inserção da mulher no movimento ambiental, sua trajetória de luta na defesa pela igualdade de gênero e pela cidadania, bem como sua presença no mercado de trabalho, em atividades artesanais, contribuindo para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável.

Nas décadas de 50 e 60 do século XX, na Sociedade Ocidental, as mulheres eram vistas como criadoras, educadoras e donas de casa, meras beneficiárias do desenvolvimento dentro do seu papel reprodutor da economia, enquanto seus papéis produtivos, especialmente na agricultura, eram negligenciados (HÄUSLER, 1994).

Com a modernização da agricultura os homens tornaram-se cada vez mais persuadidos aos processos de produção de mercadorias para a exportação, e as mulheres continuaram a produzir alimentos para a subsistência da família por meio dos métodos tradicionais de cultivo em terras impróprias para produções rentáveis, sem acesso a crédito, capacitação e tecnologia (HÄUSLER, 1994).

Diante disso, a partir dos anos 70, a mulher é inserida no debate sobre desenvolvimento pela ONU, e inicia-se nova área de estudo, na qual o papel da

mulher na agricultura e no desenvolvimento rural se evidencia, contribuindo para importantes conhecimentos e conquistas.

Uma das primeiras investigações sobre o papel da mulher nos setores produtivos das economias dos países em vias de desenvolvimento na agricultura foi realizada por Ester Boserup³⁵, no seu influente livro denominado “Women’s Role In Economic Development” (“Papel da Mulher no Desenvolvimento Econômico”), de 1970. Constatou que o processo de desenvolvimento levou, muitas vezes, à deterioração do papel da mulher face aos homens.

A autora analisou projetos de desenvolvimento na Ásia, na África e na América Latina e demonstrou como os homens foram apropriando-se da técnica e dos resultados da modernização tecnológica introduzidas na área agrícola, ao mesmo tempo em que as mulheres foram sendo excluídas e fixadas nas atividades de tecnologia tradicional, de menor rendimento e de menores ganhos financeiros. O estudo afirmou ainda que, ao contrário do que muitos esperavam, a modernização na esfera produtiva, se não acompanhada da democratização das relações sociais, dificilmente promoverá o equacionamento das desigualdades sociais, entre elas, as de gênero (HÄUSLER, 1994).

O foco do trabalho de Ester Boserup era que homens e mulheres tivessem os mesmos direitos dentro das famílias rurais, sem conflitos de gênero³⁶. Ela e outras pioneiras nessas investigações do papel da mulher no desenvolvimento econômico contribuíram para a formulação de políticas públicas, visando a transformar os resultados numa prática do desenvolvimento.

Assim, aumentava o interesse pelo papel da mulher no processo de desenvolvimento e, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia, Sundarlal Bahuguna³⁷

³⁵ Ester Boserup era economista e escritora. Trabalhou na ONU. Seu estudo é considerado um marco na institucionalização da perspectiva de gênero nos processos de planejamento e implementação de projetos de desenvolvimento humano. Mais informações: http://en.wikipedia.org/wiki/Ester_B%C3%B6serup.

³⁶ Gênero entendido aqui como a integração plena, equitativa e benéfica da mulher em todas as atividades relativas ao desenvolvimento e ao controle da degradação ambiental (BARBIERI, 1997).

³⁷ Sundarlal Bahuguna, ativista, filósofo e ambientalista, lutou pela preservação das florestas no Himalaia. Foi membro do movimento Chipko e defensor dos povos, e especialmente das mulheres. Mais informações: http://en.wikipedia.org/wiki/Sundarlal_Bahuguna.

relatou as iniciativas de algumas populações indígenas para proteger as suas florestas, importante movimento - mais tarde conhecido por Chipko - que acabou influenciando muitas outras mulheres em projetos comunitários de reflorestamento. A conferência também apresentou o diagnóstico dos problemas ambientais globais que urgentemente deveriam ser avaliados. As análises focaram a questão populacional e o uso racional dos recursos naturais, enfatizando que sustentabilidade é uma questão global, e não local, e, portanto, as soluções devem ser consideradas globalmente.

Após essa Conferência, seguem-se vários acontecimentos de âmbito internacional ligados ao meio ambiente e desenvolvimento. Entre eles, a primeira Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher e o Desenvolvimento, em 1975, na cidade do México, sob o título “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”. Nessa Conferência governos e agências de desenvolvimento evidenciaram a necessidade de ter as mulheres à frente da erradicação da pobreza, que crescia rapidamente nas populações do Sul (América Latina, África e Ásia).

Na década de 80 ocorreu considerável crescimento de movimentos das mulheres. O primeiro encontro do “Desenvolvimento com as Mulheres para Uma Nova Era (DAWN)” ocorreu na Índia. Um grupo de mulheres do Sul, muitas vezes visto como responsável pelo desflorestamento e desertificação, começou a formular suas próprias ideias quanto a um modo de desenvolvimento alternativo.

Em 1984, o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (UNEP) iniciou um programa visando a ter maior participação feminina na gestão ambiental e criou o Conselho Superior de Mulheres sobre Desenvolvimento Sustentável (SWAGSD), composto por mulheres qualificadas e interessadas por questões ambientais trabalhando em diferentes organizações de desenvolvimento. O Conselho estruturou informações sobre as mulheres no meio ambiente e o desenvolvimento sustentável na Conferência da ONU sobre Mulheres e Desenvolvimento, que, somadas às ideias do encontro das mulheres do DAWN, contribuíram na redação do documento denominado “As estratégias com um olhar no futuro”. Esse documento traz essencialmente o objetivo de igualdade entre os sexos e a integração plena das mulheres na corrente do desenvolvimento econômico, com igual acesso à educação,

à formação e a recursos como a terra e o capital. A partir disso, a temática “mulher e meio ambiente” ingressou definitivamente na agenda da ONU (HÄUSLER, 1994).

Durante a Conferência de Nairobi, em 1985, paralelamente aconteceu a Conferência da ONU sobre Mulheres e Desenvolvimento, na qual foram apresentadas as experiências das mulheres pobres do Sul na silvicultura, na agricultura e na energia, organizada pelo Centro Internacional de Ligação Ambiental (ELCI). Discutiu-se, também, neste fórum a necessidade de as mulheres terem o controle sobre suas vidas como pré-requisito para mudanças sociais.

Nos anos que se seguiram à Conferência de Nairobi, formaram-se muitas redes internacionais de mulheres para trabalhar questões relativas à mulher, meio ambiente e desenvolvimento sustentável e uma série de estudos foram publicados pela Rede de Recursos das Mulheres da Ásia e do Pacífico relatando ações ambientais das comunidades locais. Mas é após a publicação do Relatório de Brundtland³⁸ que o debate centrou-se no envolvimento das mulheres nas estratégias e nos programas cujo foco era sustentabilidade. Cada vez mais as mulheres foram promovidas a “gestoras ambientais”, por terem capacidades e conhecimentos ambientais específicos, embora algumas técnicas pouco conscientes de questões relacionadas com o gênero acabaram sendo apenas incluídas em projetos ambientais (HÄUSLER, 1994).

Em 1989 houve importantes participações femininas: um seminário em Paris, organizado pelo Grupo de Mulheres Peritas em Desenvolvimento da Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento (OECD); por mulheres do Banco Mundial; da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUNC); da Federação Internacional do Planejamento Familiar (IPPF) e do UNEP, com outras instituições. Nele os participantes discutiram a concessão de benefícios às mulheres pobres do Terceiro Mundo, concluindo que o estatuto deveria ser constituído com direitos (controle da fertilidade, acesso à educação, tecnologia, como forma de

³⁸ O Relatório de Brundtland, publicado em 1987 pela Comissão das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, apresenta uma relação de estratégias a longo prazo para que os Estados nacionais possam alcançar o desenvolvimento sustentável, por meio da limitação do crescimento populacional, diminuição da pobreza, preservação da natureza, diminuição do consumo de energia por meio do uso de tecnologias limpas, controle da urbanização e aumento da produção em países subdesenvolvidos (BRÜSEKE, 1995).

atingirem o desenvolvimento social, cultural e ambiental), e não só deveres, conforme debate iniciado no Fórum de 1985.

Em 1991, as questões do gênero foram incluídas e publicadas no documento chamado “Segunda Estratégia de Conservação Mundial”, como resultado do trabalho das mulheres. Também nesse ano as mulheres tiveram participação efetiva na comissão da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (UNCED), ocupando importante espaço na Assembleia Global Mulheres e Meio Ambiente – Parceiros na Vida, em Miami, na qual foram discutidas a proteção e a gestão ambiental. Na segunda conferência, denominada Congresso Mundial das Mulheres para um Planeta Saudável, participaram aproximadamente 1.500 mulheres, de 83 países, e esboçaram a “Agenda da Ação da Mulher”, projeto com recomendações e um plano de ação para um planeta saudável. O esboço foi apresentado na Conferência Global das Organizações Não-Governamentais (ONGs), em Paris, no mesmo ano, sendo plenamente aprovado pelos participantes.

A UNCED realizada no Rio de Janeiro em 1992, conhecida por Rio-92, mobilizou mais de 30 mil participantes, incluindo ONGs e representantes de 179 países, com o objetivo de reconciliar as interações entre o desenvolvimento humano e o meio ambiente preconizadas pelo documento denominado Agenda 21³⁹. Esse documento reúne o conjunto mais amplo de premissas e recomendações necessárias à implantação de leis que refletem os anseios mundiais sobre meio ambiente e desenvolvimento. Seu plano de ação se constitui de quarenta capítulos, que apresentam áreas de programas com objetivos, atividades e meios de implantação. Esses foram elaborados, com a finalidade de orientar a sua utilização como uma metodologia de planejamento com foco no desenvolvimento sustentável. A responsabilidade pela execução dos programas é dos governos dos países, e, para tanto, estes devem desenvolver as suas políticas, seu planejamento e suas estratégias nacionais.

Paralelamente à realização da Rio-92, mulheres de todo o mundo discutiram os problemas vividos no planeta em evento organizado pela Coligação de Mulheres Brasileiras, juntamente com a Organização das Mulheres para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente (WEDO), levada (as discussões) à íntegra no âmbito do Fórum

³⁹ Disponível nos sites: www.agenda21.org.br e/ou www.ambientebrasil.com.br.

Social de ONGs. Os doze dias do evento, que recebeu o nome de Planeta Fêmea, estavam centrados em apresentações diárias estruturadas nas temáticas da Agenda da Ação da Mulher, como direitos democráticos, ética ambiental e responsabilidade, biodiversidade e biotecnologia, poder nuclear e energia alternativa, políticas das populações e saúde, globalização, pobreza, militarismo, governança, educação, direitos da terra, direitos das mulheres, segurança alimentar, ciência e tecnologia.

As recomendações dessa Agenda, criada a partir das experiências, análises e esperanças das mulheres, foram endossadas pela comunidade internacional visando à integração plena, equitativa e benéfica da mulher em todas as atividades relativas ao desenvolvimento. O capítulo 24 da Agenda 21 traz essas recomendações e metas para integrar as mulheres e a questão do gênero em todos os níveis de governo e nas atividades correlatas de todas as agências da ONU. Realça ainda que qualquer implantação da Agenda 21 dependerá do envolvimento ativo das mulheres nas decisões políticas e na implementação das convenções e planos de ação adotados pela ONU.

A Agenda 21 de Ação das Mulheres abriu espaço para a presença feminina nas conferências da ONU que aconteceram nas décadas de 90 e de 2000, como:

- 1993, Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, em Viena - governos, instituições, organizações intergovernamentais e não-governamentais intensificaram esforços no sentido da proteção e promoção dos direitos humanos das mulheres, entre eles: direito à vida, direito à igualdade na família, direito de acesso a condições de trabalho e direito de não serem submetidas à tortura;

- 1994, Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, no Cairo - refletiu as principais tendências verificadas nas relações internacionais da época contemporânea, trazendo também outros paradigmas, encobertos até então pelos diferentes fatores que já se haviam apresentado mais imediata e visivelmente com o fim das rivalidades ideológicas entre comunismo e capitalismo;

- 1995, IV Conferência Mundial de Mulheres, em Pequim, China - contando com a participação da Comunidade Europeia para somar esforços já envidados pela comunidade internacional para a promoção da igualdade entre mulheres e homens, a Conferência, além de reafirmar os direitos reprodutivos anteriormente discutidos

(Nairobi/85), contempla, pela primeira vez em documento internacional, o direito da mulher em ter o controle e o poder de decidir sobre a sua sexualidade de forma livre e responsável, sem discriminação ou violência;

- 1995, Conferência Mundial para Desenvolvimento Social, em Copenhague - objetivou fazer uma avaliação sobre a vida das mulheres no mundo inteiro, para saber se houve melhorias ou não e se as recomendações foram implementadas, desde a conferência de Nairobi, em 1985;

- 1996, II Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (Habitat-II), em Istambul, Turquia - visou a discutir alternativas para aumentar a qualidade de vida e as condições de saúde de algumas mulheres, jovens e crianças, que passam por problemas e necessitam de atenção especial. Assumiu o compromisso de estabelecer diretrizes políticas para melhorar as condições de moradias nas áreas urbanas e rurais, proporcionando o direito de habitação decente e apropriada ao ser humano;

- 1997, encontro da Cúpula da Terra, chamada Rio+5, ocorrido em Kyoto, Japão - propôs avaliar a aplicação das propostas definidas na Rio-92 e, lamentavelmente, evidenciou que a implantação da Agenda 21 era deficiente na maioria dos países;

- 2001, Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban, na África do Sul - discutiu as distintas formas de racismo, os grupos étnicos e raciais mais sujeitos aos efeitos de sua manifestação e como superar as sequelas históricas impostas pela escravidão e pelo colonialismo;

- 2002, encontro da segunda Cúpula da Terra, na cidade de Johannesburgo, na África do Sul - governos e sociedade civil se mobilizaram para participar da Conferência de Desenvolvimento Sustentável, conhecida por Rio+10, visando a rever as políticas e a avaliar sucessos e fracassos da implementação dos planos de sustentabilidade definidos na Rio-92, além de tratar de questões surgidas nos últimos dez anos, em especial do atual sistema econômico e da globalização, responsáveis pelo aumento da pobreza e desagregação ambiental.

O encontro proporcionou para o movimento feminino a oportunidade de revisar a Agenda 21 de Ação das Mulheres, objetivando rever valores e propostas contidas no documento, assim como monitorar resultados, pois há evidências de que as condições de vida da mulher pouco melhoraram, o que significa dizer que os países não cumpriram com os compromissos assumidos nas Conferências da ONU, especialmente os que se referem às mulheres.

O debate com mulheres de diferentes países⁴⁰ resultou na Agenda de Ação das Mulheres pela Paz e por um Planeta Saudável 2015, documento que reúne recomendações aos governos, instituições nacionais e internacionais e às organizações da sociedade civil, considerando cinco questões prioritárias para as mulheres: “[...] Paz e direitos humanos, Globalização e Sustentabilidade, Acesso a Controle e Recursos, Segurança Ambiental e Saúde e Governança para o Desenvolvimento Sustentável” (ARACI, 2005, p. 15).

A nova agenda, traduzida em vários idiomas e lançada durante a Conferência de Desenvolvimento Sustentável, fortalece a presença das mulheres como protagonistas de sua própria história de luta por justiça, igualdade social e equidade de gênero.

No Brasil, a Agenda 21 de Ação das Mulheres vem se constituindo num importante instrumento de mobilização feminina no contexto das políticas de desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo em que tem possibilitado a interação de gênero, pois o diálogo é promovido em conjunto com os homens, que acabam tomando conhecimento da realidade apresentada pelas mulheres (PALOS, 2002).

As Conferências Mundiais realizadas pela ONU reconheceram a importância da presença das mulheres e dos homens para a elaboração de políticas que visem à construção de novo modo de vida. A essência desse novo modo de vida tem como característica fundamental a sustentabilidade da vida humana e da sociedade, com equidade e justiça social, pois as questões ambientais e as questões sociais estão interligadas.

⁴⁰ “Rio de Janeiro, Brasil; Pittsburgh, Estados Unidos; Praga, República Checa; Bangcoc, Tailândia; e Veneza, Itália” (ARACI, 2005, p. 15).

Embora não seja fácil, onde quer que seja, romper velhas estruturas e inserir nova concepção de pensar e agir, as mulheres vêm mostrando que é possível construir um modo de vida mais justo, humano e sustentável.

3.1 Gênero e cidadania: um caminho em construção

O movimento feminino tem abordado e discutido as desigualdades de gênero em todo o planeta. Mesmo assim ainda são muitos os desafios para a sua plena inclusão social.

No passado, ao homem cabia o comando do lar e à mulher, a reprodução biológica e o bem-estar familiar, cuidando dos filhos, dos afazeres domésticos e da produção de alimentos para a subsistência, sem acesso à educação e à tecnologia. Ou seja, as mulheres eram silenciadas pela ideologia patriarcal, e seus limites se esgotavam no espaço privado, enquanto aos homens eram atribuídos decisões e poder público.

Com o surgimento da industrialização, as mulheres são chamadas para trabalhar na área têxtil⁴¹, e a realidade social assume novas características. Além de cuidar da família, a mulher produz (na condição de assalariada) e participa em diversos espaços públicos. Dispensada do uso da força física, as tarefas femininas são consideradas secundárias, justificando, dessa forma, o tratamento e o salário inferior ao remunerado para os trabalhadores homens. Como afirma Fischer (2006, p. 30):

Além de serem absorvidas pela produção capitalista, em atividades semelhantes às que lhes eram secularmente atribuídas, as mulheres se prestavam à acumulação. O trabalho doméstico estava embutido no assalariamento da força de trabalho da mulher, criando as condições para maior exploração da classe trabalhadora.

Outro argumento usado para justificar a inferioridade salarial da mulher em relação ao homem era a complementaridade, ou seja, pelo fato de a mulher realizar o trabalho doméstico e não gerar despesas adicionais por isso, não havia por que

⁴¹ Têxtil refere-se à tecelagem. A indústria aproveita o conhecimento e a habilidade feminina na produção de fios (pois teciam suas próprias vestimentas de forma artesanal) e transforma mercadoria em valor de troca.

receber maior remuneração. Essa relação de trabalho e trabalho extra (doméstico) evidencia a hierarquia e as relações de poder entre os sexos, com a preponderância do masculino sobre o feminino, ou seja, do mundo do público sobre o mundo do doméstico. Dessa forma, a exploração e a discriminação parecem conviver na relação classe e sexo, ficando mais evidentes as desigualdades entre os gêneros.

A literatura lembra o significado da data de 8 de março de 1857, ocasião em que 129 tecelãs da Fábrica de Tecido Cotton, de Nova Iorque, mobilizaram-se para reivindicar aumento salarial e redução da jornada de trabalho, de 16 para 10 horas diárias. Em resposta a essa mobilização, os patrões trancaram a fábrica e provocaram um incêndio que causou a morte de todas as tecelãs. Cem anos depois desse triste episódio, a data tornou-se símbolo da “[...] luta das mulheres pela paz, pela democracia e pelos direitos humanos” (PRA, 2004, p. 49). Ou seja, a ONU chama a atenção para a importância do papel da mulher na sociedade, institui o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher e a inclui nas discussões sobre novo modo de vida sustentável, criando a Década da Mulher (1975/1985).

Essa década de conferências mundiais sobre a mulher representou significativos avanços na defesa pela igualdade de gênero e pela cidadania, entre eles uma agenda social compartilhada por diferentes países, com recomendações e metas para integrar as mulheres e a questão do gênero em todos os níveis de governo e nas atividades correlatas de todas as agências da ONU. Também nesse período se consolidam estudos sobre as mulheres e o próprio conceito de gênero é formulado.

A noção de gênero parte da compreensão de que o feminino e o masculino não são apenas condições biológicas e características sexuais, mas uma relação de construção sociocultural, com aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e da masculinidade. “Não se trata de negar que o gênero se constrói sobre o sexo, mas de ressaltar a construção social sobre as características biológicas” (FISCHER, 2006, p. 31).

Para Scott (1991), o gênero é uma categoria de análise que afirma a historicidade das distinções sociais entre os sexos. Ele é um elemento essencial das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e é um conceito relacional,

compreendendo a ideia de que não é possível analisar homens e mulheres separadamente.

O conceito de gênero implica quatro características relacionadas entre si: a) os símbolos culturais que evocam representações e até contradições, como os símbolos sociais de avareza e solidariedade, fome e fartura; b) os conceitos normativos expressos na interpretação dos símbolos, afirmando os sentidos opostos do masculino e feminino; c) a construção das identidades subjetivas de gênero e sua relação com as instituições e organizações sociais situadas historicamente (SCOTT, 1991).

Nesse plano, gênero é uma categoria de análise histórica, porque exige a análise da relação entre as experiências masculinas e femininas numa determinada sociedade e num determinado momento histórico e a ligação entre essa história e as práticas atuais. Assim, a divisão social do trabalho entre os sexos, que vincula as mulheres à esfera privada de reprodução e os homens à esfera pública de produção, é fruto de processo histórico que utiliza a diferença biológica como justificativa para uma divisão arbitrária do trabalho.

Logo, as relações entre os gêneros, enquanto relações sociais, passam a ser definidas como relações de poder, comportam a exploração dos subordinados e a dominação dos explorados. Ou seja, os pensamentos e percepções estão estruturados em conformidade com as mesmas estruturas das relações de dominação, “[...] compreendido como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos que tem lugar na trama das relações sociais” (FISCHER, 2006, p. 35).

Se as desigualdades entre os gêneros são sociais e constituídas historicamente, então é possível, da mesma forma, construir igualdade entre os gêneros. Compreender essa dinâmica como elemento de mudança significa construir a cidadania, compreendida por Walby (2004, p. 169) como:

[...] um conjunto de princípios que serve de base às concepções de justiça social, [...] um conjunto de propostas sobre como os indivíduos deveriam ter direitos e deveres políticos, civis e sociais para ser capazes de realizar plenamente seu potencial humano.

Nessa concepção, exercer a cidadania plena significa ter direitos civis, políticos e sociais. Por direitos civis entende-se o direito à vida, à liberdade, à igualdade; por direitos políticos, a participação no destino da sociedade; e, por direitos sociais, a garantia do direito à educação, ao trabalho, ao salário justo e à saúde.

No Brasil, durante várias décadas do século XIX, essas questões foram discutidas. Mulheres como Nísia Floresta, professora, escritora e viajante, escreviam sobre política, atuavam nos movimentos contra a escravidão, pela República e pela abolição dos costumes restritivos. Libertou-se de um casamento por conveniência, elegeu uma união por amor, dedicou-se ao trabalho remunerado e buscou conhecer realidades da França, da Itália e da Alemanha, sobre as quais escreveu vários livros publicados na Europa (DUARTE, 1995). Certamente ela se somava a um grupo de mulheres emancipadas do século XIX do Brasil e de outros países que lutavam pelos direitos civis, políticos e sociais.

Dentre as reivindicações está o direito ao voto feminino, símbolo básico da cidadania, que ocorreu dez anos depois de ter sido decretado pelo presidente Getúlio Vargas, em 1933, e ratificado pela Constituição Federal de 1934. Ou seja, somente em 1945 as mulheres brasileiras começaram a votar.

Diante disso, conclui-se que não há como superar desigualdades de gênero sem que haja direitos humanos e cidadania, lembrando, entretanto, que a cidadania “[...] não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço” (PINSKY, 2003, p. 9). Nesse espaço comum (público) de trocas entre os homens e as mulheres, no qual a vida comunitária se torna visível e conhecida por meio da comunicação e do diálogo, expressam-se os afetos e se constrói a cidadania.

Ao mesmo tempo, a cidadania articulada com a questão do gênero se constitui em um projeto utópico, regido por princípios de liberdade, de igualdade e de solidariedade. Consiste, ainda, em compreender que, a partir da diversidade, é possível construir igualdade social.

A crescente participação feminina no mercado de trabalho vem mostrando ações compartilhadas no espaço público, contribuindo para mudanças sociais,

culturais, econômicas e políticas e, conseqüentemente, para a diminuição da invisibilidade das mulheres. Logo, o caminho na construção das relações entre os gêneros e a cidadania está em construção.

3.2 A participação da mulher no mercado de trabalho

As mulheres foram protagonistas de muitos fatos sociais, econômicos, ambientais e políticos da história contemporânea. No Brasil, destaque para a luta contra o regime militar de 1964, quando um forte movimento progressista feminino articulou-se; as jornadas contra a carestia de preços, para melhores condições de vida; a redemocratização, com a conquista ao voto; a constituição de 1988, com o “fora Collor”; o combate ao neoliberalismo e à eleição do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

Nessa caminhada, conquistas de gênero foram alcançadas, como a possibilidade de ampliação da licença maternidade, de 120 dias para 180 dias; a proibição da discriminação sexual no trabalho; a lei Maria da Penha contra a violência doméstica; a reforma no Código Civil e o direito da mulher à posse da terra.

No mercado de trabalho ocorreram grandes transformações, com crescimento da participação feminina. Segundo pesquisa do IBGE realizada em seis regiões metropolitanas do país, em janeiro de 2008 havia 21,2 milhões de pessoas ocupadas, representando as mulheres 44,4% desse contingente, isto é, 9,4 milhões. Se comparado com o mesmo período em 2003, havia 20,8 milhões de pessoas ocupadas, representando as mulheres 42,7%, ou seja, 8,8 milhões (IBGE, 2008)⁴².

Esse crescimento está associado ao maior nível de escolaridade feminino, apontando predomínio daquelas que possuem 11 anos ou mais de estudo - 59,9% em janeiro de 2008 e 51,3% em janeiro de 2003 (IBGE, 2008); ao processo de

⁴² A pesquisa realizada pelo IBGE, denominada Pesquisa Mensal de Emprego (PME) – algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho, publicada em 2008, objetivou produzir indicadores para o acompanhamento conjuntural da inserção da mulher no mercado de trabalho. A pesquisa teve como recorte geográfico de investigação seis regiões metropolitanas, sendo elas: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, comparando os meses de janeiro de 2003 e 2008.

transição demográfica que reduz o número de filhos por mulher e a uma maior expectativa de autonomia econômica e realização pessoal (Revista CTB, 2009).

A história da mulher no mercado de trabalho brasileiro está fundamentada em dois aspectos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento do nível de instrução. Esses fatores vêm ocasionando a crescente inserção da mulher na força de trabalho e a elevação de sua renda, especialmente a partir da metade da década de 80 (LODI, 2006).

Para a ONU, esse aumento é uma das tendências mais claras de mudança na estrutura do mercado de trabalho nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto em toda a América Latina. Isso não impôs, entretanto, significativa redução da desigualdade de gênero.

A remuneração das mulheres, por exemplo, ainda é inferior à dos homens. Em janeiro de 2008, a média era de R\$956,80 e R\$1.342,70, respectivamente, para o conjunto das seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2008). Os números demonstram que, mesmo com avanços, o mercado de trabalho ainda é hostil e segregador para as mulheres.

Nesse contexto, muitas são as mulheres atuando no mercado informal⁴³ no Brasil. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2005), mais de 40% das mulheres não negras ocupam postos vulneráveis de trabalho e, entre as mulheres negras, esse contingente se eleva para mais da metade⁴⁴. O trabalho informal nega, no presente, o acesso aos direitos trabalhistas e, para o futuro, significa falta de acesso à aposentadoria ou à proteção social assegurada pela Previdência Social. Por isso, defender a igualdade tem caráter emancipatório e afirmativo de cidadania para as mulheres.

Convivem, no mercado informal, diferentes tipos de atividades que são realizadas de forma individual, cooperativa ou associativa, formalizadas ou não. São exemplos oficinas de produção, organizações de microcrédito, serviços ligados à prestação de serviços e associações de artesãos. Essas atividades possuem uma

⁴³ O entendimento de mercado informal no Brasil deriva da ordem jurídica. A empresa informal é aquela que não possui sistema de contas claramente separados das contas da família, não emite nota fiscal declarada, não paga impostos ao governo e não possui funcionários registrados.

⁴⁴ Mais informações em: http://www.dieese.org.br/esp/estpesp14112005_mulhernegra.pdf.

racionalidade econômica que, diferentemente das empresas capitalistas, é baseada na geração de recursos, monetários ou não, destinados a prover os meios de vida utilizando recursos humanos próprios.

Os fatores que levam homens e mulheres a se inserirem no mercado informal são distintos. Os homens se inserem no mercado informal porque não conseguem lugar no mercado formal de trabalho e precisam trabalhar para sustentar a si próprios e a sua família, enquanto as mulheres encontram na informalidade uma maneira de aumentar a renda familiar, uma vez que o avanço da política neoliberal contribui para o aumento da desigualdade social e do desemprego.

Essa situação coloca o indivíduo à margem da sociedade e o impulsiona a encontrar meios alternativos para garantir sua sobrevivência. Dentre as alternativas que surgem da organização cooperativa, das associações, e também de iniciativas individuais, destaca-se o segmento de artesanato.

Segundo Barroso Neto (1999), a produção artesanal representa uma alternativa de ocupação e renda para comunidades excluídas do mercado de trabalho formal, especialmente às mulheres. No Brasil, 8,5 milhões de pessoas estão inseridas em atividades artesanais, sendo, deste total, aproximadamente 7,4 milhões mulheres, representando 87% (ANUÁRIO DO ARTESANATO, 2008). No Rio Grande do Sul, dos 65.007 artesãos cadastrados no Programa Gaúcho do Artesanato (PGA), 50.369 são mulheres, representando 77,48% do total (FGTAS/Sine, 2008). Este último percentual poderá ser ainda maior, se considerada a estimativa de 100.000 artesãos existentes no estado, não estando 34.993 cadastrados no PGA (FGTAS/Sine, 2008). Ainda sobre isso, pesquisa realizada por Garske (2009) identificou que, dos 496 municípios existentes no Rio Grande do Sul, 397 desenvolvem feiras e exposições artesanais, havendo 251 associações constituídas.

Essa mesma pesquisa identificou também que, na região do Vale do Taquari, há 15 associações e 805 artesãos (GARSKE, 2009), com maior participação de mulheres. No ranking das regiões do estado com maior número de associações constituídas e maior número de artesãos, o Vale do Taquari está em segundo e

oitavo lugares, respectivamente⁴⁵, evidenciando a importância da atividade artesanal feminina, o associativismo e, principalmente, a promoção e o exercício de cidadania, por meio de um modo de vida centrado em potencialidades humanas, culturais e ambientais, local e regional (ALMEIDA, 2007).

Os números mencionados mostram a representatividade da prática do trabalho artesanal feminino no país, nele incluídos o estado do Rio Grande do Sul e o Vale do Taquari. Assim, se considerarmos que nessa prática houve o crescimento de 17% do uso de materiais reciclados como matéria-prima, segundo dados do IBGE (IBGE – Relatório Perfil dos Municípios Brasileiros: Cultura 2006), acredita-se na possibilidade de esse setor contribuir para a reflexão sobre formas diferentes de pensar e agir de modo sustentável.

3.3 Desenvolvimento sustentável e modo de vida sustentável: da visão economicista à visão integradora

Diante do agravamento dos problemas ambientais e dos limites para o crescimento econômico contínuo, tornou-se clara a necessidade de avançar nas discussões de questões sobre a natureza e sobre a validade do crescimento e da industrialização.

Por décadas, a discussão sobre desenvolvimento sustentável gerou, associada ao nível de crescimento da riqueza, uma visão economicista e administrativa da exploração dos recursos naturais, a qual na atualidade perdeu destaque. Economistas como Lewis, Hirschman, Myrdal e Nurkse admitem que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente (SOUZA, 1999).

Os anos 60 assinalam o início da politização do debate acerca, não só do modo de produção, mas, fundamentalmente, do modo de vida. Os debates

⁴⁵ De acordo com os COREDES, o estado do Rio Grande do Sul está subdividido em 28 regiões. No ranking das regiões do estado com maior número de associações artesanais, o Vale do Taquari está atrás apenas da região da Serra (17), e pelo número de artesãos está atrás das regiões: Metropolitana do Delta do Jacuí (74.280); Sul (4.536); Serra (1.215); Vale do Rio dos Sinos (984); Vale do Rio Pardo (884); Fronteira Noroeste (825); e Hortências (808). Mais informações em Garske (2009).

ganharam tanta intensidade que em meados de 1960 profissionais de diferentes áreas de formação e países se reuniram, em Roma, para uma análise que constatou que a sustentabilidade do planeta estava abalada, pois a demanda por matérias-primas e os elevados níveis de consumo dos recursos naturais estariam incompatíveis com a capacidade de reposição da natureza e de absorção dos resíduos dessa produção pelo planeta.

Esse grupo de profissionais ficou conhecido como “Clube de Roma” e era formado por chefes de estado, economistas, ambientalistas, pedagogos, humanistas, industriais, banqueiros, líderes políticos, cientistas, entre outros, que se reuniam para analisar a situação mundial e disponibilizar diagnósticos e alternativas para o futuro da humanidade.

O primeiro diagnóstico do Clube de Roma, em 1968, concluiu que o mundo teria que diminuir a produção, de forma que os recursos naturais fossem menos comprometidos e que houvesse uma redução gradual dos resíduos, especialmente do lixo industrial. Essa sugestão não foi aceita, na época, pois era preciso modificar o modelo de crescimento que o mundo havia adotado. O Clube de Roma continuou produzindo estudos, entre eles, o de grande impacto, denominado “Limites do Crescimento”, publicado, em 1972, por Dennis L. Meadows e os demais membros do Clube, afirmando que os limites do crescimento no planeta seriam alcançados em um século e que, para haver estabilidade econômica e ecológica, era preciso congelar o crescimento populacional e o capital industrial (CAVALCANTI, 1995).

Essa tese foi criticada por intelectuais dos países do sul e por Robert M. Solow⁴⁶, ganhador do prêmio Nobel em Economia. Entretanto, a publicação do Clube de Roma culminou, no mesmo ano, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, que congregou mais de 110 países, entre eles, o Brasil. O evento ficou popularmente conhecido como a “Conferência de Estocolmo” e possibilitou a primeira grande discussão internacional sobre o meio ambiente (CAVALCANTI, 1995).

⁴⁶ Economista norte-americano de pensamento neoclássico, foi laureado em 1987 com o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel. Criou um modelo matemático que demonstrava como vários fatores interagem, contribuindo para gerar o crescimento econômico sustentado num país. Demonstrou pela primeira vez que avanços no ritmo de progresso tecnológico contribuem mais para o crescimento econômico do que o aumento dos capitais ou da força de trabalho.

Até então a noção do desenvolvimento sustentável não tinha surgido, pois os movimentos estavam focados na preservação do ambiente (ALMEIDA, 2002). Foram os debates em torno do ecodesenvolvimento⁴⁷, surgido em 1973, que abriram espaço para pensar sobre o critério de sustentabilidade, quando questionado sobre como conciliar crescimento econômico e preservação do meio ambiente (CAVALCANTI, 1995; SATO, 1996; ALMEIDA, 2002).

A Declaração de Cocoyok, em 1974, e o Relatório Dag-Hammarskjöld, em 1975, também fazem reflexões, destacando a interligação entre explosão populacional, pobreza, consumo exagerado dos países industrializados e abuso do poder à degradação ecológica. Embora esses dois relatórios não tenham sido expressivamente aceitos, provavelmente por suas posições radicais, motivaram a criação, em 1983, da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Essa Comissão ficou conhecida como “Comissão Brundtland”, em homenagem à primeira-ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland (PANAYOTOU, 1994)⁴⁸.

A Comissão Brundtland teve o mérito de induzir uma reflexão mais profunda sobre as causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global, evidenciando a interligação entre economia, tecnologia, sociedade e política. Nos encontros preparatórios para a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que aconteceria no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, a Comissão apresentou o relatório intitulado “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987.

O relatório destaca a necessidade de uma nova postura ética, por meio da responsabilidade das gerações atuais para com as gerações futuras quanto ao crescimento da população e do uso de energias; a garantias de alimentação das populações ao longo do tempo; à preservação da biodiversidade; ao

⁴⁷ Foi o canadense Maurice Strong, em 1973, quem usou pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento para caracterizar uma concepção alternativa de política do desenvolvimento, e Ignacy Sachs utilizou este conceito para desenvolvimento de suas teorias, propondo seis aspectos que deveriam guiar os caminhos do ecodesenvolvimento: “[...] a) a satisfação das necessidades básicas; b) a solidariedade com as gerações futuras; c) a participação da população envolvida; d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; e) a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas e f) programas de educação” (CAVALCANTI, 1995, p. 31).

⁴⁸ Gro Harlem Brundtland era membro da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento e criou um neologismo, *sustained development*, ou seja, desenvolvimento sustentável, para se referir às opções de desenvolvimento das futuras gerações (PANAYOTOU, 1994).

desenvolvimento de tecnologias limpas para a produção; à limitação das concentrações urbanas e às necessidades básicas do homem atendidas (BRÜSEKE, 1995; BARBIERI, 1997).

Nele, o desenvolvimento sustentável é definido como “[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 9). A partir desse conceito, vários entendimentos sobre sustentabilidade são defendidos, embora nenhum desqualifique as correntes de pensamento surgidas anteriormente. Pelo contrário, ajudam a enriquecer o debate e trazem à tona problemas políticos, éticos, ecológicos e culturais.

Nessa perspectiva, Mawhinney (2002, p. 12-13) traz à discussão mais concepções para o termo desenvolvimento sustentável, atribuídas por diferentes instituições internacionais e pensadores⁴⁹, questionando a ideia de um único entendimento:

Desenvolvimento sustentável significa a melhoria da qualidade de vida com o respeito aos limites da capacidade dos ecossistemas.

O desenvolvimento sustentável proporciona serviços básicos de ordem ambiental, social e econômica a todos os residentes da comunidade sem ameaçar a viabilidade dos sistemas naturais, construídos e sociais dos quais estes serviços dependem.

Desenvolvimento sustentável é a redução dos níveis atuais de consumo de energia e de recursos e a redução da produção de lixo para que não haja dano aos sistemas naturais, cujos recursos, capacidade de absorção do lixo e de proporcionar condições de vida seguras e saudáveis serão fundamentais para as futuras gerações.

O desenvolvimento sustentável envolve a criação de programas nos países em desenvolvimento que contribuam diretamente para a melhoria da qualidade de vida da população mais carente.

Desenvolvimento sustentável é a necessidade do ser humano de viver em condições de igualdade com os recursos naturais.

A partir do exposto, constata-se a existência de várias concepções para desenvolvimento sustentável, porém são similares quanto ao atendimento de

⁴⁹ As instituições internacionais são: World Wildlife Fund; International Council for Local Environmental Initiatives; Local Government Management Board, UK; Novartis Foundation for Sustainable Development; e os pensadores: Wackernal e Rees, 1996.

necessidades. Algumas enfatizam mais a precisão de limitar o desenvolvimento ao que seja estritamente necessário, evitando problemas no futuro; outras enfatizam uma abordagem mais equilibrada que abrange aspectos econômicos, ambientais e sociais.

Neste estudo, não temos a intenção de apresentar as diferentes concepções de desenvolvimento sustentável, apenas de chamar a atenção que, apesar de elas serem aceitas, a consideração sobre a viabilidade de praticar aquilo que é discutido como possível na teoria perpassa muitos enfoques (AGOSTINI, 2008). Uma observação mais atenta, entretanto, ressalta que, para que aja ação prática, é preciso articulação entre meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana (VECCHIATTI, 2004).

Essa articulação irá gerar novo modo de vida que tem como característica fundamental a sustentabilidade do homem e da sociedade, satisfazendo as necessidades da presente e das futuras gerações. Isso implica em mudança de concepções, pensamentos e valores e, conseqüentemente, em outras formas de relacionamento entre os seres vivos. Nela, a sustentabilidade parte de uma sociedade orientada para novo sentido de viver e de trabalhar, de produzir e preservar (BOFF, 2004).

Trata-se de novo paradigma, de visão de mundo integradora, de visão ecológica profunda, compreendido no sentido mais amplo e profundo de “[...] correções e também transformações culturais, sociais, espirituais e religiosas” (BOFF, 2004, p. 24). Isso leva a constatar que o crescimento econômico necessita considerar a ecologia e a justiça social.

Para Leonardo Boff (2004), Fritjof Capra (2006), Ignacy Sachs (2004), entre outros autores, profundas mudanças no pensamento e nos modos de vida, a partir da responsabilidade individual e da solidariedade, serão necessárias para haver transformações ecológicas da sociedade. Nessa nova concepção, chamada de visão integradora ou visão ecológica profunda, não há diferenciação entre o homem e a natureza, pois são reconhecidos os valores intrínsecos de todas as espécies e a importância de cada um em seu nível trófico.

Segundo Charkiewicz (1994), a crise ecológica ameaça a sobrevivência humana e, a longo prazo, as reformas ambientais e os sistemas econômicos não serão suficientes para travar a aceleração da destruição do meio ambiente, razão de a crítica estar centrada no antropocentrismo da cultura ocidental, que coloca os seres humanos em posição superior à natureza, dentro de hierarquias de valores.

Mas, aos poucos, a sociedade começa a perceber que o capital natural (meio ambiente) e a qualidade de vida das pessoas (social) devem ser considerados para haver, efetivamente, sustentabilidade. O desenvolvimento sustentável deve resultar do crescimento econômico, que são os resultados medidos quantitativamente, mas precisam estar acompanhados de melhoria na qualidade de vida, que são os resultados medidos qualitativamente, o que significa melhorar indicadores sociais como pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia. De acordo com Sachs (2004, p. 11): “O verdadeiro desenvolvimento é um crescimento econômico que se traduz em melhorias nos níveis sociais e ambientais”.

Refletir sobre e analisar como foi e como é concebida a complexidade das relações entre natureza e sociedade permitem explicar o modo como produzimos e vivemos. Com a instituição do capitalismo, o antropocentrismo eleva a capacidade do homem de dominar a natureza. Agora, “[...] o sentimento é de que haja necessidade de uma mudança de rumo no desenvolvimento [...], o que irá requerer uma virada paradigmática” (MAY, 1995, p. 239), fundamentada em valores ecocêntricos, isto é, centralizados na Terra, na natureza, no meio ambiente (BOFF, 2004; CAPRA, 2006).

Não se trata de voltar ao passado, nem somente de impor limites ao crescimento; trata-se de mudar os modos de desenvolvimento. Uma economia voltada ao modo de vida sustentável deve ter foco na vida das pessoas e na preservação dos recursos naturais e ser adotada em contraponto à economia do crescimento ilimitado. É preciso fazer da tecnologia uma produtora de bens para todos, capaz de propiciar formas de participação e de controle que escapem da alienação, garantindo uma vida saudável para as atuais e futuras gerações (BOFF, 2008).

Quando essa percepção de visão de mundo integradora torna-se parte de nossa consciência, emerge uma nova ética - a ética do cuidado. A essência da ética do cuidado é compreender o que Leonardo Boff destaca na contracapa do seu livro “Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra”, ao afirmar que: “Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra” (BOFF, 1999).

Assim, a ética do cuidado exige respeito às diferenças, solidariedade, cordialidade, compaixão, compreensão, participação e diálogo. Logo, a viabilidade de um modo de vida sustentável será possível e factível a partir desses valores universais, ou ainda, de acordo com as palavras de Boff (1999, p. 140), a partir de “[...] uma maneira mais cuidada de ser”, afinal, quando se cuida, se deseja o bem e se pratica o bem.

Diante disso, a sociedade precisa mudar, adotar novos modos de vida que sejam sustentáveis, produzindo o necessário para si e para o ecossistema, tirando da natureza o que ela consegue reproduzir. A partir de novos hábitos e práticas construir-se-á um modo de vida certamente melhor do que vivenciamos hoje. Conforme Capra (2006, p. 182), a evolução da sociedade está diretamente “[...] ligada a mudanças no sistema de valores que serve de base a todas as suas manifestações”. E complementa: “Uma vez expresso e codificado o conjunto de valores [...], ele constituirá a estrutura das percepções, intuições e opções da sociedade para que haja inovação e adaptação social”.

Os encontros, as reuniões e os relatórios internacionais realizados, especialmente a partir dos anos 70, chamaram a atenção para a importância e a necessidade da participação da sociedade no planejamento e na execução de políticas ambientais e sociais, nos níveis local e global, visando a desenvolver novas habilidades e capacidades de cuidar, nos impulsionando para as mudanças de valores abordados nos fundamentos do modo de vida sustentável.

Nesse contexto, a prática do trabalho artesanal feminino, com o uso de materiais reciclados, representa uma forma diferente de pensar, sentir, valorizar e agir. Representa, portanto, novo comportamento, indicando possibilidades de integrar trabalho, ambiente e modo de vida sustentável.

3.4 Artesanato: reciclando práticas

Para compreendermos a importância do artesanato como atividade capaz de gerar desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental, será útil revisar, brevemente, um pouco da sua história, para podermos articular o presente e o futuro.

3.4.1 Origem, definição e categorias do artesanato

A prática do trabalho artesanal representou, em todas as sociedades ao longo da história da humanidade, importante modo de produção. Os primeiros objetos feitos pelo homem eram artesanais. No período neolítico (6.000 a.C.), aprendeu a polir a pedra, dando origem a objetos cortantes, e a modular o barro em forma de cerâmica, utilizada como utensílio para armazenar e cozinhar alimentos (CHITI, 2003).

Posteriormente, com o desenvolvimento da agricultura, surgiu a tecelagem, utilizando fibras dos vegetais e dos animais na confecção de vestimentas e cestarias, com a presença das mulheres. Nesse modo de produção, feito com as mãos, os índios são lembrados como os mais antigos artesãos (CHITI, 2003).

No Brasil, pesquisas arqueológicas permitiram identificar o surgimento do artesanato nesse mesmo período. Quando os portugueses aqui chegaram, em 1500, encontraram uma civilização que dominava a arte da pintura (utilizando os pigmentos naturais), a cestaria e a cerâmica. No entanto, D. José I⁵⁰, rei de Portugal, por meio da Carta Régia⁵¹, de 30 de julho de 1766, manda extinguir o trabalho artesanal. Sua filha e sucessora no trono, D. Maria I⁵², em 1785, segue a mesma determinação, proibindo inclusive a tecelagem caseira na colônia, salvo os panos grossos que fossem destinados a vestir escravos (SERRÃO, 1982).

⁵⁰ Seu nome completo era José Francisco Antônio Inácio Norberto Agostinho de Bragança. Mais informações estão disponíveis em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_I_de_Portugal.

⁵¹ Carta Régia era o nome dado à carta de um rei dirigida a autoridades. Seu conteúdo continha, na maioria das vezes, determinações gerais e permanentes.

⁵² Seu nome completo era Maria Francisca Isabel Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana. Reinou por 39 anos, no período de 24/03/1777 a 20/03/1816, quando faleceu no Rio de Janeiro, Brasil. Mais informações em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_I_de_Portugal#Reinado.

A constatação de que D. Maria I tinha uma doença irreversível, em 1799, faz com que seu filho, Dom João, receba o título de Príncipe Regente e passe a assinar documentos oficiais. Com plenos poderes, em abril de 1808, via Carta Régia, revoga os alvarás anteriores (que proibiam a existência de fábricas e manufaturas no Estado do Brasil), permitindo a retomada das atividades caseiras, fossem elas quais fossem (SERRÃO, 1982).

Nas décadas seguintes (1891 e 1934), as Cartas Magnas brasileiras omitem esse assunto, mas na Constituição dos Estados Unidos do Brasil, outorgada pelo presidente Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, o artesanato é amparado no seu artigo 136, ao descrever que o trabalho manual tem proteção e atenção do Estado⁵³.

Diante disso, evidenciam-se o reconhecimento da importância do artesanato e o quanto ele está vinculado ao mundo do trabalho, que, embora tenha assumido diferentes formatos desde a pré-história, está presente até os dias atuais (CARDOSO, 2003).

Como o foco deste estudo é compreender como as práticas do trabalho artesanal podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável, não descreveremos a história do artesanato nas sociedades ocidentais, nem a história no Brasil, de forma detalhada.

Assim, para essa compreensão, é importante definirmos o conceito de artesanato, que neste estudo é entendido conforme o referenciado pelo Conselho Mundial do Artesanato (World Craft Council), organização não-governamental filiada à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), citado pelo SEBRAE, segundo o qual abrange “[...] toda a atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (SEBRAE, 2004, p. 21).

Com base nesse conceito, estabeleceram-se nove categorias para guiar a atuação do setor: 1) arte popular; 2) artesanato; 3) artesanato indígena; 4)

⁵³ A Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937, encontra-se disponível na íntegra em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm.

artesanato tradicional; 5) alimentos típicos; 6) artesanato de referência cultural; 7) artesanato conceitual; 8) trabalhos manuais; 9) produtos semi-industriais e industriais.

Conforme afirma Klein (2005), nas primeiras duas categorias, há de se reconhecer a tênue fronteira que liga o artesanato à cultura⁵⁴, notadamente a cultura popular, na medida em que, segundo Adam (1947), o artista primitivo confunde-se com o artesão. A arte primitiva imprime certa ingenuidade e simplicidade de visão e, indiferente à periodicidade dos estilos artísticos, é um fenômeno de todos os povos, presente em todos os tempos, enquanto a arte expressa no artesanato representa a subjetividade e a ordem estética do artesão, associadas a sua realidade cotidiana, por meio da produção de objetos, que se diferenciam uns dos outros por pequenos detalhes nas formas de criar, copiar e manusear a matéria-prima.

As cinco categorias seguintes, de um modo geral, reportam-se a um grupo cultural específico, com tradições próprias transmitidas de geração em geração, cuja produção artesanal tem sua base em práticas manuais e está integrada ao cotidiano. O que diferencia o “artesanato conceitual” é a possibilidade de aliar prática artesanal e *design* nos processos de criação, unindo tradição e contemporaneidade, gerando produtos de valor agregado, exclusivos em um mercado em expansão.

A oitava categoria não descarta o uso de determinadas ferramentas (muitas vezes desenvolvidas pelo artesão, por necessidade de seu trabalho) ou equipamentos como máquinas de costura, formões, tornos e fornos, até porque esses instrumentos estão disponíveis desde o século XIX, no qual há uma diversidade de opções tecnológicas para facilitar a criatividade.

A última categoria se refere ao uso de equipamentos industriais na produção de peças, quase sempre seriada, que não se atém, necessariamente, ao local de origem, além de, na linha de produção, envolver diferentes agentes em cada etapa, o que não reflete o conhecimento do processo por inteiro por parte de cada sujeito

⁵⁴ O termo cultura tem origem no latim, *colore*, que significa cultivar. É entendida como um conjunto de características distintas (espirituais, materiais, intelectuais e afetivas), que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Envolve, além das artes e das letras, os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO 2003). Traduz-se nas formas de agir, sentir e pensar de uma coletividade que aprende, inova e renova o seu próprio modo de criar e fazer as coisas, numa dinâmica de constantes transformações (MALAGODI; CESNIK, 1999).

envolvido. Nesse caso, corre-se o risco de se fazer uma conceituação apressada, julgando artesanato por “industrianato”. Diante disso, entendemos que os produtos semi-industriais e industriais se afastam do conceito de artesanato que defendemos.

Com base nas categorias do artesanato, interessa-nos observar que as opções de matérias-primas hoje disponíveis para a prática do trabalho artesanal não são diferentes das utilizadas nos produtos industrializados. Por isso, incluímos nessa análise o aproveitamento de resíduos como madeira, tecido, vidro, lata, embalagens plásticas, papelão, poliestireno expansível (isopor), entre outros, que perpassam pela problemática da preservação ambiental, gestão urbana e diversificação econômica.

Acreditamos que o uso de materiais reciclados na prática do trabalho artesanal, os quais estão disponíveis no local em que o artesão está inserido, possibilita novas formas de imaginar e desenvolver o artefato, de acordo com a interpretação da cultura manifestada pelos costumes e tradições locais, favorecendo a construção de um modo de vida sustentável, uma vez que o uso de recursos reciclados representa uma forma de posicionamento do artesão na sociedade.

Conforme afirma Ricardo Gomes Lima (2005, p. 1-2):

No mundo contemporâneo existe uma enorme gama de objetos que podemos definir como artesanato. São produtos do fazer humano em que o emprego de equipamentos e máquina, quando e se ocorre, é subsidiário à vontade de seu criador que, para fazê-lo utiliza basicamente as mãos. Nesse sentido diríamos que o objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de que seu processo de produção é em essência manual. São as mãos que executam basicamente todo o trabalho. Segundo: a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar, a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. A maior ou menor inserção desses elementos no processo produtivo e o modo como o artesão se posiciona na rede de relações sociais que se estabelece no interior da sociedade em que vive irão determinar diferentes artesanatos.

Assim, a diferença entre um produto artesanal e um produto semi-industrial e industrial está no método e foco. O processo de aprendizagem do trabalho artesanal, ao longo das gerações, é adquirido de maneira prática, ocorre na vivência do indivíduo com o meio artesanal ou nas oficinas em que o aprendiz maneja a matéria-prima e as ferramentas e observa os mais sábios no ofício de sua

preferência. Portanto, o foco está sobre o agente produtor, o qual domina todas as etapas do processo do trabalho e pode ainda diversificar técnicas e matérias-primas.

Diante das transformações do mercado na sociedade contemporânea, García Canclini descreve que há um paralelismo entre o produto artesanal e o produto semi-industrial e industrial devido ao fato de ambos estarem atravessados por referências do passado, pelas indústrias culturais⁵⁵, por dependência de mercado e pelo turismo. Para ele, é necessário realizar “[...] um novo tipo de investigação que reconceitualize as transformações globais do mercado simbólico”. E complementa: “[...] levando em conta não apenas o desenvolvimento intrínseco do popular e do culto, mas seus cruzamentos e convergências” (GARCÍA CALCLINI, 2008, p. 245).

Nesse sentido, Pinho (2002) evidencia a necessidade de ampliar o olhar para a valorização da prática do trabalho artesanal frente ao mundo globalizado e frente às oportunidades de conexão entre cultura e turismo, visando à construção de um modo de vida sustentável de uma classe em processo organizacional (associativista) no Brasil.

Por essa razão, a importância de a organização do trabalho artesanal favorecer a regularização da profissão de artesão e a identidade de interesses, em direção à emancipação e à cidadania.

3.4.2 Organização do trabalho artesanal

A produção artesanal representa a identidade de um país, preserva as tradições culturais, contribui para a permanência do artesão no seu local de origem, estimula a utilização de materiais reciclados, gera trabalho e renda e, ainda, promove o exercício da cidadania.

Percebendo essa importância, o Governo Federal brasileiro criou, em 1977, por meio do Decreto nº 80.098, o Programa Nacional de Desenvolvimento do

⁵⁵ “É um conjunto de ramos, segmentos e atividades auxiliares industriais produtoras e distribuidoras de mercadorias com conteúdos simbólicos, concebidas por um trabalho criativo, organizadas por um capital que se valoriza e destinadas, finalmente, aos mercados de consumo, com uma função de reprodução ideológica e social” (ZALLO, 1988, p. 25-26).

Artesanato (PNDA), sob a responsabilidade do Ministério do Trabalho. A finalidade era coordenar iniciativas para a promoção do artesão e, conseqüentemente, da produção e comercialização do artesanato brasileiro.

Posteriormente, em 13 de março de 1979, foi editado o Decreto nº 83.290, que regulava a classificação de produtos artesanais e identificação profissional do artesão. Em 21 de março de 1991, por meio de um Decreto sem número, publicado no Diário Oficial de 22 de março do mesmo ano, foram revogados os Decretos retrocitados e instituído o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), no âmbito do Ministério da Ação Social.

Com a publicação do Decreto nº 1.508⁵⁶, de 31 de maio de 1995, o PAB passou a ser vinculado ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, que foi sucedido, em sua competência, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), permanecendo até os dias atuais.

O objetivo do PAB é induzir e promover políticas públicas em prol do artesanato em todo o território brasileiro e no exterior, coordenando e desenvolvendo atividades para a capacitação e a valorização do artesão, pois no Brasil, o artesanato movimenta cerca de R\$28 bilhões anuais, representando 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo dados do MDIC, o que evidencia sua importância na economia do país.

O PAB ganhou importância na gestão pública com o status de Programa Orçamentário na proposta do Plano Plurianual de Investimentos (PPA), para o período de 2004-2007. E a implementação de suas ações ocorreram por intermédio das Coordenações Estaduais de Artesanato das 27 Unidades da Federação Brasileira⁵⁷.

O desafio do programa é a formação empreendedora do setor, ou seja, a preparação das organizações e seus artesãos para o mercado competitivo, com foco na cadeia produtiva do artesanato que compreende: o manejo da matéria-prima, a produção, a divulgação e a comercialização do produto artesanal tanto no mercado

⁵⁶ Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/artesanato.htm>.

⁵⁷ Disponível em: <http://pab.desenvolvimento.gov.br/TEMPLATE.ASP?ID=Apresentacao>.

interno quanto no internacional, com preservação da cultura brasileira em cada momento da elaboração do produto.

A partir da capacitação estruturada, utilizando a identidade cultural como um dos principais valores agregados, é possível estabelecer a comercialização dos produtos. Para isso, faz-se necessário estabelecer mecanismos que possibilitem ao artesão ter acesso à exportação, promover a articulação dos diferentes atores e criar ambiente que favoreça o surgimento e o fortalecimento de micro e pequenos negócios, como forma de promover o desenvolvimento integrado de maneira sincronizada com as dimensões sociais, econômicas e cognitivas.

Nesse sentido, o SEBRAE⁵⁸ recebeu apoio do MDIC e criou uma política de fomento a artistas e àqueles que pretendem aprender um ofício artesanal, por meio do Programa Sebrae de Artesanato, em vigor desde o final dos anos 90. A missão do programa é “[...] contribuir para o desenvolvimento do setor artesanal como estratégia de promoção cultural, econômica e social dos territórios” (PROGRAMA SEBRAE DE ARTESANATO, 2004, p. 15).

Visando a garantir o atendimento das especificidades na pluralidade da produção artesanal brasileira, o SEBRAE elaborou o “Termo de Referência”, instrumento de trabalho que norteia as suas ações, com base em parâmetros para o planejamento, a execução e o monitoramento do Programa Sebrae de Artesanato. Nos cinco primeiros anos de implementação do programa, 90 mil artesãos foram capacitados nos mais diversos municípios brasileiros (PROGRAMA SEBRAE DE ARTESANATO, 2004).

Em face desse panorama, tanto o MDIC, por meio do PAB, quanto o SEBRAE, pelo Programa Sebrae de Artesanato, apoiam eventos como a Feira

⁵⁸ O SEBRAE é uma entidade privada, sem fins lucrativos e de utilidade pública, que tem como missão promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte. A instituição foi criada em 1972, como resultado de iniciativas que tinham como foco estimular o empreendedorismo no país. De lá para cá, o SEBRAE ampliou sua estrutura de atendimento para todos os Estados brasileiros, capacitou inúmeras pessoas e ajudou na criação e no desenvolvimento de milhares de micro e pequenos negócios por todo o país. Mais informações em: <http://www.sebrae.com.br>.

Nacional de Negócios do Artesanato (FENNEART)⁵⁹, considerada uma das maiores feiras da América Latina. Ela ocorre desde o ano de 2000 e é destinada ao artesão mostrar seu trabalho, fechar negócios e exportar. A 10ª FENNEART, desenvolvida em 2009, movimentou R\$ 22 milhões de negócios, com a presença de 4 mil expositores, 600 estandes e mais de 200 mil visitantes. Segundo Cândida Maria Cervieri, diretora do Departamento de Micro, Pequenas e Médias Empresas do MDIC, feiras como essa significam oportunidade de trabalho e renda para mais de 120 mil artesãos que estão cadastrados no PAB em todo o Brasil.⁶⁰

O MDIC, por meio do PAB, também criou, em dezembro de 2005, o Fórum do Artesanato Brasileiro⁶¹, visando a realizar o censo dos artesãos brasileiros e a obter indicadores⁶² regulares para avaliar o desenvolvimento e a competitividade do setor. Também, o fórum deseja ser um espaço de diálogo entre governo e coordenações estaduais, representantes dos trabalhadores. Suas principais ações são a formalização profissional da carreira de artesão, que ainda hoje não tem registro profissional específico, bem como o incentivo constante à formação de redes associativas, visando à representatividade e ao fortalecimento do setor, apontando melhorias para a qualidade de vida do artesão.

3.4.3 Perspectivas das organizações artesanais

As organizações de artesanato são esquemas produtivos diferenciados que sobrevivem paralelamente ao processo de industrialização, embora não tenham sido consideradas pela teoria das organizações. Ou seja, o artesanato é um sistema auto-organizado (MATURANA, 2001) que resiste ao modelo de produção econômico dominante no mundo contemporâneo, integrando as mais diversas culturas, em diferentes segmentos sociais.

⁵⁹ A 10ª FENNEART, realizada em julho de 2009, no Centro de Convenções de Olinda-PE, é uma iniciativa do governo do Estado de Pernambuco. Nessa edição, homenageou o centenário do Mestre Vitalino, considerado o maior ceramista popular do Brasil, com sua arte de fazer bonecos. Mais informações em: <http://pee.mdic.gov.br/portalmDIC/sitio/interna/noticia.php?area=2¬icia=7074>.

⁶⁰ Mais informações em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=2¬icia=7074>.

⁶¹ Os objetivos e a estrutura do Fórum do Artesanato Brasileiro podem ser encontrados em <http://pab.desenvolvimento.gov.br/Template.asp?ID=forum>.

⁶² Indicadores são dados ou informações numéricas utilizados para acompanhar e quantificar as entradas (recursos ou insumos), as saídas (produtos) e o desempenho de processos e produtos, visando a melhorar os resultados da organização como um todo. A integração de indicadores permite medir e analisar uma organização, um setor ou um segmento (SEBRAE, 2004).

Para se manterem como esquemas produtivos diferenciados, as organizações de artesanato enfrentam, entretanto, alguns desafios: manter as características que as preservou ao longo do tempo e, simultaneamente, estar sintonizadas com o mercado globalizado, ávido por produtos diferenciados (conforme visto no item 3.4.1); e incentivar a formação de redes, seja por meio de associações, cooperativas⁶³ ou outras propostas que se baseiam em teorias sociais associativistas, para a elaboração de políticas socioculturais, visando à promoção do desenvolvimento sustentável e da democracia das expressões culturais (COSTA, 2007).

Compreendemos por Associação uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. São regidas por estatutos sociais, com uma diretoria eleita, em assembleia, para períodos determinados (SEBRAE, 2004).

Conforme Santos e Rodríguez (2002), o associativismo, desde a sua origem, no século XIX, desenvolveu-se como alternativa tanto em relação ao individualismo liberal como ao socialismo centralizado, fundando-se em dois princípios: a defesa de uma economia de mercado não capitalista e formas de organização política pluralista e federalista. Organizações de trabalho guiadas pelo associativismo inspiram-se nos valores da autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade.

Por isso, incentivar a formação de associações artesanais (assim como cooperativas) significa combater a informalidade e ter representatividade para mediar, intervir e fomentar políticas públicas e iniciativas em *marketing* cultural visando à construção de vantagens competitivas e à garantia de oportunidades para o setor, com melhoria da qualidade de vida do artesão, incluindo a capacidade de organização, de inovação, a partir do uso de materiais reciclados, de identidade regional, e de coesão social na comunidade local e regional.

⁶³ Cooperativas são associações de pessoas, não inferior a 20 participantes, que se unem para organizar e normalizar atividades de interesse comum. O objetivo de uma cooperativa na área do artesanato é a busca de uma maior eficiência na produção, com ganho de qualidade e competitividade, pela otimização e redução de custos na aquisição de matéria-prima, no beneficiamento, no transporte, na distribuição e venda dos produtos (SEBRAE, 2004).

Ainda que os números indiquem crescimento do artesanato brasileiro, estes não representam necessariamente a redução de dificuldades e ameaças ao setor. Na falta de políticas para a melhoria das condições de trabalho, os recursos tendem a ser destinados para outras ações. Não encontrando auxílio ou fomento em órgãos públicos, a realidade de alguns artesãos é de subsistência, a partir de iniciativas individuais.

Mas a cultura, conforme García Canclini (2005, p. 21), é um “[...] campo interconectado, reconfigurado por novas identificações globais e locais, em que se negociam as bases para uma interculturalidade de inclusão em forma de rede”. Enquanto recurso, é um segmento que pode funcionar como agente para a melhoria das condições sociais (YÚDICE, 2004), estimulando o crescimento e o desenvolvimento. Assim, a atividade artesanal se justifica por sua atuação junto ao processo de valorização da cultura local e regional e por sinalizar alternativas para um modo de vida sustentável, com melhoria de problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos.

O desenvolvimento das organizações artesanais, dependem, todavia, da capacidade de organização e coesão social e da capacidade de atrair investimentos e parcerias público-privadas, “[...] apresentando aos investidores um retorno que, geralmente, não pode ser calculado em cifras e sim em cidadania [...]” (COSTA, 2007, p. 2).

Considerando a necessidade de uma visão integradora que inspire bem-estar social, igualdade e sustentabilidade, as associações de artesanato se apresentam como proposta para (re)desenhar projetos e reconstruir consensos em torno de novos paradigmas, capazes de promover mudanças, estabelecendo inter-relações locais e globais, configurando um complexo sistema de interações e novas aprendizagens que acolhem herança de vida e esperança na vida.

4 PRÁTICAS DO ARTESANATO DA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI NA CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA SUSTENTÁVEL

Durante o período das aulas do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, muitos foram os conhecimentos apropriados, motivado, entre vários aspectos, pela sua proposta pedagógica multidisciplinar. Porém, a escolha por fazer uma pesquisa caracterizada como estudo de caso, numa abordagem qualitativa, com um grupo organizado de mulheres-artesãs, trouxe-me muitas reflexões e novas aprendizagens.

Este capítulo aborda o entendimento, as atitudes e os valores das profissionais artesãs em relação ao tema Mulher, Meio Ambiente e Modo de Vida Sustentável, a partir da coleta de informações realizadas nas entrevistas semiestruturadas e nos registros do diário de campo, com observações e imagens fotografadas das práticas dos trabalhos artesanais das participantes do estudo.

4.1 Feiras artesanais: a organização, as relações e motivações

No convívio com as artesãs, durante esta pesquisa, foi possível observar a organização e o desenvolvimento das feiras promovidas pela Associação dos Artesãos do Alto Taquari. Anualmente ocorrem duas feiras, uma alusiva ao Dia das Mães, no mês de maio, e a outra, ao Natal, no mês de novembro, na cidade de Lajeado-RS.

Durante dois dias, sábado e domingo, o objetivo das feiras é comercializar peças artesanais visando, para alguns artesãos, a sua sustentabilidade. Entretanto, evidenciam-se outros significados, que não só o econômico, como a integração com os colegas, o reencontro com o artesão autônomo ou vinculado a outra associação, e a aproximação com seu público-alvo - os clientes e amigos da comunidade local e regional. Nesses momentos são reforçados os valores comunitários, as práticas culturais e a própria prática da feira.

A comissão organizadora da feira é composta pelos membros da diretoria da Associação, formada por mulheres. Observamos que nas reuniões participam, normalmente, as mesmas associadas, ou seja, as que expõem nas feiras ou na Casa do Artesanato. Os demais associados raramente se fazem presentes. O motivo, segundo elas, é que organizar uma feira requer muito trabalho nos “bastidores”, e nem todos querem ter esse compromisso. É preciso administrar o tempo, planejar ações e dividir tarefas, para que nada fique esquecido: desde a reserva do local para a feira, a busca de apoiadores (veículos de comunicação), o convite aos artesãos e lideranças da comunidade para prestigiar o evento, as inscrições dos expositores, até dicas de hospedagem, alimentação e transporte, visando a facilitar a logística do artesão que não reside no município de Lajeado-RS, seja ele vinculado ou não à Associação, propiciando ambiente agradável e aconchegante.

As tarefas para a organização da feira são distribuídas conciliando afinidades e atividades domésticas e familiares. Ou seja, contatar apoiadores se propõe a fazer quem tem mais relações com o jornal e a rádio local; as inscrições quem mais se identifica com questões administrativas; o convite (correspondência) quem é “boa” em redação; e assim por diante, nos dias e turnos em que já tenha uma atividade fora de casa planejada, como o supermercado, a consulta médica, entre outras situações. As tarefas para a organização da feira não são empecilho para as artesãs, visto que elas lidam com criatividade e dinamismo em cada um dos espaços - a casa e a Associação -, porém administrar o tempo significa ter mais tempo para dedicar-se à prática do trabalho artesanal.

A feira representa o espaço público e a divisão de tarefas reproduz as competências que as mulheres desempenham na vida cotidiana, como iniciativa,

liderança e resolução de problemas. A solidariedade e a força do trabalho coletivo também são valores percebidos nesse ambiente. Enquanto uma artesã almoça, por exemplo, a outra cuida do seu estande mais o estande da colega, atendendo clientes e concretizando a venda, naturalmente. Ao escolher os espaços da feira, as artesãs da Associação procuram ficar próximas (extrato do diário de campo 2 e 3, 2009).

FIGURA 1 - Feira de Artesanato da Associação dos Artesãos do Alto Taquari



Fonte: Bruna Lovato, Jornal O Informativo do Vale, Caderno Variedades, Lajeado-RS, 09/11/2009.

As descrições dos relatos de Cristina e Beatriz evidenciam essa prática de solidariedade e trabalho em equipe:

A nossa turminha (referindo-se às artesãs da Associação que expõem em feiras) é ótima; uma ajuda a outra. No almoço a gente se reveza, e, quando volta, às vezes tem dinheiro pra gente. A colega (artesã) fez a venda por mim (Cristina, 32 anos).

[...] temos muita confiança umas nas outras. Por isso a gente se ajuda e participa das feiras. Se um cliente chega e eu saí, tu atende, e, se tu sair, eu atendo. Não custa nada, a gente está uma ao lado da outra (Beatriz, 54 anos).

A rede de relações sociais nesse espaço público expressa as práticas profissionais das artesãs, aproxima e fortalece laços afetivos de amizade, respeito, confiança, solidariedade e participação social, valores indispensáveis para uma melhor qualidade de vida. Ainda, ao gerar renda, tornam-se protagonistas de seu

próprio desenvolvimento, conquistando mais liberdade e autonomia, conforme narra Helena (42 anos):

Com a minha atividade profissional eu comprei um carro, para o meu uso. Agora vou aonde eu quero, sem depender do marido. Fica muito mais fácil: o deslocamento de casa para o trabalho, principalmente para eu dar os cursos (de artesanato), para levar os filhos de um lugar para outro. Tudo facilita com carro, e sem depender do tempo dos outros [...]. É muito gratificante conquistar as coisas com o nosso próprio dinheiro.

Percebe-se nessa narrativa que a mulher vem empreendendo mudanças ao ingressar no espaço público e, na medida em que conquista emancipação econômica, provoca mudança sobre o antigo modelo familiar e também nos padrões de convívio entre os gêneros, diversificando seu horizonte e sua perspectiva (FISCHER, 2006). O consumo também passa a fazer parte da sua prática, evidenciando que a mulher foi adquirindo os direitos que a fazem igual ao homem; entre eles, o direito de adquirir bens, a partir do resultado de seu trabalho. Esse consumo demonstra estar associado à prática do trabalho e, também, à família, logo, remete a um consumo do necessário.

Difícil afirmar, no entanto, o que é consumo do necessário (responsável), do desnecessário ou do supérfluo. Portilho (2005) explica que, com a Revolução Industrial, surgiu a chamada “Sociedade do Consumo” e, de lá para cá, muitas são as discussões à compreensão de seus significados e consequências, pois o consumo é um fenômeno econômico e cultural, que pode empoderar e explorar os consumidores. As respostas são complexas, mas o que sabemos é que, na sociedade moderna, a cultura ainda é imersa em pensamentos de consumo, em que a felicidade e a qualidade de vida estão associadas ao “ter”. Segundo a autora, cabe a cada um de nós perceber que os atuais padrões de consumo estão no centro da crise ambiental. Essa crítica passou a ser vista como uma contribuição para a construção de um modo de vida sustentável.

Assim, García Canclini (1996) propõe uma compreensão do consumo e da cidadania de forma conjunta e inseparável. Ou seja, propõe uma profunda reflexão sobre a concepção de cidadania que inclua o conjunto das práticas sociais e culturais. Para o autor, o consumidor também pode ser um ator social crítico, mesmo diante das forças do mercado.

Nesse contexto, estudos revelam que a mulher, pela sua natural sensibilidade, possui maior percepção dos sistemas a seu redor, e este é um dos componentes que a torna criativa, assim como crítica sobre a sua condição. Essa foi, certamente, uma das razões das mulheres terem sido convidadas, pela ONU, a participar ativamente da temática “meio ambiente e sustentabilidade”. Particularmente, na Associação dos Artesãos do Alto Taquari, as mulheres-artesãs, por meio de suas práticas, desenvolvem esse senso criativo e crítico, tornam-se conscientes do seu potencial para construir espaço e atuar como agentes capazes de inovar, criar novos valores e viabilizar mudanças sociais, conforme expressam Marinês e Cristina:

O meu marido tem uma profissão já há muitos anos. E agora eu também tenho, sou artesã. Ele respeita e admira meu trabalho, assim como eu [...] o trabalho dele. A gente se entende bem e se ajuda também (Marinês, 42 anos).

Desde que eu comecei a trabalhar com artesanato meu marido me ajuda (silêncio): no artesanato, com as crianças (filhos), até porque esse dinheiro ajuda muito lá em casa (Cristina, 32 anos).

Com o trabalho a mulher (re)constrói sua identidade, que se estende ao potencial da construção de nova subjetividade que poderá afetar na reorganização de nova cultura, modificando a dinâmica do grupo familiar, motivada e amparada por um movimento social que se cria e se recria no processo histórico.

O trabalho das mulheres ganha conotação econômica e social, envolvendo redifinições de responsabilidades e papéis, ainda que parcialmente. Desse modo, a mulher deixa de viver dentro do mundo restrito do privado, focado no lar, desprovida de qualquer ideia de participação social, e passa a ter voz e vez como cidadã, podendo manifestar seus desejos e ideais num universo antes só masculino. O apoio masculino à prática do trabalho feminino evidencia mudanças nas relações de poder, até porque o saber e o poder estão intimamente relacionados (BRANCO, 2000).

Neste estudo, a aquisição do saber por parte das artesãs está relacionada a mudanças no poder, constituindo-se em novas relações sociais, incluindo as relações de gênero, suscitando, segundo Lodi (2006), no declínio da autoridade paterna e da sociedade patriarcal.

4.2 Saberes, experiências e entendimentos das mulheres-artesãs

As participantes deste estudo relevam saberes e práticas construídos em experiências de vida, oportunidades de aprendizagens e na cultura com a qual historicamente conviveram. Na Casa do Artesanato, nas feiras e nos ateliês, as artesãs mostram que outras formas de ser, sentir e viver o mundo são possíveis.

Falas, olhares, gestos, cores e cheiros se misturam e relevam pensamentos e imagens que envolvem as práticas do trabalho feminino, ajudando-nos a conhecer um pouco mais as mulheres-artesãs. Alguns relatos e práticas são refletidos nesta e nas próximas páginas.

Ao conversarmos sobre trabalho artesanal, especialmente como surgiu o interesse pelo ofício, a emoção fez-se presente nas falas das artesãs, e o corpo e os olhos pareciam falar junto com a boca, conforme transcrito a seguir:

Trago o gosto pelo artesanato de berço. Meu pai era marceneiro e minha mãe bordava e fazia crochê. Eu era criança e me lembro, como se fosse hoje, dos lindos lençóis bordados da minha mãe. Foi vendo ela trabalhar que comecei a fazer as primeiras roupinhas para as minhas bonecas. No lugar das agulhas, usava varetas de brincar (Beatriz, 54 anos).

Eu aprendi a fazer tricô olhando a minha mãe. Ela sabia fazer de tudo um pouco: tricô, crochê, corte e costura [...]. Com 12 anos de idade fiz o primeiro vestido de tricô, azul, para minha boneca (Renata, 52 anos).

Minha avó paterna fazia coroas com flores naturais, flores de papel e tecido. Fazia também cobertores e colchões com enchimento de crina. Eu admirava o capricho, a habilidade e a criatividade dela. Desde aquela época eu gosto de artesanato, e estou no artesanato, influenciada, muito, por ela (Elisa, 56 anos).

Eu tinha uma professora, no ensino fundamental, que lecionava a disciplina de Educação Artística. Ela era ótima. Motivava-nos para desenvolver trabalhos manuais, para fazer exposições. Sempre estava inventando alguma coisa com a gente. E eu me identificava com aquilo. Meus trabalhos eram elogiados, iam para a exposição [...]. E assim fui tendo cada vez mais interesse por desenhar, pintar [...] (Valquíria, 40 anos).

Percebe-se nessas falas que a família, como primeiro núcleo social em que vivemos, compreende um espaço de construção mediado pela rede de relações que envolve aspectos psicossociais (emocionais) na construção das práticas profissionais. Nela as artesãs aprenderam muitos saberes, como o saber artesanal, que é passado de geração em geração, considerado tradição familiar, e a tradição

transmite a cultura local herdada. A partir da prática do trabalho manual da avó, da mãe ou, ainda, da professora, os saberes das práticas artesanais se disseminam.

Conforme Morigi e Rocha (2007, p. 5), as práticas sociais podem ser “[...] transmitidos(as) e preservados(as) através das práticas informacionais que se constituem em uma forma de poder cultural ou simbólico [...]”, regidas por uma teia de informações e de relações que fortalecem o espírito comum pelo sentimento de pertencimento, compreendido por identidade com uma cultura, com uma comunidade imaginada, em que os membros partilham e reforçam referências históricas (HALL, 1999). Assim, identidade e cultura produzem o sentimento de saber se reconhecer.

Na medida em que as mulheres assumem a prática do trabalho artesanal, experiências são adquiridas no cotidiano, que não se situam numa dinâmica de saber sistematizado, e sim de um saber que a todo o momento pode ser ressignificado. Helena (42 anos) nos fala sobre isso:

O artesanato não era algo muito valorizado quando eu comecei. Eu noto que mudou muito de alguns anos para cá. E eu também mudei. Antes eu tinha vergonha de me apresentar nas feiras, de vender meu produto. Hoje não, hoje eu sou uma profissional; meu trabalho artesanal tem qualidade. E eu mostro isso para os meus clientes. Quem compra uma vez volta ou indica meu trabalho para outras pessoas.

E complementa:

Eu fiz um curso no SEBRAE que valeu a pena. A Associação nos informou do curso na época. Não foi barato o curso [...], mas valeu muito. Depois desse curso é que eu mudei. Eu estava pagando para trabalhar. Eu cobrava o preço que não era. Eu fazia uma peça e não contava o tempo que eu ficava nela, o material todo que eu usava, a luz que eu gastava. Hoje não, depois desse curso, eu mudei. Aprendi a calcular o preço de venda da mercadoria [...], inovar com qualidade, fazer a gestão do negócio. Hoje eu sou uma artesã de qualidade. Quero cada vez mais qualidade para as minhas coisas. Me sinto valorizada, respeitada.

Podemos compreender que, para assegurar espaço de sociabilidade no mercado atual, regido pelo sistema capitalista, mudança de postura e mudanças nas práticas artesanais foram necessárias. Ou seja, o fortalecimento da globalização tem influenciado e alterado comportamentos sociais e culturais, impondo modificações no modo de “ser” e “fazer”. Nesse sentido, o SEBRAE (2004, p. 19) afirma que o artesanato segue a mesma regra dos demais artigos: necessita profissionalizar-se,

porque, “[...] enquanto produto com valor de troca, obedece às leis universais da oferta e da procura”. E acrescenta: “[...] o mercado rejeita aquilo que não corresponde às suas expectativas de consumo”. A mesma percepção tem Elisa e Ângela:

Hoje em dia o cliente é muito mais exigente [...] e eu me atualizo comprando revistas e fazendo cursos. Agora mesmo estou fazendo um, com a ..., em Venâncio Aires, para aprender a pintar melhor rostos [...]. Para vender a gente precisa ter coisas bonitas. E eu me viro, corro atrás daquilo que não sei. Não dá para se acomodar. Sempre tem algo novo no artesanato e, se a gente não se atualiza, fica para trás (Elisa, 56 anos).

Me atualizo na *internet*, porque cursos pra gente, que já está há mais tempo no artesanato, não tem - não por aqui. A *internet* é tudo de bom, já não sei ficar sem navegar. Mas tudo o que eu procuro na *internet* é sobre artesanato. Tenho dezenas de arquivos que eu baixei com modelos, fotos, tudo organizado por tema: Natal, Páscoa, Mães [...]. Preciso estar sempre atualizada, buscando coisas novas para meus clientes. Eu tenho *site*⁶⁴ e *blog*⁶⁵. Minha arte está lá também (Ângela, 47 anos).

As narrativas evidenciam a importância de desenvolver produtos com qualidade e criatividade. Na primeira, o aprendizado de novas competências artesanais ocorre por intermédio de uma colega-artesã que domina os traços de pintura de faces. Esta ensina sem temer que a sua colega da mesma rede de relações sociais aproprie o conhecimento. Isso me faz lembrar e compreender o profundo sentido das palavras de Paulo Freire (1996, p. 25): “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

A segunda narrativa evidencia o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de desenvolvimento das práticas artesanais. A *internet* é um mecanismo de disseminação da informação, além de interação entre indivíduos, independente de sua localização geográfica. Com ela é possível se comunicar, pesquisar, comprar e vender, sem imposição do que acessar, dentro da expansão do modo de produção capitalista, que visa à competitividade e à lucratividade.

⁶⁴ Conjunto de documentos escritos pertencentes a um mesmo endereço, disponível na *internet*.

⁶⁵ É um "diário pessoal e público" publicado na *internet*, ou, ainda, uma página pessoal na qual o dono desenvolve alguma conversa sobre um ou vários assuntos que considera interessante e deixa aberto um mural com a opinião dos visitantes.

Segundo Morin (2005), o avanço da tecnologia, que vem se difundindo amplamente nos últimos anos, traz consigo conhecimentos e realidades que proporcionam novos paradigmas econômicos, sociais e culturais, gerando mudanças de comportamento e de posicionamento. Essas mudanças também têm alterado a forma de como “se faz” a comunicação e o *marketing*. O *site* e o *blog* que a artesã Ângela possui para comunicar seu produto, numa área de abrangência que é global, são exemplos de novas estratégias comunicacionais. Nesse sentido, Schultz, Tannenbaum e Lauterborn (1994) afirmam que “saber comunicar” é um fator imprescindível para alcançar o cliente no mundo contemporâneo.

Ao percorrer os espaços das práticas do trabalho das artesãs, outras falas revelam a mediação da Associação:

[...] eu me tornei conhecida graças às feiras. Depois que eu entrei na Associação, tudo melhorou. Vendo mais. Uma artesã indica a outra. É muito bom. Eu adoro. Não ficaria sem isso (prática artesanal) [...] (Cristina, 32 anos).

Apesar da natureza livre do artesão, as associações são instituições importantes. Elas participam de processos de capacitação técnica (direta ou indiretamente) e comercialização de produtos artesanais, conforme reforçado na fala da artesã Cristina. A mediação da Associação possibilitou a visibilidade do trabalho realizado, na medida em que a inseriu numa rede de relações sociais. As feiras artesanais anuais organizadas pela Associação oportunizam que seu produto se torne visível no mercado, o que seria mais difícil de conseguir individualmente.

Outro aspecto a ser considerado nessa narrativa é o que Branco (2000) salienta: a conscientização modifica a vida da mulher. Ao reconhecer seu próprio potencial e se beneficiar disso, também é capaz de reconhecer sua limitação e buscar ajuda para reverter a situação, passando da invisibilidade à visibilidade.

Nas feiras a visibilidade normalmente é maior, pois o público tem a oportunidade de conhecer o resultado do trabalho artesanal e a artesã, assim como a artesã tem a oportunidade de identificar clientes em “potencial”, por ambos encontrarem-se no mesmo local, enquanto na Casa do Artesanato nem sempre a artesã está presente para divulgar ou explicar sua prática. Mesmo assim, ocorre visibilidade, conforme manifestação da Renata (52 anos):

Não tenho tempo pra produzir quantidade de peças para participar das feiras, porque numa feira a gente precisa ter quantidade e variedade, [...], mas trabalho um turno por semana aqui, na loja (Casa do Artesanato), e aí tenho espaço para expor meu trabalho. Também é legal, porque por aqui circula muita gente - já fiz muitas amizades [...], e acabo atendendo encomendas.

Observa-se inicialmente que a comercialização é uma ferramenta de inclusão social da artesã e a Casa do Artesanato, um espaço afirmativo de sua visibilidade. Parte das vendas da Renata são geradas por encomendas, tornando-se possível oferecer um atendimento personalizado, em que a peça artesanal será produzida atendendo a necessidade ou a preferência (cor, tamanho, formato, símbolo) de quem está encomendendo.

A globalização da economia e o fortalecimento das novas tecnologias têm proporcionado alterações no comportamento social e, conseqüentemente, modificações nas formas de comercialização, seja do artesão ou do industrial. Para ter sucesso competitivo nesse mercado é preciso considerar qualidade, inovação e solução - logo, atendimento de necessidades do consumidor.

Essa nova concepção de atendimento não conseguiu destruir a cultura popular que tem procurado adaptar-se à globalização, oferecendo diversidade de produtos e serviços, mas, segundo García Canclini (2008, p. 245), tem obrigado “[...] a repensar seus processos [...], suas conexões e seus cruzamentos”. O autor enfatiza ainda que, tanto quanto suas tradições, o artesanato, assim como a arte, não estão isolados da interação com o mundo moderno, seja com as indústrias culturais, com o turismo ou com as relações econômicas e políticas no mercado nacional e transnacional de bens simbólicos.

Sendo a atividade artesanal uma atividade produtiva, tendo como pano de fundo um sistema capitalista, cabem políticas públicas de incentivo, em nível federal, estadual e municipal, para que as organizações artesanais possam ser mais competitivas, atrativas e sustentáveis, sem desconsiderar o universo cultural e simbólico, e as particularidades do seu território. A narrativa de Elisa (56 anos) evidencia essa necessidade:

A gente recebe ajuda da Prefeitura para manter a loja (Casa do Artesanato), por isso nem podemos nos queixar, mas não é fácil. Às vezes dá vontade de largar tudo, de parar de fazer artesanato, porque o artesão ainda é pouco valorizado [...]. Por outro lado, é difícil largar. A gente gosta do que faz.

Visível, nessa narrativa, é a falta de planejamento setorial com projetos que visem ao desenvolvimento do artesanato, para (re)construir formas de trabalho e incentivar o artesão a crescer e se desenvolver, usufruindo da própria Associação, enquanto instituição organizada, para encaminhar projetos e receber recursos financeiros, especialmente federais.

Durante esta pesquisa, percebemos a limitação de conhecimentos e restrição de tempo das associadas entrevistadas para a construção de diretrizes que visem ao desenvolvimento da coletividade, até porque, por preferência, seu foco está na prática do trabalho artesanal, e não em questões sociopolíticas.

Observamos, ainda, a falta de participação dos associados nas reuniões mensais da instituição, ou seja, são sempre as mesmas artesãs que participam, evidenciando pouco interesse dos demais membros. Isso ocorre porque eles não desejam assumir compromissos e horários, tendo em vista que vários são aposentados e fazem artesanato por lazer ou terapia. Mesmo diante da baixa rotatividade de associados, há o desconhecimento dos princípios do associativismo, em que a participação é um dos valores postulados.

Das nove artesãs entrevistadas, apenas três participam ativamente das reuniões, e também da escala de trabalho da Casa do Artesanato. Dessas três, duas ainda expõem nas Feiras de Artesanato, somando-se a outras seis artesãs, e uma somente expõe na Casa do Artesanato. Essas são as formas de participação das artesãs nas atividades desenvolvidas pela Associação, embora predomine a presença nas feiras.

As artesãs que participam da Associação, seja na Casa do Artesanato ou nas Feiras de Artesanato, declaram que as motivações que as levam a integrar a instituição são: a oportunidade de construir relações sociais, a elevação da autoestima, o crescimento pessoal e profissional, a ajuda na recuperação de saúde, enfim, a melhor qualidade de vida.

A presidente da instituição é lembrada, na relação com os associados, como uma líder persistente e democrática, que prima pelo diálogo, a compreensão, a solidariedade e a amizade. Porém, durante o período deste estudo, não percebemos nesta mesma líder a disseminação dos ideais associativistas, o que, acreditamos, traria maior responsabilidade e comprometimento dos associados com a instituição. Nesse processo, evidentemente, também cabe a cada associado assumir a condição de sujeito ativo - afinal a participação é seu direito e também seu dever.

Assim, entre a tradição e a modernidade, entre o individualismo e o associativismo, o artesanato e o artesão atravessam um profundo processo de transformação, uma vez que se encontram inseridos num mercado que se reinventa constantemente. Encontrar metodologias que inspirem participação, estimulando uma efetiva transformação sociocultural, é uma tarefa tão árdua quanto necessária.

4.3 Práticas do trabalho artesanal feminino para a construção do modo de vida sustentável

O produto artesanal remete ao resgate cultural e à identidade regional, seja por meio do uso de determinados materiais e insumos ou técnicas de produção típicas da região, seja pelo uso de elementos simbólicos que fazem referência às origens de seus produtores ou de seus antepassados. Assim, a inspiração para a prática do trabalho artesanal provém da história do artesão e da conjugação dos fatores étnicos, culturais, econômicos, sociais e ambientais que configuram seu cotidiano.

No resultado das práticas do trabalho das artesãs participantes desta pesquisa, é possível evidenciar iniciativas que indicam possibilidades para uma relação mais equilibrada entre ambiente e sociedade, a partir do uso de materiais reciclados, numa perspectiva de preservação ambiental e construção de um modo de vida sustentável, como narram Ângela, Helena e Valquíria:

Guardo todas as sobras, de tecido, de lã, tinta, o que for. Não coloco nada fora - tudo dá para aproveitar. Inclusive, quando ando pelas ruas fico sempre de olho para ver se há alguma coisa jogada fora que eu posso utilizar. Já trouxe para casa muitos pedaços de caixas, dessas de frutas e verduras, sabe, atiradas nos pátios de supermercados. Lixo e pinto a madeira. Depois faço um enfeite com flores ou com frutas e transformo em arranjo para cozinha, sala de festas. Não faço isso porque vou ter mais lucro, faço por consciência. A natureza está mostrando sua revolta e, se cada um de nós não fizer a sua parte, vamos morrer soterrados no nosso próprio lixo. Sustentável pra mim é mudar a forma de ver e fazer as coisas [...], mas eu acho que as pessoas já estão se dando conta disso (Ângela, 47 anos).

Alguns restaurantes e cachorrões⁶⁶ daqui (Estrela-RS) me conhecem e guardam as latas de milho, de ervilha e cerveja para mim. Com as latas de milho e ervilha eu faço as peças para decoração e para uso em cozinha e, com as latinhas de cerveja faço rosas [...], depois coloco nos cabideiros⁶⁷ de madeira. Fica lindo! São vários dias de trabalho até que uma peça fica pronta [...], mas vale a pena. O lixo realmente vira arte, e eu acho que isso é sustentabilidade (silêncio) com responsabilidade, com qualidade e criatividade (Helena, 42 anos).

Restaurar uma imagem sagra é muito mais complicado do que fazer uma nova. Primeiro preciso conhecer de que material foi feita, as cores originais e avaliar o estado de deterioração da peça. Tudo isso é um trabalho muito demorado [...], mas gratificante quando se observa a reação das pessoas ao ver a peça renovada. Além disso, ajudo a resgatar histórias, como a peça de uma senhora de Estrela que tinha mais de 80 anos. E ajudo a preservar o meio ambiente, porque, se essa peça não fosse restaurada, talvez seria colocada fora (Valquíria, 40 anos).

Constata-se que as artesãs guardam sobras de matéria-prima para reaproveitar em novas criações de artefatos artesanais, o que pressupõe o “cuidado”, denominado por Boff (1999, p. 135), como “[...] a ética de um planeta sustentável”. Não podemos afirmar que a atitude das artesãs de reaproveitar materiais se estende nas dimensões da sua vida privada, entretanto, na medida em que elas adotam práticas de reaproveitar e recuperar peças, com criatividade, habilidade e visão de futuro, elas deixam de ser apenas produtoras artesanais, tornando-se construtoras ativas de um modo de vida sustentável.

Observa-se, ainda, a sociabilidade das artesãs na comunidade local. Essa lhe fornece uma das matérias-primas para a prática do seu trabalho artesanal - a lata. Esta é resultado do processo de industrialização que, nas mãos das artesãs, é transformada em arte, tornando-se novamente útil. Essa articulação entre a artesã e

⁶⁶ São estabelecimentos comerciais na área de alimentos especializados em lanches.

⁶⁷ Cabideiro aqui refere-se a um móvel de madeira, com pequenos braços, apropriado para pendurar chaves, chapéus e bolsas de mão. As rosas feitas com latas de cerveja são pintadas e colocadas sobre a madeira, visando a decorar a peça.

os estabelecimentos comerciais locais criam uma rede social que imprime sentido e promove mudanças de comportamento, refletindo na adoção de uso de materiais recicláveis e redução de geração de lixo e poluição.

Em outra narrativa o trabalho de reconstituição de uma peça artesanal foi reforçado pela artesã como um processo lento e minucioso que requer muita habilidade e conhecimento. A reconstituição artesanal ou o reparo, como é denominado por Sennett (2009), possui uma relação estreita com a história de vida de uma pessoa ou de uma comunidade, sendo possível recuperar a memória individual ou coletiva de um grupo social (MORIGI; SEMENSATTO, 2006). Nesse caso, a peça artesanal reconstituída recuperou lembranças do passado vivido, e, sendo a memória um elemento do sentimento de identidade (POLLAK, 1992), caracteriza-se como um fator importante para o sentimento de continuidade das recordações aos descendentes (POMIAN, 2000). Daí a competência e a importância de o artesão produzir e, igualmente, consertar.

As artesãs também expressam seu entendimento sobre o papel de cada cidadão na construção de um mundo sustentável e as perspectivas de futuro para o meio ambiente e o planeta.

Eu acho que as pessoas estão ficando mais conscientes das questões ambientais. A TV, o rádio, os jornais toda hora estão falando e mostrando isso. Eu separo o lixo há muitos anos. Ensinava meus alunos na época da escola a fazer também. Inclusive fazíamos brinquedos com embalagens recicladas [...]. O artesanato é um exemplo de que quase tudo pode ser aproveitado: com sobras de fios e arames crio enfeites, com o cone de linha faço embalagens [...]. Sou cuidadosa com isso porque acho que cada um tem que fazer a sua parte, e não é difícil [...] (Renata, 52 anos).

No artesanato muitas coisas podem ser feitas com materiais que iriam para o lixo. Com o filtro de café usado, por exemplo, eu já forrei abajur, tonéis grandes de papelão, que eram velhos, feios. Depois de pronto fica como se fosse uma peça novinha. Claro que para fazer isso é preciso ter vontade, iniciativa, dedicação, mas em geral as pessoas estão percebendo que é preciso mudar hábitos. Eu tenho esperança num mundo melhor (Marinês, 42 anos).

A maturidade nos ensina a ser pessoas mais conscientes, em todos os sentidos. Temos muitos problemas ambientais, mas, ao mesmo tempo, acho que é possível reverter a situação (Denise, 56 anos).

O mesmo cuidado que eu tenho no artesanato eu tenho nas outras coisas. É uma questão de educação. E a nova geração que está vindo é muito mais consciente disso. Eu vejo pelo meu filho, que chega da escola contando o que aprendeu e cobra da gente novos comportamentos. Por isso eu sou otimista com o futuro (Valquíria, 40 anos).

O uso de materiais reciclados na prática do trabalho artesanal, demonstrado nas narrativas das artesãs, é iniciativa que contribui para uma relação mais equilibrada entre trabalho, meio ambiente e modo de vida sustentável. Logo trata-se de um caminho oportuno para se consolidar uma sociedade cujas necessidades possam ser satisfeitas com menor custo ambiental. Nota-se que essas iniciativas partem de maneira individual, própria de cada artesã, ou seja, elas não são comunicadas ou implementadas pela Associação.

As perspectivas de futuro que as artesãs vislumbram para o meio ambiente e o planeta são positivas. Mesmo diante de um cenário ambiental crítico, a esperança está presente, apontando confiança em dias melhores, a partir de novo comportamento humano no cotidiano. É possível compreender a importância da esperança nas palavras de Paulo Freire (1996, p. 80).

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança.

Assim, com experiências de vida e esperança na vida, as artesãs mencionam a mídia como um instrumento de informação para o desenvolvimento da cidadania pela educação ambiental, conscientização social e sensibilização para problemas socioambientais. Segundo Ribeiro (2005), no Brasil, a mídia (televisão, rádio, imprensa escrita, *internet*, cinema) tem importante adesão e constitui potencialmente um agente de educação informal, influenciando “[...] sobre o inconsciente coletivo, exacerbando aquilo que nele já se encontra e criando resistência em relação àquilo que ainda não se incorporou à mentalidade e ao inconsciente social” (RIBEIRO, 2005, p. 392).

Por isso, os meios de comunicação desempenham papel abrangente tanto na formação de valores, mentalidades, comportamentos e atitudes quanto na formação de hábitos de consumo e de estilos de vida. Esse entendimento vem ao encontro de Morigi (2004, p. 5) ao afirmar que “[...] os meios de comunicação de massa se colocam como um componente cultural importante na teoria das representações sociais”.

Diante disso, é importante saber identificar qualidade da informação de espetacularização e sensacionalismo. É preciso aprender a ver os meios, seus objetivos e interesses, para desenvolver uma leitura crítica, relacionando a mensagem com o macrocontexto político, econômico e social, até porque as grandes empresas investem recursos em publicidade na mídia de massa e, eventualmente, em mídias especializadas, como a do segmento ambiental, pois visam a índices de lucratividade e disputam um mercado competitivo influenciando, algumas vezes, na qualidade e no caráter das mensagens (ROCHA, 2008).

Muitos são, portanto, os desafios do jornalismo ambiental. Para algumas pessoas o imaginário de natureza tende a remeter para ambientes distantes, românticos e sem a presença humana. Para outras, os meios de comunicação desenvolvem o papel da educação formal. Logo, depara-se com a importância de os profissionais evitarem tratamentos superficiais e fragmentados, e de comunicar com linguagem adequada, definindo seus diferentes públicos-alvos, de maneira que possam ser compreendidos por todos aqueles que contribuirão para o processo de transformação social.

Ainda, é fundamental que a escola, como instituição de ensino, lembrada na narrativa da artesã Valquíria, esteja inserida em seu tempo e contexto, de forma interdisciplinar, para construir um projeto pedagógico que legitime uma forma crítica, participativa e contínua de respeito ao meio ambiente, visando à construção de um modo de vida sustentável.

Nesse sentido, a prática do trabalho artesanal com uso de materiais recicláveis possibilita a observação de que pode contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. Conforme Ribeiro (2005, p. 398), “Para a aprendizagem do viver sustentável, a arte adquire realce especial”. Possibilita comunicação imediata, por tocar as emoções, os sentimentos e as motivações da comunidade, contribuindo para estimular práticas sustentáveis nos cidadãos.

É na arte de transformar um pedaço de tecido em pano de prato, em trilho de mesa, em fuxico; é na arte de transformar lata em objeto decorativo e utilitário; é na arte de transformar linha em roupa, em colcha, em tapete; é na arte de reaproveitar

materiais e fazer surgir tantas outras formas quanto a mente seja capaz de imaginar que encontramos o artesanato.

No resultado do trabalho das artesãs, participantes desta pesquisa é possível verificar transformações e contemplar a criatividade e a riqueza de elementos manifestados nos costumes e hábitos regionais. Abaixo, na Figura 2, o “bom velhinho” (papai-noel), um dos principais símbolos do Natal, e os escudos de dois dos times de futebol mais tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional) se misturam na pintura à mão, em panos de prato, mostrando a hibridização entre a cultura europeia (posteriormente universalizada) e a cultura regional e local, neste caso a gaúcha.

FIGURA 2 - Panos de prato, pintados à mão, pela artesã Beatriz



Fonte: pesquisadora, Feira de Artesanato, Lajeado-RS, 2009.

Os símbolos e seus contextos identificam a cultura de um povo, nação ou grupo social. Por meio deles se expressam os valores, os sentimentos e os significados de uma cultura. As peças artesanais, por meio dos seus motivos, expressam símbolos que identificam o imaginário com a tradição da cultura gaúcha. Como podemos observar na Figura 3, a seguir.

FIGURA 3 - Porta-guardanapos e palitos, de madeira e biscuit, criado pela artesã Cristina



Fonte: pesquisadora, Feira de Artesanato, Lajeado-RS, 2009.

A cuia de chimarrão, o fogo de chão e o lenço vermelho em torno do pescoço, na maioria das vezes, são símbolos usados nos motivos das peças que remetem ao imaginário da cultura gaúcha. Eles são elementos simbólicos que possibilitam o fortalecimento e a reafirmação da identidade das pessoas com seus lugares de origem. As cores, as formas e o movimento das linhas no tecido traduzem pensamentos, sentimentos e valores, ou seja, os costumes e as tradições de um grupo social. Nesse processo, as artesãs atuam como propagadoras da cultura na sociedade, logo sua importância e seu papel na manutenção da identidade local e regional.

Da mesma forma, a importância do uso de sobras de matéria-prima e materiais reciclados na prática do trabalho artesanal. Na Figura 4 é possível visualizar pequenos enfeites produzidos a partir de retalhos de tecidos e nas Figuras 5 e 6, o reaproveitamento, a reciclagem dos vidros e das latas, para criação de objetos artesanais utilitários. O uso dessas matérias-primas expressam uma forma de auxílio material e simbólico para os sujeitos na construção de um modo de vida sustentável. A reciclagem e o aproveitamento possibilitam novo olhar e aprendizado em relação à preservação e ao cuidado com o meio ambiente no qual as práticas do trabalho artesanal feminino exercem um papel fundamental.

FIGURA 4 - Enfeites, com retalhos de tecido, criados pela artesã Marinês



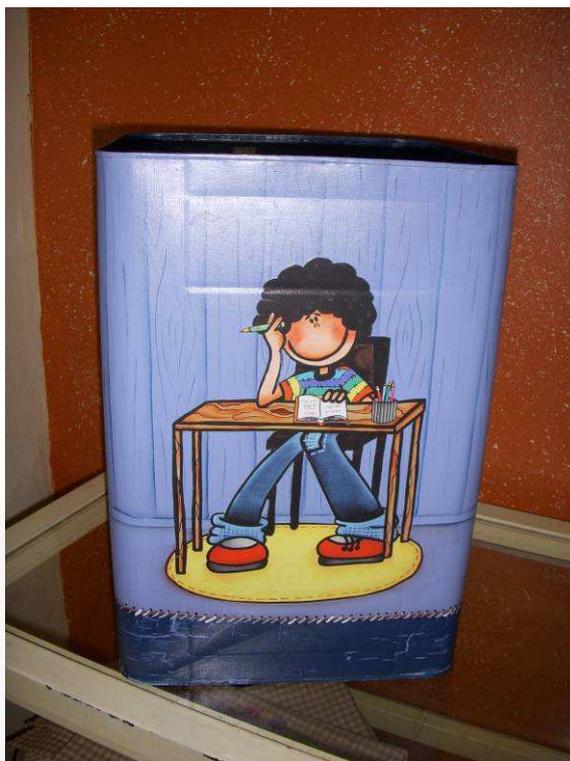
Fonte: pesquisadora, Feira de Artesanato, Lajeado-RS, 2009.

FIGURA 5 - Porta chá, de vidro reciclado, criado pela artesã Ângela



Fonte: pesquisadora, ateliê da artesã, Venâncio Aires-RS, 2009.

FIGURA 6 - Porta brinquedos, de lata reciclada, criado pela artesã Elisa



Fonte: pesquisadora, Casa do Artesanato, Lajeado-RS, 2009.

Conforme observamos nas peças artesanais produzidas pelas artesãs, elas expressam nas suas criações diversos significados. Com frequência encontramos os seguintes motivos:

- rosas, que geralmente simbolizam o amor, a beleza, a mulher;
- coração, que remete à afetividade, à vida;
- criança, que representa continuidade familiar, cuidado;
- casa, que lembra família, aconchego, reunião;
- árvore, que denota sobrevivência, se pensarmos na importância da madeira para o fogo, a construção, as ferramentas.

Para Frutiger (2007, p. 203), o artesão é “[...] um mediador entre um mundo visível e outro invisível”, ou seja, o elemento simbólico na imagem possui um valor implícito, encontra-se entre a realidade reconhecível e o reino místico e invisível da religião, da filosofia e da magia.

Os símbolos utilizados pelas artesãs nos motivos das peças artesanais remetem ao imaginário cultivado pela beleza e aos valores humanos, como a liberdade, o amor, a família e o espaço privado, isto é, a atuação da mulher no lar. Segundo Da Matta (1985), isso acontece porque o lar (espaço privado) é um local onde as pessoas compartilham, vivem, e o viver está ligado ao cuidar, espaço geralmente atribuído como de domínio das mulheres, pela sua “natural” dedicação, sensibilidade e emotividade. Na medida em que as artesãs manifestam esse cuidado do lar no imaginário, também se estende para as suas práticas do trabalho artesanal.

Por fim, observa-se nas narrativas das artesãs que as práticas às quais se referem são expressas pelas ações como: “guardar”, “aproveitar”, “mudar”, “fazer”, “cuidar”. Isso nos remete ao ato de realizar a ação de “fazer”, “mudar” e, ao mesmo tempo, acompanha o ato de “guardar”, “aproveitar” e “cuidar” - ações fundamentais quando se pensa na construção do modo de vida sustentável.

Assim, é possível compreender que as ações de reutilização dos materiais reciclados assumem uma dimensão simbólica que ultrapassa a dimensão do ato físico de transformar os objetos que resulta no reaproveitamento das peças novamente. O processo de transformação das matérias e sua reutilização em forma de artefatos, que circulam nas feiras e nos ateliês, mobilizam a criatividade e a imaginação.

Ainda, as observações oportunizaram a compreensão de que as artesãs reproduzem as condutas e os valores de suas avós e mães, ou seja, as memórias e as práticas dessas mulheres são marcadas pelas experiências de vida e permitem desvendar o passado no interior das famílias, fornecendo elementos para articular o presente, como evidenciamos nas narrativas de Beatriz, Renata e Elisa no início deste subcapítulo.

Dessa forma, as práticas que motivam as artesãs em realizar o reaproveitamento de materiais auxiliam no combate a ações que conduzem ao desperdício. Isso nos leva a compreender como as ações cotidianas, que dependem das nossas escolhas e decisões, podem afetar o planeta. As ações dos sujeitos podem fazer a diferença em se tratando de contribuir para a preservação e a

sustentabilidade ambiental. Nesse sentido, estaríamos garantindo o futuro das próximas gerações.

Nessa perspectiva, o papel da mulher na comunidade transformando os objetos por meio da reciclagem de materiais se constitui em uma ação de sustentabilidade para o meio ambiente. Essas práticas podem ajudar a sensibilizar a sociedade para a importância de cuidar dos espaços públicos da sua cidade e do ambiente em que vivem, motivando mais pessoas a assumir a sua responsabilidade em relação ao planeta.

A preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável resultam da iniciativa de cada ator social, interligando suas ações individuais e coletivas nos espaços privado e público. Assim, compreendemos que o resultado das práticas do trabalho das artesãs da Associação dos Artesãos do Alto Taquari contribui para, além de uma manifestação imediata, material e prática do ato de reciclar, preservar, mas fundamentalmente afeta a dimensão simbólica da transformação do nosso “eu profundo” em uma consciência mais elevada, fortalecida pelo sentimento solidário com outros seres que habitam e compartilham o planeta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com a preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável ganha importância no final dos anos 60 e início dos anos 70, quando surgiram as discussões sobre os problemas globais do planeta. Percebeu-se que os recursos naturais são finitos e encontram-se em vias de saturação. Por isso, a reflexão sobre sustentabilidade expressa a possibilidade de mudanças que leve em conta a inter-relação entre crescimento econômico e desenvolvimento, ou seja, entre justiça social, equilíbrio ambiental e qualidade de vida.

Em meio a esse complexo desafio, as mulheres ganham destaque, passando a integrar o debate sobre estratégias e programas da ONU, cujo foco era igualdade social, equidade de gênero e sustentabilidade. A Agenda 21 de Ação das Mulheres é o resultado do movimento global feminino, consolidando a visão de que a mulher e o meio ambiente estavam intrinsecamente ligados, uma vez que ambos propunham mudanças na ordem natural, baseadas na justiça social.

Esse movimento global auxiliou na aproximação da mulher da conquista do espaço público, que iniciou com o advento da Revolução Industrial, quando elas se inseriram no trabalho têxtil. Nesse contexto, a mulher ocupa funções duplas: o de esposa, mãe e responsável pelo cuidado do lar, em seu espaço privado, e o de trabalhadora, com participação também no espaço público.

No decorrer da história, a mulher abriu novos caminhos e, na contradição das relações estabelecidas, vem empreendendo mudanças. A sua crescente participação no mercado de trabalho trouxe impactos na qualidade de vida e nas relações entre os gêneros. Por meio da sua luta, seus direitos foram reconhecidos, o que fortaleceu e reforçou os benefícios de implementação formal dos direitos sociais que ajudaram a construir a sua cidadania.

Isso se tornou possível porque a mulher desenvolveu melhor que o homem a capacidade de captar cada sinal ao seu redor. Sua consciência aberta e receptiva é capaz de ouvir a mensagem das coisas que vão além da simples decifração das estruturas de inteligibilidade. Com isso, a mulher revela importantes competências, maior sensibilidade, afetividade, cuidado e respeito com o outro, apontando para a atitude que deve ser coletivamente construída e desenvolvida.

Por intermédio da participação e da forma diferente de entender e realizar o trabalho, a mulher vem conquistando autonomia e cidadania, na medida em que acredita ser possível suprir necessidades respeitando o meio natural, compartilhar responsabilidades, reconhecer liberdade e inclusão social e representar interesses.

A conquista no espaço público não isentou, no entanto, a mulher brasileira do trabalho informal e da discriminação salarial. A remuneração ainda é inferior à dos homens, embora a escolaridade seja superior, e a informalidade é uma maneira de aumentar a renda familiar, uma vez que o avanço da política neoliberal contribui para o aumento da desigualdade social e do desemprego.

Essa situação leva muitas mulheres a se inserirem no segmento do artesanato, de forma individual ou associativa. No Brasil, extensivo ao estado do Rio Grande do Sul e ao Vale do Taquari, as associações de artesanato são representativas, razão de este estudo buscar compreender como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável, ouvindo narrativas e observando práticas dos trabalhos de artesãs participantes da Associação dos Artesãos do Alto Taquari.

A partir das informações, foi possível perceber, inicialmente, a satisfação e o cuidado dessas mulheres em relação ao trabalho artesanal, transmitidas de geração

para geração. As peças artesanais são o resultado do trabalho realizado pelas mulheres artesãs. Além da materialidade do produto acabado, elas expressam uma dimensão simbólica presente nos seus motivos, que remetem ao imaginário da cultura gaúcha, fortalecendo os valores e os laços identitários do grupo com a cultura regional.

Nas narrativas das artesãs, verificamos que as práticas do trabalho artesanal proporcionam segurança, liberdade e autonomia, provocando transformações nas relações de poder, ancorado no antigo modelo de estrutura familiar. Ao gerar renda, a artesã passa a ter credibilidade e apoio da família, tornando-se protagonista da sua própria história. O consumo também passa a fazer parte da sua prática, evidenciando seu empoderamento, a partir do resultado de seu trabalho. Ainda, a participação das mulheres por meio da prática do trabalho artesanal possibilita a promoção e o exercício de cidadania.

De acordo com as entrevistadas, a sociabilidade que ocorre a partir da Associação possibilita a formação de uma rede de relações sociais que aproxima e fortalece laços de amizade, confiança, solidariedade e participação social. O espaço das Feiras Artesanais e da Casa do Artesanato amplia a teia de relações que configura a trama da rede de relações que se forma em torno das atividades de produção e das práticas do trabalho artesanal. Ou seja, esses espaços coletivos possibilitam a visibilidade do trabalho da artesã, na medida em que a insere na rede, oportunizando que seu produto se torne visível no mercado - o que seria mais difícil de conseguir individualmente.

Observamos, entretanto, a necessidade de ampliação da participação dos associados nas reuniões da Associação, uma vez que existe pouco planejamento de ações e atividades continuadas em relação a seu aperfeiçoamento. As ações desenvolvidas pela Associação restringem-se à organização de duas feiras anuais e à administração da Casa do Artesanato. Essas ações são importantes, bem organizadas e possuem credibilidade da comunidade local e regional, porém seu papel social ultrapassa a atuação da organização das feiras e os espaços de exposição e comercialização de produtos.

Nesse sentido, um plano de gestão das ações que permita mapear necessidades, buscando cada vez mais interação social e articulação entre os associados, possibilitará melhor auxílio na elaboração, execução e monitoramento de projetos. Por isso, é necessária uma visão estratégica e integrada que envolva os níveis federal, estadual, municipal e comunitária, para o desenvolvimento de políticas públicas para a categoria, tendo como objetivo propor melhores condições de gestão, organização do trabalho, participação, qualidade da produção e distribuição, tornando a atividade artesanal, ao mesmo tempo, rentável e sustentável.

Esse plano, para ser completo, deve vir acompanhado também de um plano de gestão ambiental em que a educação ambiental passe a exercer um papel importante, capaz de envolver tanto as atividades realizadas nas práticas do trabalho artesanal como também as práticas da vida cotidiana da própria comunidade em que estão inseridas.

Além disso, os planos de gestão possibilitam promover a formação do associado (artesão) nos valores do associativismo e em áreas do conhecimento, como design, vendas, comunicação, *marketing*, entre outras operações necessárias para sua prática profissional, especialmente num mercado competitivo de economia globalizada.

Nesse sentido, a revitalização do produto artesanal é compreendida pelas artesãs como uma necessidade para manterem-se competitivas no mercado. Hoje, o uso das tecnologias de informação e comunicação, está provocando impactos em todos os setores da vida social, pois na medida em que avançam provocam mudanças nos estilos de vida, o que foi observado também no universo pesquisado. Das nove artesãs entrevistadas, duas realizam operações de compra e venda via *internet*. Ou seja, os novos modelos de relações interferem nos comportamentos, e este desafio também está presente no segmento do artesanato. A busca por profissionalização e novas formas de comunicação, mediada pelas tecnologias digitais, passam, aos poucos, a serem incorporadas nas atividades e nas práticas do trabalho artesanal feminino.

No decorrer da pesquisa, observamos que as artesãs percebem a importância das atividades que realizam, ou seja, do uso de materiais reciclados para produzir os objetos artesanais, as restaurações de peças, entre outros. Essa prática pode se constituir em uma atitude cidadã, pois leva à transformação de práticas ligadas ao desperdício e ao consumo descartável. A implementação de planos de gestão de ações sustentáveis em relação ao ambiente possibilita a construção de um modo de vida sustentável.

Nesse sentido, a orientação e a motivação da Associação, promovendo educação continuada e troca de experiências entre os associados, podem ampliar oportunidades, pois enquanto grupo social organizado, a Associação poderia obter mais reconhecimento e visibilidade social das suas ações, o que fortaleceria o grupo.

Mesmo assim, o uso de materiais reciclados e o aproveitamento de “sobras” de matéria-prima que as artesãs pesquisadas utilizam nas suas criações, tais como latas, tecidos, linhas, madeiras, embalagens entre outros, assim como a restauração de peças, indicam possibilidades de reconhecimento das práticas do trabalho artesanal como ações sustentáveis para o ambiente e a construção de modo de vida sustentável. Logo, são iniciativas e atitudes que apontam novo comportamento e a formação de nova consciência planetária.

Compreendemos que as práticas do trabalho artesanal devem ser vistas como um começo, uma iniciativa, na construção de uma consciência planetária, pois esse processo envolve (ou deveria envolver) todos os atores sociais, ou seja, a sociedade, com participação e ações sustentáveis, com ética do cuidado, afinal são atitudes que possibilitam a preservação do meio ambiente e a construção de um modo de vida sustentável.

As práticas do artesanato feminino local apontam, contudo, para formas diferentes de pensar e agir de modo sustentável, e também abrem caminhos para futuras pesquisas, capazes de dar conta de outros questionamentos surgidos a partir deste estudo, como, por exemplo: Como ocorre a destinação dos rejeitos da produção das artesãs? Como ocorre a destinação do artesanato consumido? É possível e viável reaproveitar a matéria-prima do artesanato descartado? Quais as

matérias-primas mais adequadas, do ponto de vista ambiental, para a prática do trabalho artesanal?

A pesquisa realizada com foco na Mulher, Meio Ambiente e Modo de Vida Sustentável possibilita muitas reflexões e traz novas indagações, pois questiona o destino de diversos bens de consumo e o atual estilo de vida dos homens e seu impacto sobre o meio ambiente. O estudo mostra que as práticas do trabalho artesanal feminino, aliadas a ações coletivas de grupos organizados, em forma de rede, também podem interferir nas nossas decisões de compra, que estimulam e perpetuam a economia mundial baseada no consumo. Dessa maneira, os governos e as grandes corporações deixam de ser os únicos responsáveis pelo esgotamento dos recursos naturais e pelo aquecimento global.

A complexidade que envolve a construção de uma sociedade baseada em um modo de vida sustentável é imensa. Neste estudo, conseguimos vislumbrar que, entre outras variáveis, ela depende das nossas escolhas, decisões e das nossas ações cotidianas. Nesse processo, a participação e o engajamento são fundamentais, pois para que as transformações ocorram em nível planetário é necessário que ocorram também em nível local. Quando houver essa sincronização, conseguiremos mudar as nossas atitudes internas e subjetivas, o nosso “eu profundo”, e tal energia passa a se propagar e atuar em toda a cadeia, mobilizando e transformando a rede de relações de forma integral. Acreditamos que esse é um caminho que nos possibilita minimizar os impactos pela ação humana no meio ambiente. Ainda há tempo - precisamos nos conscientizar da necessidade de mudarmos nossos hábitos.

REFERÊNCIAS

ADAM, Leonhard. **Arte primitiva**. 2ª ed. Trad. Eduardo Warshaver. Buenos Aires: Editorial Lautaro, 1947. 240 p.

AGENDA 21. Disponível em: <<http://www.agenda21.org.br>> Acesso em: 10 jan. 2009.

AGOSTINI, Cíntia. **As abordagens da sustentabilidade nas discussões sobre desenvolvimento: uma análise a partir da obra de Dinizar Becker**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates. Lajeado, 2008.

ALMEIDA, Fabiana A. B. **O Brasil feito à mão**. Belo Horizonte/Minas Gerais – Brasília/Distrito Federal: Instituto Centro-CAPE / Central Mãos de Minas, ano 1, n. 3, 2007.

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

AMBIENTE BRASIL. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br>> Acesso em: 10 jan. 2009.

ANUÁRIO DO ARTESANATO. São Paulo, IBC Instituto de Cultura: Ed. On Line, Ano 5, n. 5, 2008.

ARACI, Nilza. Gênero e Meio ambiente – qual a sustentabilidade possível? (posfácio). In: CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO: UNICEF, 2005, p. 11-23.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legis>> Acesso em: 11 fev. 2009.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legis>> Acesso em: 01 mai. 2009.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e Meio ambiente**: as estratégias de mudanças da agenda 21. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BARROSO NETO, Eduardo. **Design, Identidade cultural e artesanato**. In: Primeira Jornada Iberoamericana de *Design* no artesanato. Fortaleza, 1999. Disponível em: <<http://www.eduardobarroso.com.br/artigos.htm>> Acesso em: 27 jan. 2010.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte**. 9 ed. São Paulo: Papirus, 1989.

BECK, Ulrich. **Risk society**: towards a new modernity. Londres: Sage, 1992.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto, 1994.

BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HÄUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. **Mulher, Ambiente e Desenvolvimento sustentável**. Trad. Clara Fonseca e Gonçalves Feio. Instituto Piaget, 1994.

BRANCO, Adélia de Melo. **Mulheres da seca**: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000.

BRIQUE DA REDENÇÃO. Disponível em: <<http://www.briquedaredencao.com.br>> Acesso em 18 jan. 2010.

BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, Clóvis (org). **Desenvolvimento e Natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivo. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho compulsório na antiguidade**: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, 164p.

Cartilha produzida pelo Projeto de Extensão Comunicação para Educação Ambiental, vinculado ao Programa de Ações Comunitárias da Univates – PAC. **Lixo: um problema de cada um de nós.** Coordenação Profa Jane M. Mazzarino.

CAVALCANTI, Clóvis (org). **Desenvolvimento e natureza:** estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

Centro de Educação Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente, Lajeado. **Comunidade ainda não tem cultura da separação.** Matéria veiculada no jornal O Informativo do Vale, em 26 out. 2009, p. 8.

CHARKIEWICZ, Eva. Respostas para as crises da ecologia profunda, da ecologia social e do ecofeminismo. In: BRAIDOTTI, Rosi *et al.* **Mulher, Ambiente e Desenvolvimento sustentável:** para uma síntese teórica. Lisboa. Instituto Piaget: 1994. p. 281.

CHITI, Jorge Fernández. **Artesania, Folklore y Arte popular.** Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi, 2003. 312p.

CNPQ. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>> Acesso em: 11 fev. 2009.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso futuro comum. 2. ed. Rio de Janeiro. FGV, 1991.

Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm> Acesso em: 09 set. 2009.

COSTA, Aline de Caldas. **Artesanato, turismo e desenvolvimento:** uma abordagem à luz da economia criativa. In: Partes – revista virtual, maio 2007. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/artesanato/artesanatoturismo.asp>> Acesso em: 27 jan. 2010.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/estpesp14112005_mulhernegra.pdf> Acesso em: 16 dez. 2009.

DUARTE, Constança Lima. **Nísia Floresta.** Vida e obra. UFRN Editora Universitária: Natal-RN, 1995.

FAVARO, Cleci Eulalia. **Imagens femininas:** contradições, ambivalências, violências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FISCHER, Izaura Rufino. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais & Símbolos. Desenho, projeto e significado.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL. Disponível em: <www.fgtas.rs.gov.br> Acesso em: 07 dez. 2009

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL. Disponível em: <<http://www.fgtas.rs.gov.br/portal/index.php>> Acesso em: 21 dez. 2009.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra.** São Paulo: Petrópolis, 2000. Série Brasil Cidadão.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKELL George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GARSKE, Mara Eliza. **As indústrias criativas como fator de desenvolvimento: o caso do artesanato no RS.** Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

GOLDENBERG, Mirim. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOOGLE Acadêmico. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br>> Acesso em 15 abr. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HÄUSLER, Sabine. Mulheres, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: emergência do tema e diferentes perspectivas. In: BRAIDOTTI, Rosi *et al.* **Mulher, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: para uma síntese teórica.** Lisboa. Instituto Piaget: 1994. p. 281.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Relatório perfil dos municípios brasileiros: cultura.** Rio de Janeiro; IBGE, 2006.

_____. **Pesquisa mensal de emprego: algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho.** Rio de Janeiro; IBGE, 2008.

KLEIN, Richard G. **O despertar da cultura**: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade. Trad. Ana Lucia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, 252 p.

LANGDON, Esther Jean. **O dito e o não-dito**: reflexão sobre narrativas que famílias de classe média não contam. Revista Estudos Feministas, v. 1, n. 1, 1993.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 5 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato**: cinco pontos para discussão. Palestra Artesanato Solidário, Central Artesol, 2005. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf> Acesso em 05 fev. 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MALAGODI, Maria E.; CESNIK, Fábio de Sá. **Projetos culturais**. São Paulo: Escrituras, 1999.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida**. Trad. e Org. Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 242p.

MAWHINNEY, Mark. **Desenvolvimento sustentável**: uma introdução ao debate ecológico. São Paulo: Loyola, 2002.

MAY, Peter H. Economia ecológica e o desenvolvimento equitativo no Brasil. In: CAVALCANTI, Clóvis. (org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 1995. p. 235-255.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org) *et al.* **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Disponível em: <<http://pee.mdic.gov.br/portalmDIC/sitio/interna/noticia.php?area=2¬icia=7074>> Acesso em 14 dez. 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=2¬icia=7074> > Acesso em 27 fev. 2010.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação:** representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. Brasília. Revista eletrônica e-compós. Ed. 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/1>> Acesso em: 07 mar. 2010.

MORIGI, Valdir José e ROCHA, Carla Pires Vieira da. **A festa como narrativa mediadora na construção do espírito comum.** Salvador: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação, out. 2007.

MORIGI, Valdir José; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone. **Narrativa visual, informação e medição do espírito comum nas festas comunitárias.** Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 159-170, set./ dez. 2008

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PALOS, Cássia Maria Carrasco. **Gênero e meio ambiente:** construindo a agenda 21 de ação das mulheres em Espírito Santo do Turvo – SP. In: BLAY, Eva Alterman (org). Igualdade de oportunidades para as mulheres. São Paulo: Humanitas/FFCH/USP, 2002.

PANAYOTOU, T. **Mercados verdes:** a economia do desenvolvimento alternativo. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.

PINHO, Maria Sonia Madureira de. **Produtos artesanais e mercado turístico.** In: MURTHA, S. M; ALBANO, C. (Org). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002, p. 169-180.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). História da cidadania. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania.** São Paulo: Cortez, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos teóricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v. 42, p. 507-516, 2000.

PRÁ, Jussara Reis. Gênero. Cidadania e participação na esfera pública. In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs.). **Produzindo gênero.** Porto Alegre: Sulina: 2004, p. 45-54.

PROGRAMA DE ARTESANATO BRASILEIRO. Disponível em: <<http://pab.desenvolvimento.gov.br/TEMPLATE.ASP?ID=Apresentacao>> Acesso em: 27 set. 2009.

PROGRAMA DE ARTESANATO BRASILEIRO. Disponível em:
<<http://pab.desenvolvimento.gov.br/Template.asp?ID=forum>> Acesso em: 27 set. 2009.

Revista Ciências Sociais em Perspectiva. LODI, Odete. A mulher e as relações de trabalho. (5) 9 : 149-160 – 2º sem. 2006.

Revista da Secretaria da Mulher. A mulher no mundo do trabalho. Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – CTB, 2009, 27p.

Revista Signos. Memória social, identidade cultural e o significado das festas comunitárias. MORIGI, Valdir José; SEMENSATTO, Simone. Centro Universitário Univates. Lajeado, RS: Univates. Ano 27, n. 2, p. 53-61, 2006.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar: pensando o ambiente humano.** Brasília: Universa, 2005.

ROCHA, Simone Maria. Mídia e Meio ambiente: reflexões sobre a natureza de uma relação. In: HISSA, Carlos Eduardo Viana (org). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SACHS, Ignacy. Coração brasileiro. **Revista Isto É**, nº 1811, jun. 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; RODRÍGUEZ, César. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SATO, Michèle & SANTOS, José Eduardo. **Agenda 21 em sinopse.** Programa de pós-graduação em ecologia e recursos naturais. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.

SCHULTZ, Don E; TANNENBAUM, Stanley I; LAUTERBORN, Robert F. O novo paradigma do marketing: como obter resultados mensuráveis através do uso do database e das comunicações integradas de marketing. Trad. Anna Terzi Giova. São Paulo: Makrom Books, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS CORPO, 1991.

SENNETT, Richard. **O artífice.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal - Vol VI - (1750-1807).** O depotismo iluminado. Lisboa, Verbo, 1982.

Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. **Programa SEBRAE de Artesanato: Termo de Referência.** Brasília: SEBRAE, 2004.

_____. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>> Acesso em: 14 dez. 2009.

SOLEIS. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/artesanato.htm>> Acesso em: 28 set. 2009.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento econômico**. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

VECCHIATTI, Karin. **Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável**: do reducionismo à valorização da cultura. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v. 18, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n3/24782.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2009.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

WALBY, Sylvia. Cidadania e transformações de gênero. In: GODINHO, Tatau. SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 188.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Ester_B%C3%B6serup> Acesso em: 03 jan. 2009.

_____. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Sundarlal_Bahuguna> Acesso em: 09 jan. 2009.

_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_I_de_Portugal> Acesso em: 01 mai. 2009

_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_I_de_Portugal#Reinado> Acesso em: 01 mai. 2009

_____. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/chocalho>> Acesso em: 03 ago. 2009.

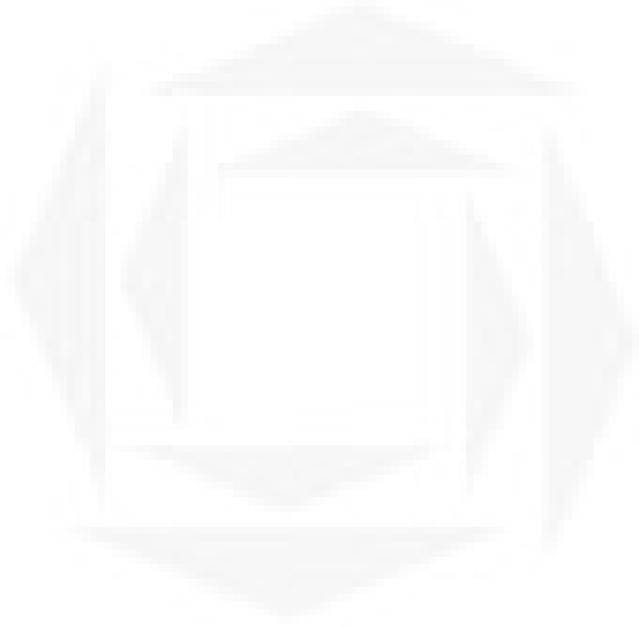
_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Empresa_de_grande_porte> Acesso em: 06 ago. 2009.

_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9dia_empresa> Acesso em: 06 ago. 2009.

_____. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Atelier>> Acesso em: 04 jan. 2010.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Trad. Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZALLO, Ramón. Economía de la comunicación y la cultura. Madrid-España: AKAL/COMUNICACIÓN, 1988.



UNIVATES



ANEXOS

UNIVATES

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Entrevista semiestruturada direcionada à presidente da Associação dos Artesãos do Alto Taquari.....	130
ANEXO B - Entrevista semiestruturada direcionada a artesãs vinculadas à Associação dos Artesãos do Alto Taquari.....	132
ANEXO C - Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento.....	134

UNIVATES

ANEXO A - Entrevista semiestruturada direcionada à presidente da Associação dos Artesãos do Alto Taquari

1 Identificação e dados objetivos

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Estado civil:
- 1.4 Profissão dos pais:
- 1.5 Etnia:
- 1.6 Aposentada () Em atividade ()
- 1.7 Escolaridade:
- 1.8 Descendente de imigrantes: () Sim () Não
Se sim, qual:
() Italiano () Alemão () Outro, citar: _____
- 1.9 Com quem aprendeu o ofício de artesã?
- 1.10 Por que o interesse em trabalhar com artesanato?
- 1.11 O que significa o trabalho artesanal para você?
- 1.12 Há quanto tempo trabalha com artesanato?
- 1.13 Qual(quais) a(s) técnica(s) você desenvolve?
- 1.14 Você usa materiais reciclados em seu trabalho? Qual? Por quê?
- 1.15 Na sua opinião, o que você produz ajuda a preservar o meio ambiente?
- 1.16 Alguém ajuda você neste trabalho?
- 1.17 Você participa das feiras promovidas pela Associação?
- 1.18 Você expõe suas peças na Casa do Artesanato?
- 1.19 Tem outra(s) atividade(s) além do artesanato?
- 1.20 Quem faz os serviços domésticos na sua casa?

2 Questões abertas

- 2.1 O que você faz no tempo livre?
- 2.2 Que programa de TV gosta de assistir?
- 2.3 Tem assinatura de algum jornal e/ou revista? Qual? Por quê?
- 2.4 Como é a divisão do seu tempo entre o trabalho, sua família e o lazer?
- 2.5 Na sua opinião, o trabalho da mulher é diferente do trabalho do homem?
- 2.6 O que você pensa sobre a mulher trabalhar?
- 2.7 Como soube da Associação?
- 2.8 Quando ingressou na Associação dos Artesãos do Alto Taquari?
- 2.9 Conte como iniciaram as tratativas para a criação da Associação dos Artesãos?
- 2.10 Quem foram as pessoas envolvidas neste processo de criação e qual o seu papel na consolidação da entidade?
- 2.11 Como se tornou presidente da Associação dos Artesãos do Alto Taquari?

- 2.12 Quais eram as intenções da Associação?
- 2.13 E, hoje, quais são as intenções da Associação?
- 2.14 Quantos artesãos compõem o quadro de associados?
- 2.15 Qual é o perfil dos associados (idade, estado civil, escolaridade, município que reside, tem outra profissão além do artesanato)?
- 2.16 Quais são os benefícios de participar da Associação?
- 2.17 Quem pode participar da Associação?
- 2.18 Qual é o valor da mensalidade da Associação?
- 2.19 Como se dá a gestão da Associação (reuniões, prestação de contas, aperfeiçoamento profissional)?
- 2.20 Quais são as técnicas desenvolvidas pelos artesãos associados?
- 2.21 Existe algum incentivo pela Associação dos Artesãos e pelo Poder Público Municipal para o desenvolvimento e manutenção do trabalho artesanal?
- 2.22 Como ocorre a inserção da Associação na comunidade local (Lajeado)?
- 2.23 Como é o seu relacionamento com os artesãos?
- 2.24 O que é cidadania para você?
- 2.25 O que é ser feliz para você?
- 2.26 Quais suas perspectivas de futuro para o meio ambiente e o planeta?

ANEXO B - Entrevista semiestruturada direcionada a artesãs vinculadas à Associação dos Artesãos do Alto Taquari

1. Identificação e dados objetivos

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Estado civil:
- 1.4 Profissão dos pais:
- 1.5 Etnia:
- 1.6 Religião:
- 1.7 Grupo: Aposentada () Em atividade ()
- 1.8 Escolaridade:
- 1.9 Descendente de imigrantes: () Sim () Não
Se sim, qual:
() Italiano () Alemão () Outro, citar: _____
- 1.10 Com quem aprendeu o ofício de artesã?
- 1.11 Por que o interesse em trabalhar com artesanato?
- 1.12 O que significa o trabalho artesanal para você?
- 1.13 Há quanto tempo trabalha com artesanato?
- 1.14 Qual(quais) a(s) técnica(s) você desenvolve?
- 1.15 Você usa material(is) reciclado(s) em seu trabalho? Qual? Por quê?
- 1.16 Na sua opinião, o que você produz ajuda a preservar o meio ambiente?
- 1.17 Alguém ajuda você neste trabalho?
- 1.18 Você participa das feiras promovidas pela Associação?
- 1.19 Você expõe suas peças na Casa do Artesanato?
- 1.20 Tem outra(s) atividade(s) além do artesanato?
- 1.21 Quem faz os serviços domésticos na sua casa?

2 Questões abertas

- 2.1 O que você faz no tempo livre?
- 2.2 Que programa de TV gosta de assistir?
- 2.3 Tem assinatura de algum jornal e/ou revista? Qual? Por quê?
- 2.4 Como é a divisão do seu tempo entre o trabalho, sua família e o lazer?
- 2.5 Na sua opinião, o trabalho da mulher é diferente do trabalho do homem?
- 2.6 O que você pensa sobre a mulher trabalhar?
- 2.7 Como soube da Associação dos Artesãos do Alto Taquari?
- 2.8 Quando ingressou na Associação dos Artesãos do Alto Taquari?
- 2.9 Houve em algum momento desistência e retorno à Associação?
- 2.10 Na sua opinião, qual o benefício de fazer parte da Associação?
- 2.11 Como você se sente fazendo parte da Associação?

- 2.12 O que você espera da Associação?
- 2.13 Como é o seu relacionamento com os demais artesãos? E com a presidente?
- 2.14 Qual a importância do trabalho na sua vida?
- 2.15 O que é cidadania para você?
- 2.16 O que é ser feliz para você?
- 2.17 Quais suas perspectivas de futuro para o meio ambiente e o planeta?



ANEXO C - Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento

Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento

A presente pesquisa vincula-se à Linha de Pesquisa, Espaço, Ambiente e Sociedade do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES e tem como objetivo o estudo sobre Mulher, Meio ambiente e Modo de Vida Sustentável, por meio da Associação dos Artesãos do Alto Taquari.

Para este estudo serão realizadas visitas com caráter de observação e acompanhamento de processos *in loco*, bem como entrevistas semiestruturadas e individuais.

Os dados levantados serão utilizados na compreensão de como as práticas do trabalho artesanal feminino podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para a construção de um modo de vida sustentável. Nesse sentido, desejo sua autorização para gravar a entrevista, evitando perda de informações durante o diálogo no qual você é participante.

Considerando que esta é uma pesquisa científica, seu nome e as informações concedidas serão tratados de forma ética e sigilosa, como requisito para a dissertação de mestrado em Ambiente e Desenvolvimento.

Lajeado-RS,de 2009.

De acordo com o Termo, manifesto minha concordância.

Artesã

Bernardete Bregolin Cerutti – Pesquisadora
Fone: (51) 9712-5833
Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento